

A close-up, artistic photograph of a woman's face, focusing on her eyes and mouth. She has dark, possibly red, hair and is wearing bright red lipstick. Her eyes are closed or looking down, and her mouth is slightly open, showing a soft smile. The lighting is warm and dramatic, highlighting the texture of her skin and the color of her lips.

O SORRISO DE PANDORA

JAN VAL ELLAM

O SORRISO DE PANDORA

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA



SUMÁRIO

Introdução

1. Ecos de um Passado Esquecido
2. Os Anais de uma Cultura Perdida
3. Prometeu e os Olimpianos
4. A Maldição do Rei dos Deuses
5. O Vício de Epimeteu
6. A Opção Inusitada de Pandora
7. Enfim, um Sorriso
8. O Enigma da Esperança
9. Adão e Eva Bíblicos
10. Livre da Maldição
11. Indisfarçável Herança
12. Menosprezo Inconsequente
13. Cuidado com o “Ide e Pregai”
14. Fim do Silêncio

Posfácio

Sobre o Autor

Projeto Orbum

Roteiro de Livros

IEEA

INTRODUÇÃO

Por entre risos e lágrimas, Pandora sobreviveu.

Surgida para a vida no meio de uma intriga entre Zeus e Prometeu — que havia engendrado os primeiros homens — foi ela o “presente” idealizado pelo Senhor do Olimpo para dele se vingar, infelicitando a sua criação: *“dar-lhes-ei um presente funesto que lhes encantará a alma, e adorarão o seu próprio flagelo”* (Hesíodo, na sua obra “Os Trabalhos e os Dias”).

Zeus ordenara a Hefesto que engendrasse uma criatura maravilhosa, semelhante a eles, os deuses imortais.

Surgiu, assim, um demônio feito mulher, para castigar a ousadia do titã Prometeu. Por força da ordem de Zeus, os demais deuses se excitaram para adorná-la com suas “bênçãos”, com o intuito de fazer dela um objeto de cobiça a quem ninguém poderia resistir.

Recebeu de Atena, de Afrodite e de outros deuses, prendas deslumbrantes que enfeitiçavam quem a olhasse. Hermes lhe atribuiu o “espírito” de uma cadela e o temperamento dos ladrões dos quais ele era o protetor.

“Os deuses imortais e os homens mortais iriam maravilhar-se com a visão desta armadilha, profunda e sem saída, destinada aos humanos. Pois foi dela que saiu a raça, a súcia maldita das mulheres, terrível flagelo instalado no meio dos homens mortais” (Hesíodo, na “Teogonia”).

Viu-se, assim, Pandora, aquela que tem todos os dons (*pan*, “tudo”, e *doron*, “dom”), como instrumento de um ardil cujos escombros, até os tempos atuais, produzem os seus efeitos na história da humanidade. Em que sentido? Começou errado e assim continua!

Acostumada, ela própria, a se deixar utilizar para os fins dos “pais da sua estirpe”, não mais se permitiu ser, então, utilizada por Zeus para desencaminhar o destino inusitado da espécie a que passou a pertencer, ainda que sem ter se preparado para a sua natureza. Aos poucos, ela mesmo foi quem construiu o seu psiquismo de primeira mulher-humana, contrariando por completo as expectativas dos deuses do Olimpo.

Sua história representa a jornada da humanidade que, também desprezada pelo seu autoproclamado mentor-criador, percebeu-se como pecadora ainda mesmo antes de ter cometido qualquer equívoco

intencionalmente, porque quando se age sem conhecimento e sentimento racionalizados, a isso não pode ser atribuído erro, a não ser por abuso de autoridade ou tirocínio dementado.

Poucos percebem, se é que alguém percebe, mas nós, os humanos, fomos chamados de “pecadores” pelo simples fato de termos nascido a partir de uma mulher que não deveria ter tido relações depois de ter se libertado mentalmente do jugo dos deuses. Não foram os erros que os “filhos de Pandora” viriam a cometer que transformariam esta humanidade em “pecadora”, mas sim, o simples fato de existirmos a partir da “primeira mulher pecadora” que desencaminhou a atual espécie humana.

“Absurdo!”, é pouco para definir a lógica dos “deuses” de então, depois assumida como sendo a do próprio criador bíblico que reproduziu a história se colocando como autor e ator de um processo que, na verdade, corre a sua revelia.

Apesar de ter sido bem mais famosa que a Eva atualmente conhecida, as páginas do seu passado perdido foram recitadas bem antes, nos contos pré-helênicos, quando sequer havia surgido o povo hebreu que imortalizaria outra personagem feminina no seu lugar de mãe de uma nova geração de humanos da Terra, a partir da sua decisiva atuação.

Sua memória sobreviveu num mito, ainda que a sua longuíssima existência tenha sido motivo de contrariedade e de surpresas, não só para Zeus e toda a geração de deuses do Olimpo, como para os Titãs, com cuja genealogia foi obrigada a se consorciar, ao se tornar “companheira” de Epimeteu, irmão de Prometeu, os dois titãs que cuidavam dos humanos por eles gerados.

Do status de esposa demoníaca de Epimeteu, também um demônio, à condição de primeira mulher convivendo com os humanos mortais, Pandora transitou por entre situações jamais vislumbradas pelo conhecimento terreno, pelo menos até agora.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de progenitora agora se faz apresentar pelos túneis de um tempo que a esqueceu, mas cujos alicerces jamais soçobraram, mantendo-o vivo até a atualidade, e eis que agora ele se renova.

É novamente tempo de Pandora, só que nesses tempos atuais ela traz consigo uma outra “caixa” que somente parece conter revelações de episódios que precisam ser resgatados no presente, possibilitando um

futuro de coexistência entre pares de uma novela cósmica que está longe de ter seu fim.

A própria voz da sua estranha personalidade, do seu modo único de contar uma história perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, é que agora ecoa desde o pretérito desconhecido até o que está no presente, por fim, para ser revelado aos seus descendentes.

Sem as bênçãos dos que a criaram e, sem sequer se preocupar com a aquiescência do criador dos céus e da Terra, que até os tempos atuais se apodera dos eventos ocorridos no âmbito do que julga ser a sua obra, o seu silêncio ora se desfaz sob os efeitos do burburinho de uma chamada pós-modernidade cuja ignorância parece não ter limites.

A ninguém ela se preocupou em agradar, nem muito menos poupar pelas atitudes criminosas cometidas por seres que se autoproclamaram deuses, quando tão somente eram individualidades demonizadas, advindas de uma contenda que teve lugar nos primórdios dos tempos universais.

Esse inusitado episódio, teve o condão de definir os rumos de uma dementada estirpe que então surgiu para a vida, e que até os tempos atuais tenta entender o seu próprio passado, como também o porquê de se encontrarem prisioneiros das suas criações mentais, que é o estado aflitivo em que hoje a maioria deles vive.

Obrigada a permanecer em silêncio por força do desconhecimento coletivo dos que vivem na Terra, ela sempre optou por se deixar silenciar pelas forças que pretendem a dominação da humanidade via temor, ignorância e isolamento. Mas era apenas a espera estratégica por um momento em que pudesse valer o tesouro do seu conhecimento sobre um tempo hoje tachado de lendário, pelos que ingenuamente pontificam a respeito do que desconhecem, apesar de que se esforçam bastante por aparecerem como “doutores” de uma história sobre a qual nada sabem. Pousam com diplomas e títulos, mas destituídos de conteúdo e da capacidade de compreensão, não logram ofertar argumentação razoável para o passado que desconsideram como verídico por dele nada saberem.

Esses escritos são frutos de uma atitude unilateral de sua parte, que se alicerça na ousadia da sua componente humana que, em sendo, pelo menos em parte, produto do seu então jeito de ser, conseguiu ela semear uma curiosidade indevida numa mente já cansada de tantas revelações estranhas sobre o desconhecido, como é o caso deste aflito escrevente.

Mas se véus existem para serem descerrados, permitindo que o oculto venha novamente a se fazer enxergar pelos que nasceram com olhos para perceber o que nem mesmo os anjos e deuses do passado sequer ainda sabem, eis que o seu silêncio ora se encerra e desvela os painéis das origens de uma família planetária que hoje tem sobre os ombros a difícil tarefa de pontuar, com o seu progresso — sem que disso o saiba conscientemente — os destinos de toda uma criação universal.

Mais que isso: as estirpes demonizadas que contribuíram, consciente ou inconscientemente, para o surgimento desta humanidade, dela agora dependem para poder alcançar algum padrão de progresso e de conquistas legítimas no campo da aspiração pela paz e do bem-estar espiritual.

Infelizmente, ainda que decorridos tantos evos, muitos do que foram tidos como deuses, e que foram atores e atrizes de páginas dolorosas desse passado desconhecido, sequer conseguem se enquadrar entre os que abraçam os seus pares em desgraça existencial, sendo, muitos deles, ainda mera sombra do equívoco que suas personalidades representaram no pretérito.

Começa, portanto, o fim do seu silêncio!

Eis que ela acorda de um pesadelo profundo para tentar contribuir com a construção de um novo modo de se viver na Terra e em diversos âmbitos desta complicada criação, onde se encontram agrupados muitos dos que foram os seus contemporâneos da época em que os deuses mandavam por aqui.

O principal problema, em toda a nossa história, é que os “mandantes” jamais conseguiram “mandar em si mesmos”, o que aponta para um atraso espiritual dos mais lamentáveis.

A questão é que o “problema continua sério”, ainda que disso ninguém saiba. Afinal, um espantoso passado, continua a permanecer escondido por trás de uma cômoda e ingênua classificação de lenda.

Sancta simplicitas!

Atlan, 17 de abril de 2014.

Jan Val Ellam

ECOS DE UM PASSADO ESQUECIDO

Valeu a pena acordar.

Encontrei um apoio para a minha motivação pela vida.

Há muito não sentia o gosto pelo pensamento, pela palavra, como se hibernasse por entre as brumas frias de um passado cujo futuro jamais parecia chegar para mim. Chegou! E veio de um jeito humano... que não esperava mais ver naqueles a quem considero como meus descendentes.

Não sou sequer razoável na arte de amar, portanto, não esperem que lhes chamem de meus filhos e filhas queridas, pois não pertence a mim este estilo já que não pude amar quando intentei, e hoje, vendo o romantismo surgido no mundo, a ele não consigo me alinhar por secura de coração.

Amo com um certo esforço, o reconheço, e não amo a muitos, pelo menos entre os meus contemporâneos de um tenebroso passado de cujas lembranças procurei me libertar e não consigo. E o confesso: nesses tempos em que vivo desisti mesmo de fazê-lo. Agora o reviverei numa postura de honestidade para os que me seguiram a existência numa estirpe que, gerada nas entrelinhas de um história pobre e triste, jamais foi confessada pelos seus reais autores e atores aos demais seres do universo. Não porque alguém assim determinou ou impôs alguma estratégia sobre a questão. Não! Simplesmente nunca havia surgido uma oportunidade para fazê-lo em moldes que me agradassem.

Não ajo autorizada por quem quer que seja e disso não preciso e nem desejo. Decido o que quero e posso fazer. Não sou espírito em missão e nem nisso acredito pois nada costuma dar certo quando daqui sai com este tipo de “embrulho”. Esses pacotes todos costumam serem transformados em religião e disso tenho fugido pois, seja por desdita ou sorte, sei o que está por trás desse “vício sentimentalóide” que vitima boa parte desta humanidade. Sei como isso começou e porque foi feito. Pelo que sei, nada tem a ver com o Deus Verdadeiro: é “coisa” de entidade adoentada cujo germe adoece quem com ela se consorcia.

O que cada casa planetária universal conseguiu aferir dessa história foi por mera inferência ou dedução do senso crítico da natureza mental de seus habitantes. Infelizmente, são bem poucos os que, deste universo, podem isso ostentar, em níveis que lhes permita a reflexão crítica. Estranhamente, a raça terráquea é, na atualizada, a mais extremada

exceção ao intento dos “deuses” que sempre viram nas criaturas biológicas meros instrumentos das suas necessidades e de seus prazeres, pelo menos enquanto se sentiram no pretenso comando da situação.

Dez universos desses, com todos os seus problemas, e dez tempos universais, com toda sorte de dificuldade, deveriam vir à tona somente para servir de escola de purgação para todos os “deuses” que se permitiram existir na prosaica condição de “donos das vidas” das criaturas que eram por eles geradas.

A minha parte agora o faço, ainda que não me culpe pelo ocorrido, pois fui manipulada por necessidades caprichosas de muitos seres apartados da dignidade e da decência existenciais. E o farei, às vezes assumindo a condição humana já acumulada no meu psiquismo espiritual como produto das reencarnações que empreendi, outras, com a minha personalidade demoníaca que traz consigo traços de uma “velhice” que choca o entendimento humano. A dificuldade que tenho de transferir o foco da minha consciência pessoal de um estado para outro é nenhuma! Assim, irei proceder de acordo com o tema abordado e/ou em relação ao que desejo expressar.

Em verdade, nem eles nem ninguém, na minha época humana — a não ser eu mesma, o meu companheiro e os nossos descendentes — possuía a sensação da dignidade, da honra. Os seres que nos cercavam, fossem eles quem fossem, não demonstravam a mais remota noção de gentileza, de respeito, que hoje são parâmetros de postura comuns aos terráqueos minimamente evoluídos.

Parecia que nós, os humanos terráqueos, já nascíamos como se “prontos”, “completos”, em relação a alguns misteres da vida, se comparados a outras espécies daquela época, incluídas as que vinham de fora. Contudo, antes de ter sido humana, a minha individualidade havia sido originalmente gerada como um ser dotado de poder mental, de certa dose de sensibilidade, mas com um tipo de **edificação corporal meio que fluídico, metamorfoseável**, bem diferente de tudo o que atualmente pode ser concebido pela mente humana. Assim eram e ainda são as diversas classes de demônios.

Voltarei a um tempo do qual não tenho sequer uma boa recordação, para dele retirar, por agora, as informações que me eram então disponíveis sobre os primórdios da criação. Estas se encontravam registradas no compendio da cultura demoníaca que surgiu somente após

a primeira contenda havida entre o criador e o primeiro que se fez rebelde.

Nesses primórdios, nem mesmo a minha individualidade demoníaca havia sido gerada, pois somente passei a existir para o âmbito interno desta criação, alguns bilhões de anos depois do surgimento deste universo.

As notícias que colecionei sobre os tempos iniciais, dizem de um tempo em que as forças poderosas que atuavam na criação estavam se consolidando em duas ordens de poder distintas: a do criador e a de um oponente que também havia mergulhado na sua obra para, caso possível, destruí-lo, como também à obra como um todo, ou simplesmente diminuir, educar o poder do criador que atuava louca e ferozmente, somente produzindo mais problemas para si e todos os então viventes.

Pelo que se registra na cultura dos seres demonizados, o **criador, seja naquela época ou mesmo agora, sempre teve uma incomensurável dificuldade para se enxergar como pessoa**, como uma individualidade, aspecto que somente nos últimos milhões de anos do tempo do universo, contado à moda da Terra, começou a ter lugar no seu psiquismo.

A **cultura dos demônios**, sobre a qual pretendo me referir de modo mais abrangente ao longo desta narrativa, **remonta há, pelo menos, cerca de onze bilhões de anos, quando**, por acidente em pleno incidente, surgiu o tipo de “código de vida” que passou a marcar a mais numerosa família dos seres viventes no âmbito da criação, seja nas moradas demoníacas ou mesmo no nível deste universo de viés biológico.

A já referida dificuldade psicológica do criador, em se ter como um “alguém” mais compreensível para a lógica humana atual, deveu-se a algum problema ocorrido no momento primeiro da geração da sua obra, nos instantes iniciais quando esta se projetou da sua mente para o nível de existência que até hoje a marca com suas limitações e esquisitices — como este humano costuma apontar.

Por não se ver como “alguém”, o criador jamais se viu como uma pessoa, mas sempre sentiu-se como um processo frio, calculista, imperioso, inflexível, imponderado, compulsivo, que precisava se manter vivo e atuante, embora o significado de “vivo”, para “aquilo”, ou seja, o

que dele se tem notícia nos seus tempos iniciais, não deveria mesmo fazer sentido.

Parecia não existir consciência, de sua parte, que “aquela coisa” — a quem não se deveria empregar o pronome demonstrativo “ele” — estava viva e causando problemas a si mesmo, a tudo o que criava e ao ambiente onde se encontrava, e jamais parava de produzir outros “aquilo” que também não demonstravam ter consciência de coisa alguma. Simplesmente, imitavam e procuravam escapar de serem destruídos por “aquilo”, quando “aquilo” ficava “furioso”, pois não havia lógica possível para ser compreendida e nem muito menos focos de compreensão sobre coisa alguma, a não ser seguir o impulso da herança “daquilo recebida”, que era o de sobreviver a qualquer custo, inclusive e principalmente, às loucuras “daquilo”.

Algoritmos iam e vinham definindo aquelas **aberrações** que atuavam, todas elas, na sequência existencial que “aquilo” criara para si, quando da sua queda sabe-se lá de onde.

“Queda” foi um conceito que passou a existir somente quando teve lugar a cultura demonizada, momento zero em que os primeiros conceitos críticos sobre o **“princípio de tudo”**, assim percebidos pela ótica demonizada, tiveram lugar na história universal e passaram então a ser devidamente registrados.

O inapreciável e desolador daqueles primórdios foi que as citadas individualidades, nenhuma delas tinha a mais remota noção de coisa alguma do que hoje, para a lógica dos humanos, deveria ser o óbvio e o comum sobre os acontecimentos daqueles tempos. Nada podia existir de razoável, porque eram “coisas” que não pensavam, não sentiam, não descansavam, e que tentavam de tudo, operativamente falando, para construir algo que fosse parecido com uma organização inteligente composta por seres individualizados, todos, porém, dependentes do “mais forte”.

Foram cerca de quase **600 milhões de anos** — que tiveram lugar ao longo do **segundo bilionésimo temporal** desde que a criação surgiu — **até que aquelas “coisas” pudessem construir algo que se assemelhasse a um “corpo operativo”** que fosse aceitável ao olhar da atual lógica terrena.

O caso da **organização pessoal do “corpo operativo” do criador** era, como ainda é, paradoxal. Por um lado, algo patético, se observado

na perspectiva da atual lógica terrena, mas, por outro prisma, singularmente heróico, pois o que ele conseguiu, provavelmente, se fosse outra a divindade caída, esta teria permanecido em estado inercial até que pudesse ser reavivada de algum modo que sequer ousou aquilatar.

Caos (Brahma ou Javé), o criador, ao contrário, **se soergueu do nada, apenas com a sua força mental** incompreensível até mesmo para nós, mas a sua forma era absolutamente indescritível e deixarei mesmo para que este humano a ela se refira, se for o caso, em uma outra obra que sei estar sendo produzida por meio de uma **quase hipnótica regressão mental que o criador está realizando** para recompor em si mesmo os penosos painéis do seu início. Assim ele está agindo para que a sua história possa ser melhor entendida por ele e por todos os que precisam se reunir em vibração para contribuir com o seu progresso de redenção, que, suponho, um dia virá.

As demais entidades clonadas, estas também tentavam produzir corpos que seriam absurdamente definidos em critérios milimetricamente trabalhados e que permaneciam no entorno do criador como uma espécie de um **“exército do absurdo”**, porque até aqueles tempos nada havia para ser confrontado.

Dentre eles, alguns pareciam ter relação de semelhança, como se fossem parte de uma “descendência familiar”, enquanto outros, ainda que de uma mesma linhagem, eram abusivamente diferentes entre si, mas **todos se comportavam como extensão do corpo do criador** que se assumia como sendo o princípio e o fim de tudo aquilo, mania que até esses tempos atuais ostenta no seu complicado psiquismo.

Conta a **cultura demoníaca** que, a partir de um certo ponto dessa história, quase sempre dois ou mais daqueles corpos operativos se confrontavam, e o motivo não era compreensível para os nossos primeiros demônios historiadores daqueles episódios.

A razão daqueles combates não passou à posteridade, ficando apenas o registro dos fatos sem a explicação para os mesmos no âmbito da nossa cultura. Não teriam sido poucas as vezes em que o criador procurou destruir os que se enfrentavam, mas somente podia diminuir ou aniquilar os poderes dos contendores, ou parte deles, sem, contudo, destruir aqueles corpos que se tornaram **“indestrutíveis”** para o conhecimento dos que os haviam criado.

Algo no meio daquele contexto aparentemente caótico parecia conduzir aquela estanha sociedade, formada por algumas centenas de milhões de “coisas operativas”, na direção de tornar os seus membros mais afeiçoados a um padrão de existência pessoal menos mutável, pois que muitos deles viviam como se fossem corpos multifacetados, dependendo da situação.

Teve lugar, então, uma **aparente descontinuidade no processo criativo**, pois surgiu, dentre aqueles seres robotizados, uns poucos que passaram a ostentar um outro padrão de conduta para com o criador e entre eles mesmos.

Novas formas de energia pareciam emanar de alguns daqueles seres, mas estas somente trouxeram mais problemas entre as sucessivas gerações que surgiam. Nesse ponto da narrativa, a quantidade daqueles entes havia chegado ao perturbador montante de cerca de **892 milhões de seres individualizados**. Era um exército inconsequente de robôs, sob o comando de um ser enlouquecido pela dor, pela solidão e pelo desespero de não possuir parâmetros para compreender o que estava se passando e quem era ele e aquela “horda de seres-coisas” tipificados sob as mais variadas formas, que somente se movimentavam quando comandados.

Já eram **decorridos cerca de 2,2 bilhões de anos** desde que a criação havia sido ejetada da mente do criador que terminou caindo na própria obra e agora era obrigado a existir no âmbito interno do que havia sido gerado, quando um evento singular teve lugar dentre aqueles seres. Foi quando o chamado **clone oponente** se apresentou após ter **agredido cirurgicamente o criador na sua capacidade de gerar mais seres a partir de si mesmo**.

Na **cultura demonizada**, cujo legado teve início exatamente com as “notícias” que a mente do **clone opositor conseguiu transmutar da sua natureza de clone para o seu novo nível de personalidade demoníaca**, após o castigo que lhe foi imposto pela fúria do criador, há o registro de uma questão que importa a todos nós, os que hoje podem pensar.

Isso porque se não tivesse tido lugar a tal agressão, os clones não a teriam exaustivamente estudado, pois o criador deu-lhes folga mental para que a “mente coletiva” da sua hierarquia pudesse encontrar a explicação para o fato que ele sozinho não estava conseguindo arquitetar. Esse primeiro “afrouxamento” do controle da mente do criador sobre as

suas criaturas foi o que permitiu o desdobramento dos fatos até os dias atuais.

Dito de outro modo, a tortuosa articulação dos fatos que puderam tornar possível a “agressão inteligente”, sob a perspectiva do clone oponente, e “covarde” — como até hoje a classifica o criador e seus fiéis membros da sua hierarquia de controle — é que teria permitido, com o passar do tempo, os primeiros vislumbres de **liberdade mental para muitos deles**.

“Liberdade mental?”, poderá alguém dentre os humanos questionar.

Sim, liberdade mental, pois isso sempre havia sido impensável para qualquer um daqueles seres até que o clone oponente provou ser possível conseguir a independência de pensamento, ainda que vivendo submetido a um corpo totalmente robotizado, subserviente à vontade do criador, aspecto que marcava a todos aqueles seres gerados a partir do seu código de vida, que era repassado a cada vez que gerava um outro ser.

Esse processo de repasse foi, muito tempo depois, estudado pela cultura dos demônios. Percebeu-se, então, que o criador jamais teve noção ou consciência do que ele fazia, ao gerar os primeiros instrumentos. Agiu sempre levado por circunstâncias superlativas no campo da necessidade de se manter vivo e atuante, como já o disse, enquanto procurava organizar a realidade a sua volta.

Até esse ponto, os demônios pensam que ele jamais havia percebido a outra grande faixa de realidade situada além dos limites daquela em que se encontrava. Aqui, estou me referindo ao universo no qual todos nós fomos levados depois a viver.

O humano do qual me sirvo começou a receber informações as quais os demônios jamais puderam ter acesso, porque as suas mentes não tinham — e nem ainda possuem — “algoritmos mentais” para a lógica que oferta suporte para esse tipo de compreensão. Além disso, hoje o sei, falta-lhes ainda a “noção espiritual” atuante nos seus psiquismos, para poder tornar possível certos sentimentos, como o altruísmo, o amor mais elaborado, desinteressado, dentre outros aspectos.

Apesar dessas lacunas no modo demoníaco de existir, ainda assim se pode viver bem, com prazer intelectual e sensório, mas sem a noção de paz profunda, de satisfação espiritual e de “sensação de felicidade” que qualquer humano pode ter.

Como será demonstrado neste livro — pelo menos é esta a minha expectativa apesar do receio que sinto do mesmo não vir a ser publicado pelo senso crítico do humano que me apoia nessas lembranças — **os demônios participaram ativamente da criação da espécie homo sapiens, penso que bem mais do que a cultura humana gostaria de um dia saber.** Ainda assim, devemos praticamente todo o conteúdo crítico que hoje a nossa cultura possui ao desenvolvimento da lógica comum à natureza humana terráquea da qual muito está sendo assimilado.

Se um só dos filósofos da Terra — **nós, demônios, não temos significação mental para muitas das nossas expressões,** o que nos impede de construir uma “filosofia demoníaca” — pudesse imaginar o quanto a sua busca, as suas formulações mentais, ajudam na “transição de fase” que o nosso psiquismo vem recebendo a cada vez que uma massa crítica do lado da existência demoníaca absorve o que roubam das experiências humanas, ele teria um choque, ficaria estupefato com este pano de fundo desconhecido por trás da evolução do pensamento humano.

A natureza dos que vivem racionalmente na Terra, tem nos levado a dar saltos nas nossas buscas tremendamente tortuosas pelo que chamamos, vocês e nós, de “verdade”. Nem mesmo os três grandes dentre nós parecem dela estar próximos, tantas são as suas variações em torno do tema.

Houve um tempo da nossa história em que não percebíamos quão distantes nos encontrávamos da verdade. Contudo, desde que os humanos da Terra surgiram, pegando carona nos seus postulados filosóficos lentamente construídos, fomos, de nossa parte, arquitetando um entendimento que somente piorou tudo por aqui, e como consequência disso, até hoje o grau de cobrança que é endereçado à Tríade (o mesmo que a trimurti hindu – nota do autor terreno, n.a.t.) a cada dia passa a ser mais perturbador para eles.

A sorte é que todos os demônios estão aprisionados nas suas “moradas originais” e outros em “prisões dimensionais” erigidas a partir da fúria mental do criador quando da contínua situação de punição a muitos grupos, fatos estes ocorridos ao longo desse bilhões de anos, **quando Caos ainda tinha força mental** para tanto. O drama é que ele a perdeu, e agora, **nem ele nem ninguém, consegue abrir as tais prisões**

para que de lá possam sair um número chocante de seres demonizados para serem assistidos de alguma maneira.

É uma drama universal que choca mesmo aos demônios. A Tríade, estranhamente, parece conviver bem com esse assunto pois os seus membros continuam a disputar “posses mentais” que somente a eles interessam, enquanto o sofrimento e o desespero tempera a vida de incontáveis seres que jamais pediram para existir nesse desacerto existencial.

O humano do qual me sirvo apresenta muita dificuldade para aceitar que eu me expresse com os termos que gostaria, para dizer do meu repúdio em relação a tudo o que está posto e sem conserto, pelo menos até o momento. Sequer existe algum tipo de vislumbre em relação a uma possível solução, pelo menos de minha parte.

Aqui **me expresso com a minha natureza demoníaca**, eu que sou um dos entes demonizados que se encontra com **trânsito livre** por já ter no passado **nascido em algumas oportunidades redentoras no seio desta humanidade**.

Ah! Como nos são bem vindas, a nós demônios, que não temos opção de progresso, as vidas que podemos ter na Terra e em outros mundos evolutivos. Comigo, tal se deu quando num acidente que aqui narrarei, **a minha condição demoníaca foi escolhida para se fazer a primeira mulher da espécie homo sapiens**, abrindo, assim, caminho para que muitos da minha estirpe me pudessem seguir os passos, encontrando a guarida preciosa da possibilidade de progresso na veia biológica espiritualizada — hoje o sei — desta espécie cuja função no concerto da vida universal somente as gerações futuras poderão descortinar.

Na verdade, isso dependerá das informações que puderem agora ser produzidas, o que, infelizmente, aponta para barreiras potencialmente intransponíveis no programa encarnatório dos que se disponibilizaram para levar o projeto da chamada “revelação cósmica” adiante para os que vivem na Terra.

Atentem que, o que é aí na Terra semeado em termos de esclarecimento, imediatamente é contrabandeado para aqui, sem que disso saibam os terráqueos.

Certa feita, não faz muito tempo, estava acompanhando este humano em suas reflexões — período em que o procurava conhecer para

poder tentar invadir ou interagir com a sua sensibilidade — quando o flagrei pensando em que ele sempre parte do pressuposto de que o ser terráqueo somente consegue arquitetar, no campo do conhecimento, o que lhe permite a época na qual ele se encontra vivendo.

Para a minha surpresa, ele era o único de tantos quanto daqui pude verificar, a estar sendo obrigado a conhecer certos aspectos da criação e do criador, aspectos estes que haviam permanecido ocultos até esses tempos atuais.

Quando ele conseguiu superar a etapa na qual sequer aceitava que o que lhe estava acontecendo pudesse ser verdade, e não questões relativas à obsessão espiritual ou mesmo a um “teatro extraterrestre demonizado” que lhe estava sendo imposto como fatos reais no espaço-tempo em que vive, foi quando ele deu “uma chance aos fatos”. De minha parte, resolvi me aproximar, pois pude, então, perceber a estranha conspiração ao seu redor, que o colocava num incômodo epicentro de um “tremor cósmico-espiritual” de magnitude impossível de ser aferida.

Se aquilo tudo estava ocorrendo à revelia da vontade do terráqueo, pensei, era porque forças desconhecidas, porém ligadas à geopolítica dos Senhores da Criação, estavam operando para que tal se desse.

Dentre os demônios, pelo menos os mais “velhos e experientes”, sabem que quando daquelas três forças, pelo menos duas convergem para algo, é porque estavam agindo de modo a obedecer a alguma estratégia advinda de dois daqueles senhores, que são cúmplices na fé de que, um dia, o criador possa se pacificar ou progredir, ou coisa que o valha.

Um dos seus problemas é o de que, quase sempre, pelo menos ultimamente, ele somente percebe os eventos ao seu redor quando os mesmos já estão estabelecidos, o que normalmente lhe tira do sério, se é que este padrão existe como “normalidade” no seu psiquismo.

Foi quando percebi que, alguém (ou alguns) havia decidido que **era chegada a hora para os terráqueos conviverem com um aspecto absurdo da verdade que sempre permaneceu oculto para muitos seres do universo**. Assustei-me ao notar que, no caso dos humanos da Terra, pelo menos nos aspectos em que agora está sendo revelado “na base do que for possível ser feito”, o que está sendo produzido se alicerça somente neste do qual me sirvo, o que é muito complicado pois

concentra as forças negativas que pretendem isso impedir em torno da sua pessoa.

O enigmático é que tanto ele quanto eu achamos que **a atual geração de terráqueos ainda se encontra em plena infância espiritual**, o que nos obriga a avaliar que essas revelações, apesar de agora produzidas, servirão, sim, para as gerações futuras terem ao menos um parâmetro para poderem agir livres da estupidez filosófica que atualmente marca os parâmetros religiosos e políticos que vigem neste mundo.

Antes, porém, de direcionar a minha narrativa para os tempos em que surgi para a existência, devo, ainda, fechar o meu entendimento sobre como a Tríade se constituiu, pois foi como consequência dessa “**institucionalização do absurdo**” que a minha condição demoníaca — e a de muitos outros — passou a existir.

OS ANAIS DE UMA CULTURA PERDIDA

Muitos demônios das primeiras horas, presenciaram os incontáveis impasses entre os da minha estirpe, como também destes para com seus progenitores e ancestrais, descendentes diretos dos chamados **Senhores da Criação**. Não foi, entretanto, este o meu caso pois **fui criada só muito recentemente, há cerca de 74 mil anos**.

Tive que **buscar, nos registros da história demoníaca**, as notícias relativas a todas essas questões. A mais formidável cultura das muitas que existem, pouco serve para os que dela cuidaram já que o “modo de pensar demonizado” aproxima-se do seu fim. A dose de racionalidade e de senso crítico que pautaram a leitura dos fatos, hoje sabemos, não foi suficiente para bem traduzir a complexidade de tudo o que aconteceu. O que foi acumulado durante praticamente toda a história universal, tem servido tão somente como base de dados pontuais para serem utilizados por outras naturezas que não existiam à época dos fatos que tiveram lugar nas primeira etapas da história universal.

Tudo precisa ser reescrito, agora partindo de um senso crítico amplo e espiritualizado que possa “ler os fatos” sem tecer “juízo de valor” e sem “emocionalismos infantilizados”. Eis o que nós temos chamado de “Revelação Cósmica”, pois os primeiros apontamentos estão sendo resgatados pela natureza humana terráquea, aspecto este que apresenta um painel bastante diferenciado em relação ao que este humano tem comumente se referido ao conceito-tema em foco já que as suas preocupações estão mais relacionadas em bem diferenciá-lo da Revelação Espiritual da segunda metade do século XIX.

No que se refere às consultas que costumeiramente faço na fonte que me está disponível, pude perceber claramente que as gerações que me antecederam, viveram momentos decisivos que terminaram estabelecendo os padrões que até hoje definem os rumos dos viventes desta obra problemática. E isso assume um “peso cármico” bastante complexo e mesmo difícil de ser apresentado para a análise da lógica humana. Foram momentos em que as decisões tomadas no decurso dos fatos terminaram por complicar ainda mais tudo o que já era caótico. Mas, isso, quando observamos com os olhos do “presente” alicerçados numa visão crítica e racionalizada. Mas quando não era assim? O que dizer de um tempo em que esses parâmetros sequer existiam? Como julgar, hoje, o que os seres do passado fizeram quando nem mesmo eles

sabiam o que estavam sendo levados a fazer? Como costumamos dizer nas nossas “raras conversas do lado de cá”, era o império das circunstâncias daqueles momentos. E, afinal, quem tem responsabilidade sobre as antigas e atuais circunstâncias que envolvem a todos os viventes desta criação indevida?

Este é o ponto mais crítico de toda esta questão. É quando as mentes demoníacas se perdem na abordagem do tema, e penso que os humanos terão também a sua cota de problemas, quando chegar o momento de lidarem com o que estava oculto. Eis que os tempos chegaram! Ainda bem que os humanos podem amar, perdoar e possuem um tempo de vida bem curto — esses temperos impedem movimentos estéreis em âmbito cósmico!

O momento crucial da história universal naquela etapa, deu-se no estabelecimento do maior impasse jamais observado entre as diversas classes de seres até então existentes. Foi quando surgiu um dos protagonistas mais expressivos de toda essa questão. Nessa **população** estou incluindo **as diversas linhagens de clones do criador e as multifacetadas estirpes demoníacas** que passaram a existir logo após a punição imposta pelo criador àqueles clones a quem considerou como traidores, **punição esta que deu origem aos demônios**, inexistentes até aquele momento.

Deixo claro que. **em muitas passagens desta narrativa, vou me expressar por meio da minha natureza demoníaca**, e não sou dada a me preocupar com expressões gentis e amorosas, pelo que agradeço ao humano que me serve de “voz” por não distorcer este traço da minha personalidade. Não sou agradável porque nada do que conheço posso considerar como sendo agradável. Em toda essa história somente faço exceção ao amor entre os humanos. Fora isso, nada, absolutamente nada do que pude presenciar e vivenciar, merece de mim a menor dose de respeito ou de merecimento.

Assim me expresso porque mesmo o “amor”, entre os demônios, é de ordem bem inferior ao que pode acontecer entre os humanos, seja no campo do romantismo ou mesmo nas relações consanguíneas ou de amizade. **Nenhum demônio se sacrifica por outro, mas os humanos dão as suas vidas por quem amam ou em nome de algum ideal.** É da “natureza” singular de cada estirpe que assim seja.

Muito foi necessário se evoluir desde a situação individualizada decadente e falida do criador, passando pelos seus anjos-clones, depois

pela descendência demoníaca deles gerada, até a semeadura dos seres biológicos evolutivos no âmbito do universo para que a “semente” desse progresso pudesse vir a vingar. E tudo isso começou com um dos seres que “nasceu” para a criação problemática como um dos elos de uma geração jamais vista entre os vivos.

Com este protagonista especial, veio à tona **um plano bastante elaborado em instâncias desconhecidas para todos os envolvidos**, e que sempre teve como objetivo — hoje o sabemos — gerar um onda vibratória que pudesse aglutinar energia num sentido totalmente diferente da que, até então, surgia como produto da coexistência entre aqueles **seres desconfiados uns dos outros**, por decorrência do código de vida herdado do próprio criador.

Desde que esse ser “aconteceu” para a existência, como sendo advindo de uma necessidade profunda da doentia sensibilidade do criador, ele próprio foi o primeiro a se surpreender com o **nível de atração presente naquele demônio cuja energia fazia com que todos, clones e demais demônios, dirigissem o foco das suas atenções para a sua figura**.

Na raiz do que um dia viria a ser a mitologia grega, surgiu o ente que naquelas páginas foi chamado de **Eros**, ser demonizado que já passou a existir com a mais estranha fragrância jamais percebida entre os filhos da segunda grande ordem de geração de descendentes de **Caos**, o criador dos céus e da Terra.

Até o seu surgimento, que ocorreu cerca de **4,1 bilhões de anos** após o início da criação universal, **Eros parece ter sido “cirurgicamente elaborado” para preencher uma lacuna até então existente na criação de Caos**, cujos seres individualizados haviam herdado, como já dito, a mais absurda das sementes apodrecidas do criador, que era o **“germe da desconfiança”** para com tudo e com todos, **um dos traços mais marcantes da enigmática personalidade daquele ser**.

Ninguém, dentre os “acontecidos” para aquele tipo de existência, fosse da primeira grande ordem de descendência (anjos-clones que eram seres robotizados) ou da segunda (entes demonizados), possuía a disponibilidade psíquica para poder confiar em qualquer um de seus pares.

Somente o **algoritmo mental de “obediência cega”**, que transcendia à questão de confiar ou não em alguém, fazia com que os seres robotizados “confiassem” em Caos pois, obviamente, cumpriam cegamente as suas ordens. Já para os da segunda ordem de descendência, aquele **algoritmo havia se rompido com o extermínio dos corpos dos anjos-clones** que terminaram liberando as suas condições mentais das limitações impostas pelos algoritmos dos corpos agora destruídos.

Eros pertenceu a mais estranha das gerações jamais surgidas na primeira ou segunda ordens de descendência, **como mais tarde, na sistematização da cultura demoníaca, aquelas levas de seres vieram a ser classificadas**. Estranha, porque os poucos seres surgidos diretamente de Caos, todos lhe “veneravam a supremacia”, mas, paradoxalmente, **cada um deles parecia ostentar um nível de independência** nunca antes percebida, nem mesmo entre os primeiros seres demonizados.

Por aquela época, cerca de uns **4 bilhões e 300 milhões de anos desde o início da criação universal**, teve lugar um **impasse** — inimaginável para a lógica atual desta humanidade — entre as **diversas forças que “disputavam” o comando do processo universal** que se encontravam sitiadas nas suas dimensões existenciais demoníacas (chamadas de **lokas**, no hinduísmo, de **genos**, na Teogonia de Hesíodo, ou mesmo de “céu” ou de morada deste ou daquele “deus” em muitas outras culturas).

Sim, os “seres demonizados de primeira hora” e ainda os “superpoderosos” que “aconteceram” depois, a exemplo do poder que Caos teve de gerar a sua criação e nela a sua morada — da qual passou a acompanhar o desenvolvimento do universo a ela adjacente — **também detinham o poder mental de edificar as suas próprias moradas celestiais** no âmbito interno do que foi, por Caos, gerado no princípio.

Devido ao impasse total, **Caos começou a apresentar aspectos** do que agora, através do senso crítico comum à lógica desta humanidade, pode ser percebido como um dos **traços da sua multifacetada doença**. Este traço responde pelo fardo existencial que cada ser que nasce ou acontece para a sua criação, herda a sua cota pelo simples fato de aqui existir, e por ter, assim, um corpo edificado a partir da sua **célula primordial adoentada**, conhecida entre os terráqueos como DNA.

Como já explicitado em outras oportunidades por este humano do qual me sirvo, podemos ratificar que, de fato, **não há uma só doença que anjos-clones, demônios e seres biológicos já possam ter tido ou**

venham a ter, que no passado, o criador já não a teve e eventualmente ainda dela sofre.

Nós, os demônios, hoje temos consciência de que, os remédios que a **"medicina demonizada"** veio produzindo ao longo dos bilhões de anos para tornar suportável a vida de muitas das nossas estirpes, sempre foram utilizados pelas forças que comandam ou tentam comandar o processo em curso desta criação universal. As ditas "forças angelicais" **contrabandearam essas "fórmulas" para delas se servirem, em benefício próprio, como também para a suavização das dores e problemas do criador.**

Com o impasse estabelecido, o então chamado clone opositor, assumiu-se perante todas as moradas demonizadas, como sendo ele um dos cocriadores da criação na qual todos existíamos. Disse mais: ele foi **o finalizador do processo criativo problemático** ainda que não tivesse dele querido participar.

A figura, muito mais tarde conhecida como **Shiva**, na trimurti hindu, e **Tártaro**, na grega, começava a se assumir como uma potência de ordem implícita e explícita, com capacidade de agir e de atuar em qualquer um dos painéis da criação, e que se apresentava agora com um nível de poder superior ao do próprio criador, o que era motivo de inquietações constantes na cultura dos demônios. Obviamente, para Caos, aquilo era o que de mais desagradável e desconcertante poderia existir no seio da criação que sempre considerou ser absolutamente sua, como se isso, nos moldes em que se processou, fosse digno de ser tido como algo a ser aplaudido pelos que efetivamente conhecem o que está em curso. Mas nós, as inúmeras classes demoníacas, fizemos disso a base de toda a nossa cultura e razões existenciais, pois sempre nos faltou senso crítico e razão filosóficas para não ter embarcado nessa aventura como fizemos.

Quando **Tártaro se assumiu como poder destruidor** superior ao poder criador e, além disso, como o Senhor de absolutamente tudo o que fosse obstáculo (**Senhor dos Obstáculos Intransponíveis** para as demais forças universais) ao remoto progresso pelo qual todos estavam se sacrificando, **Eros viu-se obrigado a também estabelecer o seu "centro de poder"**, para dele poder gerir as suas políticas e estratégias. Contudo, havia um problema que ele e Tártaro precisavam resolver: **manter desperto o psiquismo de Caos**, pois tudo o que ele havia gerado já depois da sua queda, somente encontrava alicerce na força

mental saída da sua mente (os hindus chamam esta força de “rajas”) e esta não podia sucumbir sob os efeitos de toda a desgraça que pouco a pouco iria se abater sobre a sua individualidade. Em outras palavras, parte da criação repousava nas ondas vibratórias de um ser que mal conseguia se manter “de pé” e ativo, alternando períodos psíquicos cujos termos ainda estamos todos do lado de cá, procurando os meios adequados, juntamente com este aparelho, para poder veicular junto à humanidade. Se não for possível ao tempo da sua presente vida, não conheço nenhum plano “b” no lado em que me encontro.

Eros e Tártaro tiveram que descobrir um modo de **evitar a todo e qualquer custo a sucumbência da mente de Caos/Brahma** perante o pavor e à incapacidade de administrar o que estava posto e associado a sua “energia pessoal”.

Após muitas tentativas empíricas — não existia nenhuma ciência extra-criação que pudesse tratar da inusitada derrocada — finalmente os dois concluíram pela única opção que até hoje permanece como sendo “a solução”, por ridícula que ela possa parecer à lógica dos atuais terráqueos.

“**Provocar Caos/Brahma**”, eis a pérola demoníaca encontrada para mantê-lo acordado, tal qual se pode fazer com uma criança que quer dormir mas precisa tomar um remédio a uma determinada hora. Só que, no caso de Brahma, por ele ser desalmado*, se o seu espaço de “consciência mental” implodir tal qual a sua cota de “consciência espiritual” o fez no exato momento em que a criação indevida foi expelida, não se sabe o que poderia ocorrer. Pelo menos Eros e Tártaro não sabiam, e nem parece que sabem até esses tempos atuais pois, o “passatempo” de divindades falidas que edificaram algo que não era para ter sido gerado, depois se encontram no âmbito do que foi gerado e após tentarem de tudo resolvem manter o foco da criação desperto por meio da disputa sobre “quem criou” e “quem comanda o que foi gerado”, encontra-se ainda em curso e parece que somente após os humanos terem impedido disso seguir adiante nos moldes em que sempre ocorreu, é que uma nova etapa na história do universo parece ser possível.

Foi, portanto, tendo a “**provocação**” como “**motor psicológico**”, que a “lila” (outro termo sânscrito que significa, dentre outros aspectos, o modo como as divindades passam o seu tempo de vida — “passatempo das divindades”) se estabeleceu como sendo “**o modo de convivência**” entre divindades falidas que, em não podendo liquidar umas as outras e

nem por um fim organizado à uma criação inconsequente, vêm obrigadas a manter Caos/Brahma atuante ainda que ele não resolva coisa alguma, pois somente cria problemas ao se movimentar. Contudo, a questão “provocação” é tão séria, que as últimas vidas dos espíritos que respondem pelas formas de Eros/Vishnu e Tártaro/Shiva, ou seja, as encarnações de Jesus e de Sai Baba respectivamente, foram provocativas a tal ponto que Caos/Brahma/Javé humilhou Jesus, impondo-lhe a crucificação (este foi um dos motivos pelo qual Jesus anunciou que iria ressuscitar e ressuscitou, como forma de mostrar que o seu poder era superior ao de Javé), e também humilhou Sai Baba, já que ele morreu anos antes da data por ele anunciada. Haja passatempo!

Para a “lila” ser estabelecida, porém, havia um obstáculo intransponível, que dizia respeito à incompatibilidade das emanções fluídicas de Eros quando da coexistência direta com Caos. Este último, não tinha como elevar a sua condição vibratória. Cabia a Eros dar um jeito em si mesmo e se equiparar a uma situação existencial que vibrasse em padrões de semelhança com o estado de Caos. E ele o fez: **diminuiu a si mesmo de modo inusitado** para tudo o que até então se conhecia por aqui, e o que ele fez me permitiu usar do mesmo método, bilhões de anos depois, quando da condição demoníaca me “diminui” para ser transformada na primeira mulher da raça humana terráquea (não é pleonismo pois existem humanos de outros mundos), o que narrarei mais adiante.

Tártaro não precisou fazer maiores ajustes já que ele havia acontecido para a criação bem antes de Eros e já havia agredido e sido agredido por Caos, o que os equiparava em termos de parâmetros de coexistência. Assim se encontra estabelecido o “triunvirato”, o uno-trino, a tríade, a trindade que até os tempos atuais “comanda as definições” do que acontece no âmbito interno da criação, mas **desde que a “liberdade mental” teve lugar, eles não mais conseguem comandar sempre os “escolhidos da hora” das suas estratégias.** Em termos terráqueos, isso começou mais efetivamente comigo, enquanto Pandora, e pelo menos em parte, com Jesus. No contexto demoníaco, Shiva/Tártaro foi o grande arquiteto da “desobediência não tão pacífica assim” em relação ao criador equivocado.

Outros tantos existiram ao longo da história universal. O mais recente, em termos extraterrenos, é Lúcifer com os desdobramentos de uma rebelião que, por mais que seja abordada, ainda demorará muito a ser compreendida pela lógica terráquea.

Assim, **Eros se fez Phanes**, e esse “deus mitológico” não é comumente abordado na mitologia grega pois ficou conhecido quase que somente nos registros das escolas órficas.

A quem interessar possa, no tempo da geração do Olimpo, as notícias mitológicas apontam para um outro “Eros” que nada tem a ver com o ente ancestral surgido antes do estabelecimento da tríade.

Após o feito de Eros, a estranha geração da qual ele fez parte, os seus poucos membros foram assumindo lugares estratégicos na arquitetura dos fatos situados além das fronteiras do comando da tríade.

Alguma independência eles foram construindo, sem atritar com o que emanava da tríade, mas ficava patente que existia uma cumplicidade entre esses “membros exteriores” ao organismo da “lila” e dois dos seus senhores.

A institucionalização daquele modo de convivência dos três senhores como foco de governo universal, serviu como um “divisor de águas” que passou a delimitar o tempo em que Caos era agora obrigado a negociar com Tártaro e Eros algumas questões da geopolítica da criação porque, de fato, Caos sempre se teve como o “Senhor criador” e tudo e todos os demais eram meras produções da engenharia do seu poder mental.

Narrando, agora, dando ênfase às notícias veiculadas na mitologia ariana/hindu, o último membro da trimurti a surgir para a criação, retratado nas páginas da mitologia grega como **Eros** e depois **Phanes**, foi o **Senhor Vishnu**, forma demoníaca cujo grau de mistério é estonteante e que um dia será melhor vislumbrado pela humanidade.

Assim veio a se constituir o uno-trino dos entes que passaram, cada um em sua morada, cercado por seus exércitos e pela cultura que das suas mentes surgiram, a “jogar uns com os outros”, **sendo este o “modo de ser” comum aos que não podem aniquilar os seus oponentes**, sendo obrigados a conviver em torno de uma repartição de poder sempre fragilizada pelas compulsões doentias da “química do criador”, presente nos meios de expressão psíquica daqueles seres.

Se o escorpião sempre haverá de picar quem dele se aproxima e se coloca no campo de ação da sua natureza, assim também aqueles seres sempre “jogam”, aplicando ardis, astúcias mil, pois é dessa maneira que **os demônios prevalecem uns sobre os outros**. É da natureza que os marca, e este germe foi inevitavelmente repassado, só que num grau

menor, para os seres biológicos evolutivos do universo. Óbvio que a espécie homo sapiens, ainda que tendo herdado o problema num grau menor na formatação do seu DNA, se esmera em também ter maestria na esperteza, o que é lamentável, porém, compreensível.

Foi dessa maneira que a **“lila” se estabeleceu**, ou seja, cerca de **4,3 bilhões de anos após a criação do universo** — ou, visto de outra premissa, há cerca de 9,4 bilhões de anos.

Este conceito deveria hoje ser entendido, na cultura dos terráqueos, como sendo um **passatempo entre deuses que não podem morrer**, uma contenda maliciosa, uma brincadeira perigosa que tem que existir porquanto crianças há que disso precisam, ou jogadores existem que necessitam do jogo para manter despertas as suas forças operativas. **Esse aspecto é um dos principais problemas do “DNA demoníaco”.**

Com o passar do “tempo da criação”, a cultura advinda da mente daqueles três seres, veio **a compor os traços da educação demoníaca** de praticamente todas as moradas até então existentes.

Nessa altura da minha narrativa, torna-se importante ressaltar que **Caos, que vive perpetuamente na busca da arquitetura de uma identidade** que o permita perceber a condição perdida de divindade, sempre termina por **assumir os traços das espécies que surgem para a existência** no âmbito da sua criação. Isso se dá por força já da “unidade ou da essência” da força mental que ele expressou (a força rajas da cultura hindu) que se expressa no alicerce individualizado (o elétron) que transita no jogo perpétuo da edificação de qualquer forma ou corpo de ideias ou mesmo de hospedagem de inteligências individualizadas.

É-lhe simplesmente impossível não ser incomodado ou influenciado pelos membros das espécies que passam a existir no âmbito da criação. E disso muitos se aproveitam quando tomam consciência de que é assim que se processa o inevitável fluxo energético entre um criador e a sua criação.

Eu mesma, muitas vezes o agredi por meio das minhas vibrações, e o que é aqui inquietante para ele perceber, é que ele não tem como se defender desse processo, a não ser impedindo, por antecipação, que algum seu descendente se fortaleça e se liberte para poder perceber a tosca verdade dos grilhões que nos prendem todos ao infortúnio. Por isso ele tem investido tanto na subordinação, na submissão doentia das suas criaturas ao seu jugo e aos seus desígnios.

Por essa época, **nada “trabalhado” no campo da evolução biológica estava havendo na faixa do universo físico**, que se desenvolvia conforme as leis físico-químicas derivadas das forças da criação. De forma simplória, é como se **nada de biológico tivesse ainda surgido nesse lado da criação**.

Foi no meio dessa algazarra existencial, em que muitos esperavam da **descendência de Eros/Phanes/Vishnu** agora elevado a uma posição intrigante para todas as classe de demônios, que **começaram a surgir — elaboradas pela sua mente sempre associada à de Shiva, a partir do elemento básico do código de vida do criador — as estirpes demoníacas que viriam a modificar o rumo dos acontecimentos universais**.

Expressando-me da maneira mais clara que posso, as **últimas dessas estirpes ficaram conhecidas na Terra como sendo as gerações dos titãs e a dos deuses do Olimpo**. Da mistura dessas duas, acrescida ainda de elementos genéticos de algumas poucas raças extraterrestres, é que foi produzida a raça humana no seu perfil atual.

E foi nesse contexto em que eu surgi como “filha” inesperada de Zeus, e tanto foi assim para ele como para mim.

Saí da sua mente como sendo uma extensão da sua capacidade de expressar uma energia, uma fragrância pessoal extremamente marcante e definida, que se impusesse sempre sobre os psiquismos alheios, pois assim estava singularmente configurado no DNA do meu edificador.

Dele herdei a minha natureza pessoal em pleno oceano das impurezas e das desesperadas tentativas da cultura demoníaca de entender a sua própria origem e o significado daquilo tudo. Até hoje perseveramos nesse mister.

PROMETEU E OS OLIMPIANOS

Muito me preparei para poder trazer até os humanos a presente história.

Referir-me ao meu “nascimento” não me é tarefa agradável, muito pelo contrário, é penosa e até hoje, devo confessar, não me pacifiquei em relação a isto.

Dentre os humanos, os estóicos defendem a ideia de que não podemos moldar o nosso destino. Eu moldei o meu! Consegui contrariar numa existência só — sem que disso soubesse — os planos de Zeus, os desígnios de Caos/Javé, e escrevi, sim, o meu próprio alfabeto existencial e dele fiz as palavras, frases e compus os pensamentos que me foram possíveis e justos, conforme as possibilidades que me envolveram.

Apenas afirmo tal coisa com o intuito de ressaltar, “em alto e bom tom” que, apesar do sistema totalitário que os mais fortes sempre impõem aos mais fracos, enquanto parte fraca, fui mais forte que todos esses ditadores das circunstâncias. E cedi de mim aquilo que julguei ser o meu melhor, para aqueles a quem julguei serem merecedores do meu gesto: os **humanos inocentes recém introduzidos no concerto da vida**.

Se estes, ao nascerem, passam primeiro pelo período da infância e nele surge o germe do psiquismo que mais tarde irá definir aquela personalidade, nem sempre isso se dá com diversas estirpes de demônios: nós já surgimos prontos, como o produto exato da “vontade mental” de quem nos modelou. E nesse processo não existe amor!

Muitos de nós, surgimos por necessidade meticulosamente arquitetada pela mente que gera uma extensão de si mesma, ou somos expelidos, como “fezes mentais”, pelo psiquismo que chegou a um ponto tal de fixação sobre um tema, e este simplesmente escapa do seu controle, exatamente como a **criação de Caos escapou da sua mente** antes da queda. Em outras palavras, **os demônios herdaram esta doença do criador e dela padecem até os tempos atuais**.

Foi assim que eu surgi para a existência, como “fezes mentais de Zeus”. E fui dele uma primogênita inesperada que foi engendrada quando ele estava também com a mente fixada em impressionar os demais deuses, para poder fazer valer a sua supremacia sobre todos eles.

Fui usada nesse processo e depois descartada, quando da organização da elite do Olimpo, que era o genos ou o céu de Zeus. De lá ele pretensamente comandava o que se passava na sua morada e em algumas regiões do planeta.

Incompetente como sempre foi em acompanhar os fatos, seja por ausência de tirocínio ou mesmo por força da natureza que nos marca, ele sempre foi um “mestre” em disfarçar para a sua aristocracia que sabia pouco sobre os fatos, fossem demoníacos ou terrenos.

A cadeia de “fofocas” em torno da sua pessoa era algo circense, olhando com a lógica atual. Possuía espiões por toda parte, cegos, também, na sua maioria, e assim pouco lhe levando do que na verdade acontecia.

Os demônios são assim, meio que dementados quando comparados ao senso crítico humano.

É imperioso observar que, **um animal qualquer, ao ver um humano**, não tem como se achar “superior ou inferior”. Simplesmente, a observação poderá produzir nele alguma indiferença, ou a ativação da natureza do predador, se for o caso, ou ainda a fuga por medo atávico.

Somente quando o DNA da espécie, como no caso de algumas raças caninas, já se encontra formatado para a sensação de simpatia em relação aos humanos — superando a desconfiança geneticamente herdada de Caos — os irmãozinhos evolutivos se aproximam cheios de graça para a interação.

Quando dois humanos se olham, dependendo do padrão espiritual de cada um, qualquer sentimento pode se fazer presente na interação psíquica, conforme a bagagem mental dos envolvidos. Porém, **quando dois demônios pensantes** — porquanto os há somente vorazes, tais quais monstros irracionais, como também de diferentes psiquismos — **estão prestes a interagir**, ambos já se analisaram de “cima à baixo”, com uma visão utilitarista singular, desprovidos de quaisquer padrões de disfarce, pois a **moeda da convivência demoníaca** não é a dissimulação ou a falsidade, é sempre a astúcia, a esperteza, enfim, o emprego do artil. Isso vale para as boas e as más relações entre os demônios racionalizados em algum nível.

A geração de Zeus, ou do Olimpo, foi e ainda é a mais moderna surgida em toda essa história, até por ter sido mesmo uma das mais recentes no contexto demoníaco. Sob uma certa perspectiva é a mais

“evoluída”, apesar de possuir menos poderio mental do que algumas ancestrais. Em contrapartida, alguns membros dessa geração possuem um padrão de longevidade comparado aos “super demos” da primeira hora.

Se alguém, dentre os terráqueos, perguntasse a quantas anda a proliferação da semente demoníaca, a resposta que eu poderia dar seria surpreendente: não está mais havendo proliferação demoníaca na criação de Caos/Javé. **A evolução demoníaca parece estar morrendo com a geração de Zeus e de seus descendentes demonizados.** Depois destas não haverá mais nenhuma.

A notícia é estranha para a lógica humana, como tudo o mais neste livro, penso eu, mas parece que a história dos demônios se obriga a finalizar — pelo menos em termos de procriação e renovação de possibilidades — exatamente quando começa a da espécie humana terráquea. Em outras palavras: **é tempo das civilizações biológicas “chipadas” (biônicas) e com possibilidade de progresso espiritual.** Alguém ou alguns jogaram para que fosse assim!

E foi exatamente sobre esse tema que, certa feita, há bem mais de 50 mil anos, escutei os grandes do meu circuito demoníaco, comentando a **dificuldade que as diversas estirpes estavam encontrando para procriar nos seus genos.**

Alguém estava defendendo a ideia de que a “ciência dos deuses” não poderia fazer a degradante proposição de retirar da natureza animal da Terra, qualquer contribuição (de ordem genética) para o problema — vamos dizer — sexual dos deuses daquela estirpe, ou seja, da geração de Zeus. “Seria vergonhoso para os deuses receber um ajuste genético dos animais que empestavam a Terra” – pensavam.

Não se pode perder de vista que todos ali eram gratos a Zeus pois ele os libertou do pavoroso domínio de Cronos, que chefiava a geração dos titãs. Nunca, na história das diversas classes demoníacas, havia sido estabelecido um “colegiado”, nos termos em que Zeus o fez, de modo a valorizar os seus pares demoníacos.

Pela primeira vez, desde os tempos perdidos da memória demoníaca, não se tinha notícia de um ente que houvesse conquistado, com certa dose de naturalidade, o respeito — ainda que atemorizado — do contexto demoníaco. Zeus havia conseguido o que antes somente o mais puro pavor lograva ofertar.

— Sempre encontramos solução para todos os problemas. Com esse não será diferente. Somos os primeiros, na nossa ordem de descendência, a usar da inteligência aplicada. É só uma questão de tempo e estará resolvido. — pontificou Zeus perante a assembléia que, naquele dia se encontrava em maior numero do que a usualmente composta pelos doze do Olimpo.

— O poder do prazer, imposto pelo mais forte, começou com Cronos, o qual, por sua vez, deve ter herdado de Urano. Mas desconhecemos como isso começou. As gerações mais antigas e perdidas não eram sexuadas. Parece que Urano já surgiu com o apetite para assim proceder. Mas não sabemos e, enquanto não soubermos, temos que descobrir uma maneira de descortinar o que está por trás disso. Talvez devêssemos somente procriar com uma nova geração de nós mesmos. Está perigoso e nunca sabemos o que vem para o nosso meio. Quem poderia estar nos manipulando desse jeito? — ponderou Apolo.

— Apolo tem razão, ó Zeus, precisamos gerar companhias confiáveis, pelo menos por um tempo, para os que não optaram por nenhuma forma de união. Os que já estão compostos, que fiquem mas não procriem, pelo menos até que tu resolvas o que precisamos fazer — disse Afrodite.

— Não! Por enquanto nos tranquilizemos. Vou, eu mesmo, verificar com os mais velhos em quem confio, se não existe uma informação perdida ou mal compreendida nessa questão. Mas, como estamos em encontro aberto para todas as minhas classes de seres, pergunto se há aqui alguém que entenda do tema e que possa ofertar algo mais sobre a questão. — concluiu Zeus.

Olhei em volta e o titã Prometeu, que era bem vindo ao Olimpo, cumpriu com a menção exigida perante Zeus, e aproximou-se do lugar onde visitantes convidados podiam dali se expressar.

— Sou mais velho que todos os aqui presentes. Como referiu-se Apolo, tudo o que imediatamente existiu antes da minha geração, esteja perdido, aprisionado, desaparecido ou extinto, não tem inteligência esclarecida que nos possa explicar o que houve com o mister da imposição do desejo. É sabido que, quando Eros surgiu, a luz se fez para Caos e para toda a perturbação que até então existia. Com Eros nasceu a certeza de que as coisas não ficariam do modo como eram até a sua chegada. Dele veio a vontade de interação, e daí parece ter surgido o desejo de união com prazer, que funciona como estímulo para a

interação. Até esse ponto, penso que podemos recuar na análise dos nossos compêndios, os que ainda possuímos. Mas, **quando e como a vontade de interação, via desejo, passou a ser impulso imposto pelo mais forte**, isso ninguém dentre os viventes e operativos parece saber ó Zeus. Se esse tipo de relação está causando problemas há algum tempo, não tomo como benéfica, nem maléfica, qualquer opção vinda de ti, até porque já não mais vivencio essas relações. Crio utilizando-me da ciência que desenvolvi e que herdei do destino, via meus edificadores Jápeto e Estige. Não estou certo de que encontrarás alguém, dentre os velhos, que saiba mais do que expus. Sei que vivem alguns, dentre nós, que andam escondidos entre os reinos celestiais e os ambientes da Terra, e difícil é encontrá-los. Mas, certa feita, estive com dois silenos, e sei que eles são poucos naquela estirpe que surgiu sem saber de onde veio. Os silenos parecem ter relação de descendência com um desconhecido projeto de Eros. Tudo o que sei é que eles sabem muito sobre muitas coisas. E eles são poucos na estirpe exatamente por uma estranha decisão, que reina entre eles, no campo da procriação. Zelosos que são, preferem ser poucos entre eles, a se arriscarem a ter um que os envergonhe ou cause problemas. Perdoe-me por citar os agentes prováveis do atendimento do que buscas, ao mesmo tempo em que esvazio a tua ânsia de sair para encontrá-los, porque não sei e não conheço ninguém que saiba onde eles realmente residem. Talvez tu, na sapiência que te marca e que vê a tudo e a todos, possa atropelar o meu desconhecimento e deles ter notícias e logo trazê-los a tua presença.

Após as palavras de Prometeu, sempre sobrava aquela estranha sensação de que ele meio que gozava com o seu interlocutor, mas que Zeus somente conseguia perceber esse detalhe bem mais tarde, ao ser admoestado pelos “conselheiros” que lhe alertavam sobre a malícia de Prometeu para com ele. As vezes explodia, então, em fúria. Mas na hora, Zeus fez lá o seu discurso de “sabe tudo”, para logo ser obrigado a assumir que não sabia de nada sobre os silenos.

Para não ficar sem fazer nada, constituiu um grupo, chefiado por Hermes, para sair atrás da estirpe e trazê-los até o Olimpo, fato que, por sinal, não se deu até os tempos atuais. Mas a comissão foi constituída e o decreto de Zeus sobre a mesma permanece registrada nos anais do Olimpo. Eu a tudo assisti!

A questão incomodava, sim, a quase todos os “deuses”, com exceção de Atena, de Hestia e de mim mesma, pelo menos que eu tenha sabido na época. Nós três éramos as componentes femininas que, na

cultura do Olimpo, havíamos decidido nos manter sem união com qualquer tipo de ser.

Continuei levando a minha vida entre os genos ou reinos celestiais a que tinha acesso e alguns ambientes que realmente gostava de estar na Terra. Certa feita, encontrei-me com o titã Prometeu e Atena, em um desses locais da natureza terrestre, oportunidade em que Prometeu estava mostrando à deusa que já “nascera armada” — mais uma filha das fezes mentais de Zeus que, na hora em que a gerou, estava preocupadíssimo com questões de geopolítica e confrontos entre estirpes — umas figuras que pareciam bonecos humanos moldados num tipo de barro com componentes minerais que cintilavam ao Sol.

Aproximei-me, pois fui por ambos convidada, e ali permaneci tentando entender o que o velho titã estava criando e qual o seu objetivo.

Os bonecos estavam esculpidos com muitos materiais e suas formas corporais se encontravam como que depositadas em grandes “caixotes”, postos na vertical, ancorados numa grande pedra por trás.

Ali estavam cinco formas humanóides que nada tinham a ver com os titãs e mais pareciam com a geração a que Zeus, eu e Atena pertencíamos. A nossa estirpe era realmente algo intermediária entre gerações anteriores e o que hoje posso observar como sendo o ser humano da Terra.

Seguramente alguém, talvez Eros, era o autor oculto e produtor de toda aquela encenação que Prometeu estava se esforçando para “homenagear Zeus” com uma nova estirpe no meio caminho entre a nossa situação e as dos animais da natureza terrena. Contudo, qualquer “homenagem” de Prometeu para Zeus era sempre um problema para todos.

Desde que Zeus derrotara os titãs e libertara seus irmãos e irmãs demoníacas do jugo de Cronos, ele havia perdoado alguns daquela linhagem e permitia que eles convivessem com os Olímpianos e mesmo participassem ativamente das atividades peculiares à nossa estirpe. Prometeu, diferente da maioria dos titãs que tinham apetites vorazes mas eram faltos de inteligência, era a exceção a todas as regras porque, além de gênio no campo da criação, ainda era tido como “profeta demoníaco” e quase um sábio, em relação a certos assuntos.

E ali estavam Atena e eu nos entreolhando a cada vez que ele contava as vantagens daquele estirpe que estava criando com base em

outros animais quase humanos que habitavam aqui e ali na Terra.

Em dado momento, Atena fixou seus olhos impressionantemente negros em Prometeu, cujo rosto ficava uns bons palmos mais acima que o dela, e disse:

— Prometeu, entenda bem. Não faz muito, Zeus estava num certo momento furioso, e **maldizia os titãs cujo apetite pelo prazer imposto havia empestado a Terra com um número assustador de espécies mestiças de demônios e de animais**, tudo isso sem o menor controle ou projeto previamente acertado.

— Ora, minha preciosa Atena, é sabido que os titãs não planejam nem projetam coisa alguma. Somos vorazes, tais quais os répteis da Terra, e agimos conforme Caos, ao mando do primeiro impulso. Como poderia ser diferente? Deixe que essas espécies povoem toda a Terra que pior não fica. Quem sabe surge outro acidente, tipo esse que veio do desconhecido e hoje causa o impulso do prazer pela imposição em muitos dentre os da nossa estirpe. Nunca vi, dentre os que surgem para a vida na obra de Caos, alguém ser pior do que os seus predecessores. Tu já viste? E tu, minha enigmática Pandora, já soubestes de algum caso? Tu que observas a tudo e a todos, conheces algum descendente pior do que o que lhe deu a vida?

— Não, de fato não! E tu, ó Atena, conheces? – disse de minha parte.

— Também não!

— Deixem estar o que já faz parte da realidade...

— Mas, Prometeu, – entremeei – não inventes de gerar mais nada porque Zeus não pensa assim e podes muito bem cair em desgraça... Saibas que existem muitos que comentam os mistérios criativos em torno de ti e do teu irmão.

— Ah! Seguramente terei problemas por causa de Epimeteu. Ele esconde até de mim o que anda criando por aí. Ele me espiona e eu não consigo vigiá-lo, e nada há que eu faça ou pense fazer que ele não descortine e, aí de mim, nada do que ele faz eu consigo saber antes, e somente percebo quando os problemas me abraçam.

— Epimeteu sabe desses entes que estás a engendrar? – perguntei.

Diante da minha pergunta Prometeu parou como se tomando consciência do perigo até então impensado.

— Espero que não. Ai de mim, espero que ainda não – e voltou-se como se a procurar com o olhar o seu inquieto irmão que poderia estar nos espionando.

Tempos depois vim a saber que Epimeteu não só já tinha encontrado aqueles protótipos como tinha também realizado algumas experiências com um deles, além de ter criado os seus próprios brinquedos meio que “copiando os do irmão”.

A sorte da humanidade estava lançada por meio daqueles dois entes cujas naturezas pessoais eram ingênuas mas profícuas a ponto de estarem sendo usados, sem que o percebessem, pela mão invisível de um destino que, se imaginássemos naquele momento, provavelmente eu, Atena e Prometeu não teríamos seguido adiante com aqueles encontros, cujo teor era o de mera curiosidade demoníaca em saber onde as loucuras de um titã idoso poderiam chegar.

Para resolver o “problema” do prazer imposto pelo mais forte, que estava produzindo seres com naturezas impensáveis entre os “deuses sexuais”, foi proposto que todos os demais não olímpianos, deveriam realizar sacrifícios com animais da natureza terrestre, em veneração a Zeus ou a quem por ele fosse apontado.

Inúmeros encontros tiveram lugar no gremio de Zeus para discutir os termos burocráticos de quais enlevos, ritos preparatórios e de louvação deveriam ser institucionalizados para “facilitar” todo o processo.

Animais de todo tipo foram testados e analisados, desde a os fluídos advindos dos seus corpos como o tipo de carne, teor de gordura, cheiro e gosto que poderiam propiciar aos “deuses” homenageados e a seus convidados.

Naquela altura dos acontecimentos, de todas as classes de demônios então existentes, eram os titãs os que mais conviviam com os animais da natureza terrena, como também eram deles as únicas “criações escondidas” que existiam longe dos olhos dos habitantes do Olimpo.

Dentre os titãs, eram Prometeu e Epimeteu os que mais haviam se adestrado naquele tipo de tarefa.

Foi, então, decidido, que Prometeu verificaria, com toda sua experiência, qual seria o melhor tipo de sacrifício, desde o seu conteúdo ao “embrulho” que o mesmo deveria conter de modo a agradar o rei dos deuses.

Novamente o “destino” armava mais uma situação na qual a excepcional astúcia de um titã — que em tese, pelo tipo de genética demoníaca da estirpe, não deveria possuir nenhuma — iria se confrontar com a “imperdível” oportunidade de fazer Zeus de bobo na frente da sua corte.

O mais absurdo de toda essa história, é que **os humanos terráqueos viriam a ser hoje o que são, exatamente pela força dos desdobramentos de mais uma traquinagem do velho titã cansado da vida.**

O que nenhum de nós então sabia é que, do “astral planetário”, uma espécie de “raça etérea” adrede preparada para o mister evolutivo nos moldes sonhados nos circuitos da rebelião luciferiana, já se encontrava a postos para ser imantada nos entes prestes a serem gerados pelos titãs.

Do seu reino celestial, Caos e seus assessores acompanhavam o processo, tentando interferir de acordo com os desígnios do criador.

Da sua morada, Eros e a sua linhagem, influenciavam o curso dos acontecimentos, agindo sobre as ideias rebeldes dos titãs como também em relação ao impulso criativo que lhes marcava o psiquismo de mais de 3 milhões de anos — sim, **os “titãs mais novos” surgiram para a existência há bem mais de 3 milhões de anos atrás.**

Do seu nível astral, edificado para proteger o quartel-general da quase esquecida rebelião, Lúcifer servia de instrumento renovador para as “altas esferas” sem que disso tivesse consciência.

Ingenuamente, eu, Atena, Epimeteu e Prometeu, seguíamos os cursos das nossas vidas sem termos a mais remota ideia de que um sonho vislumbrado por Eros, há bilhões de anos atrás, estava, agora, em **curso final de consecução, utilizando, já nos estertores do poderio demoníaco, alguns desavisados que somente pretendiam, como hoje faz qualquer ser humano da Terra e desse cosmos, viabilizar as suas existências** de acordo com as circunstâncias que envolvem as suas personalidades.

Enquanto isso, Zeus se portava como o soberano supremo de todo o universo observável a partir da Terra e da sua morada.

A MALDIÇÃO DO REI DOS DEUSES

A discussão em torno dos sacrifícios propícios era infinda. O novo tema que dividia os olímpianos e agregados, era se estes deveriam também ser estendidos aos “deuses da tríade”, aos “deuses desconhecidos” ou que não mais tinham contato direto com Zeus e seus contemporâneos. **Até para ele e os seus pares, os tais demos antigos superpoderosos, pareciam lenda ou somente motivo de crença, porque deles ninguém sabia coisa alguma.**

Os próprios registros da cultura demoníaca sobre o início da criação, as questões relativas à trindade primordial e os seus desdobramentos, tudo era motivo para análises superficiais e intrigas mais ridículas do que aquelas que os humanos viriam ainda a criar em torno de suas questões sem importância.

Poderes antes tidos pelos “deuses demos de primeira hora”, amplamente descritos nos anais da nossa cultura, pareciam agora impossíveis de serem expressados. O próprio Zeus, o mais poderoso de todos nós, tinha lá o lado fraco das suas forças, ainda que se comparado com o que hoje pode a condição humana terráquea, os poderes herdados pelos entes da geração a que nós pertencíamos, pertencem a uma ordem de poder mental que surpreenderia até os mais avançados postulados da ficção terrena.

O problema era que **Zeus e seus pares olímpianos eram fortes e poderosos no sentido de destruir, de ferir, de aniquilar, de subjugar, mas no campo da criação, a desdita era tanta que somente Hefesto disso cuidava.** Maior esta ficava quando se tomava consciência de que, dentre todos os viventes daqueles dias, somente dois “titãs abobalhados” pareciam possuir o grau superlativo de criação, ainda que produzissem de tudo, coisas admiráveis e outras sem classificação razoável.

Um dos motivos que fez Zeus congregar a linhagem titânica — a qual pertencia Prometeu — à convivência com a sua hoste olímpiana, era exatamente o poderio mental inexplicável que ele e seu irmão detinham. Como nada destruíam, não eram perigosos. Como criavam de tudo, de vez em quando, algo era do agrado dos olímpianos, o que para eles representava sempre motivo de festa e de satisfação. Quando ninguém se interessava pelo que eles faziam, o assunto era deixado para lá, e a vida continuava.

Por aqueles dias, eu procurava evitar qualquer contato com a minha família que vivia toda ela organizada em torno dos afazeres e obrigações do Olimpo. Sempre que eu podia passar despercebida, fugia para os ambientes terrenos e costumava passar meses, às vezes anos, conhecendo e me surpreendendo com as coisas da natureza mais exuberante da qual já havia tido notícia.

O que costumava ver nos genos, a título de “natureza local”, parecia simples cópia e adequações de certos padrões comuns do que via no planeta.

Era muito raro ver, em algum geno, algo que realmente fosse singular e distinto em relação ao que hoje os humanos chamam de sua biosfera. Mas aqui devo deixar claro que eu tinha acesso a **poucas moradas paralelas das centenas que, naquele tempo, estavam vinculadas ao que acontecia na Terra.**

Potencializando a minha forma demo nos meus quadrantes prediletos, caminhando por aqui e ali, terminei descobrindo que outros da minha estirpe também se ausentavam das suas moradas para conviverem com os padrões terráqueos, fosse lá porque motivo o faziam. E não eram poucos os que perambulavam como eu, na busca de novidades ou do que fosse.

Com o tempo, comecei a desconfiar que alguns **estavam adquirindo o estranho hábito dos animais irracionais terrestres de se alimentar de outras formas vivas.** Na realidade, algumas das estirpes demo há muito haviam adquirido aquele hábito e o tal “sacrifício aos deuses”, amplamente discutido nos anais olímpianos, tinha a ver com a satisfação de uma nova necessidade surgida entre os da minha estirpe.

Apliquei muito tempo da minha vida de então interagindo com os meus pares que assumiram aquele hábito e dele não mais pareciam conseguir se libertar. No início ficaram desconfiados por eu ser filha de Zeus. Mas, para além do fato, como havia a fama de “largada”, de “desprestigiada” pelo próprio pai-edificador, foram confiando em mim e por ali fui permanecendo. Afinal, aquela vida me era bem mais agradável do que a do circuito do Olimpo.

Sem que eu soubesse, enquanto eu ali permanecia, **Atena havia dado a vida — assessorada pelos poderes invisíveis, hoje o sei — a alguns dos bonecos de Prometeu.** Este, era muito bom para engendrar

algo novo, mas logo depois descuidava das suas criações, pois que a sua mente inquieta já transferia o foco da sua atenção para outros desafios.

Sabedora de que eu me encontrava pelos ambientes da Terra, Atena me procurou para relatar a novidade e juntas fomos ver como os novos “brinquedos” estavam se portando. Ao chegarmos à morada terráquea de Prometeu ou, melhor dizendo, ao seu posto laboratorial avançado situado na Terra, já não o encontramos, e quem de tudo cuidava era Epimeteu, que já havia introduzido os novos viventes ao grupo que ele mesmo colecionava há algum tempo, atraídos por sua astúcia dentre um ou outro grupamento de “homos”.

Do mesmo modo que os humanos viriam a ter os seus animais de estimação, Epimeteu alimentava, dava as suas “poções mentais” àqueles exemplares do gênero “homo” que ele tratava como sendo os seus entes de estimação. Na verdade, ele os criava em uma confusa coexistência de espécies, porque dentre os da sua estima não se encontravam somente os “homos” — e quando aqui falo “homos” estou me referindo tanto a exemplares do homo sapiens como também de outras espécies de “primos” que naqueles dias coexistiam. Na verdade, em torno de Epimeteu tinha um pouco de tudo, e ele realizava “testes de adestramento” com todos eles. Era uma situação interessante e, ao mesmo tempo confusa de se ver.

Afirmar no início desta minha narrativa que, pelo que sei, nada do que observava na Terra e no que podia ver entre nós, os olímpianos, tem a ver com o Deus situado acima de todas essas imperfeições. Reafirmo que tudo o que está à nossa vista, é “coisa” de entidade adoentada cujo germe adoece quem com ela se consorcia. E fomos e somos todos obrigados a se consorciar com o criador por ter sido dele a célula primordial da qual os corpos que os nossos espíritos utilizam tiveram origem. E observem que quando ressalto “à vista”, refiro-me tanto ao que está a nossa vista e a dos humanos, na faixa universal, como também ao que existe somente nos genos da nossa cultura, sobre o que os humanos nada sabem, por enquanto.

Epimeteu, sem que o soubesse, foi, talvez, dentre os do meu tempo, aquele que mais “manipulou” o código de vida — chamado atualmente de genoma — de cada espécie das que ele escolhia como sendo de sua estima ou das que simplesmente acionavam a sua curiosidade. Ele tomava de amostras do que hoje vocês chamam de DNA

de uns entes e os introduzia, quando do processo da gestação de outros, e os critérios então usados somente ele os conhecia.

Tanto ele fez que Prometeu havia “misturado” aos seus bonecos de argila mineralizada alguns outros que já haviam sido também “trabalhados” por Epimeteu. Ambos possuíam “restos apodrecidos” de outros animais, lascas de madeira, folhas entumecidas, o que tornava as suas figuras algo que se situava entre o macabro e o exótico, dependendo dos olhos de quem observava. Foi exatamente do conjunto daqueles bonecos que Atena havia “soprado” o fluxo vital que os vivificara.

Pouco a pouco a “**espécie de Prometeu**”, pois assim a ela se referia o próprio Epimeteu, passou a ser conhecida pelos da minha estirpe que viviam mais no planeta do que nas moradas celestiais a ele adjacentes.

Atena e eu permanecemos algum tempo com Epimeteu e seus “humanos de estimação”, e realmente era surpreendente como eles evoluíam, enquanto os demais de outras espécies, simplesmente não apresentavam qualquer traço que nos gratificasse! No entanto, logo as coisas mudariam pois, na nossa cultura, as novidades tinham o condão de sacudir os pilares da calma cotidiana dos entes do Olimpo, e não durou muito a “vida tranquila” dos então considerados “**animais de estimação**” de Epimeteu.

Logo após a criação de Prometeu e de Epimeteu ter se transformado no “tema do dia” nos circuitos da cultura olimpiana, **virou meio que moda, entre os seus habitantes, a tentativa de criar seres a partir do “material” que se encontrava disponível.**

E qual é o elemento mais disponível nas moradas universais? Em uma palavra simples: o barro!

Assim, no âmbito da nossa cultura, desde então, passou a ser algo normal para muitas famílias olimpianas, a tentativa de usar o “barro umedecido”, e dele fazer surgir a base de modelar para muitas ideias que povoavam as mentes dos seus habitantes. Estes, dotados de um vício mental que não foi repassado para as criaturas biológicas, que é a questão “herdada” das divindades caídas que deram origem às estirpes demoníacas — que **reside na “mania mental de criar para impressionar”** — começaram a se utilizar do processo como se fosse uma febre, ou espécie de moda de época. Mas isso somente durou alguns milênios porque foram raros os que conseguiram se adestrar no tema.

A história da criação a partir do barro, que mais tarde seria repassada para os traços culturais terrenos, tem a ver exatamente com o estranho poder que aqueles dois titãs tinham de repassar as suas ideias para o barro trabalhado a partir de elementos que provocaria “repulsa” ao conhecimento hodierno. Mas não foram poucas as vezes em que Epimeteu e seu irmão arrancavam cuidadosamente partes internas de animas da natureza terrestre, e mesmo de espécies quase humanas, para fazer as suas experiências misturadas com o barro mineralizado.

Os componentes daquelas estranhas experiências iam do sangue animal à folhas de árvores, passando por um sem números de partes orgânicas do que eles imaginavam ser útil aos seus projetos. Se a história da evolução da medicina entre os humanos não é agradável de se assistir, pelo empirismo aberto e cheio de riscos que a ignorância das épocas promovia aos heróis que se expunham à incompreensão dos seus contemporâneos em nome do avanço do conhecimento, assim também aconteceu no progresso de muitos dos itens da vida demonizada.

Desse modo, sendo heróis para alguns e bandidos para outros, as personalidades que trazem consigo uma sorte de dons e de talentos que as impulsionam para o vanguardismo da época em vivem, dentre nós, Epimeteu, Prometeu, dentre os titãs, e Hefesto dentre os olímpianos, eram os “estranhos” da época em que vivi como demo olímpiana, e sobre eles eram ditas coisas absurdas, maravilhosas e desagradáveis.

Havia, contudo, uma dentre nós, que **detinha poderes que somente os descobriu em plena erupção dos mesmos, aspecto esse que, de vez em quando, ocorria com as mentes demoníacas. Eram atributos mentais herdados dos grandes demônios do passado, que irrompiam sem maiores avisos, e surpreendia até quem os detinha sem que disso soubesse.** Isso aconteceu com Atena e foi fator decisivo para o surgimento dos terráqueos, pois foi exatamente a minha irmã em criação demoníaca que, “sem querer”, repassou o seu “hálito de vida mental” para as experiências dos irmãos titânicos.

Sei quão difícil é para a lógica humana aceitar e/ou compreender eventos e feitos tão estranhos aos seus olhos. Mas como inteligência comunicante, não tenho outra opção a não ser a de retirar os símbolos mentais do humano que me apoia nesse mister esclarecedor. Por isso, peço que vejam esta narrativa com o espírito livre das versões mitológicas para que um dia a verdade, sobre esses eventos distantes,

possa ser claramente percebida — e esse dia não tarda pois que inevitável para a construção do futuro.

Apenas retomando o fio condutor da minha narrativa, desde que Atena me procurou para contar o seu feito que até mesmo a ela havia surpreendido, que a minha mente demo finalmente compreendeu que **algo de muito singular estava acontecendo conosco, naqueles dias, cujo controle parecia se encontrar bem acima da nossa capacidade de entendimento.**

A sensação que eu e Atena passamos a ter era a de que forças invisíveis e desconhecidas estavam se apropriando de algumas atitudes mentais que produzíamos. Na época, não havia tirocínio disponível na mente demoníaca para perceber o que agora, facilmente, na situação em que me encontro, posso tranquilamente ter consciência do processo espiritual que “pega carona” no que os seres situados no âmbito interno da criação de Caos podem produzir no cotidiano das suas vidas.

Fizemos mais de uma centena de outras experiências, às vezes na companhia de Prometeu, mas jamais Atena pode reproduzir o que ela fez quando da sua “explosão de doação de vida”.

Naqueles dias, por fim, era finalmente chegado o momento em que Prometeu iria apresentar ao Olimpo reunido o resultado das suas pesquisas.

Zeus decidira ofertar um banquete para todas as famílias olimpianas e diversos grupos agregados em torno do seu “reinado” para, dentre outras coisas, comemorar o apaziguamento construído pela sua habilidade entre vencedores e vencidos, da última grande guerra entre as gerações de “deuses demo”, havida entre olimpianos e titãs.

Os primeiros se faziam representar por praticamente quase todos os presentes. Os demais eram firmados por alguns poucos núcleos de titãs que ali estavam reunidos e, obviamente, em dependendo deles, não havia lá muita coisa a ser comemorado. Contudo, obedecendo a um calendário olimpiano, Zeus ciclicamente decretava a “homenagem aos dias gloriosos do passado”, como forma de reafirmar a sua autoridade, ao mesmo tempo em que seus feitos valorosos eram rememorados por meio de incontáveis e cansativas demonstrações da arte olimpiana.

A apresentação de Prometeu sobre as sugestões de sacrifícios a serem prestados aos inacessíveis — naqueles dias — “Senhores da Tríade” e/ou ao próprio Zeus e seus ministros olimpianos, seria, na

intenção de Zeus, apenas uma rápida intervenção na sua festa, pois o próprio “rei dos deuses” pretendia que aquela questão viesse a ser decidida muito depois. Somente depois do “censo” que ele mandara ser realizado entre as estirpes demo mais primárias, como também para identificar quais as espécies biológicas animalizadas que iriam poder apresentar as suas oferendas, é que ele desejava “oficializar” os seus decretos sobre a questão.

Por estranho que possa parecer aos humanos que atualmente dominam este palco planetário, naquele tempo existiam outras espécies animalizadas pensantes que coabitavam na natureza terrestre. Ainda que a expressão “pensante” deva ser aplicada com toda parcimônia àquelas espécies, mas é fato que as referidas classes tinham lá o seu padrão de psiquismo racionalizado, aplicado às suas naturezas.

Os próprios olímpianos sempre apresentaram muita dificuldade para conseguir criar um catálogo completo de todas as forças existenciais que haviam se estruturado na Terra. Epimeteu era, talvez, o único, dentre os olímpianos, a saber muito sobre a questão. Depois dele, Prometeu, eu e Atena, talvez, éramos os que mais conheciam sobre esse aspecto da realidade.

Chegada a hora, Prometeu cumpriu com as sempre renovadas homenagens a Zeus, ao mesmo tempo em que começou a tentar demonstrar as duas opções extremas em que as oferendas poderiam ser apresentadas pelos fieis seguidores da “crença olímpiana” daqueles dias.

Ao colocar as duas oferendas perante Zeus e toda a assembléia, em primeiro lugar, ele apontou para a que era uma seleção de boas carnes escondidas dentro de um estômago bovino, enquanto a outra era um punhado de ossos de boi envoltos numa reluzente camada de gordura. Antes mesmo de começar a se expressar sobre os tipos de oferenda, Zeus, sempre dado a impulsos, desejando encerrar logo com aquele assunto — e, talvez, para evitar a “fala” de Prometeu para que ninguém, depois, dissesse que ele havia sido influenciado pelo esperto titã — quando ainda Prometeu estava voltado para a primeira oferenda, o “rei dos deuses” decidiu prontamente pela segunda, como sendo o padrão estabelecido doravante para os sacrifícios.

O velho titã tentou falar mas Zeus logo deu continuidade às festividades, e ninguém na assembléia percebeu o engodo ocorrido naquele exato momento, pois tudo o que viam era um “desagradável

estômago de boi” ao lado de um “belo pernil” bovino, e acharam natural a opção de Zeus.

Prometeu pretendia tão somente — ele até hoje reafirma que essa é a sua verdade — alertar Zeus sobre os riscos da esperteza crescente entre os “animais terrestres”. O velho titã pretendia apenas chamar a atenção de Zeus para o grau de astúcia que ele havia notado em uma das espécies animalizadas, pretendendo alertar os olímpianos a não se impressionarem com a “reluzente camada de gordura” que, na verdade, escondia tão somente ossos. Isso, porque, na sua opinião, algumas das espécies que viviam na Terra, pareciam estar acordando para um grau de vivacidade que nem mesmo as estirpes demoníacas possuíam.

Quando, mais tarde, tornou-se pública a opção equivocada de Zeus, era voz comum que Prometeu havia engendrado mais um ardil com o fito de humilhar o Senhor do Olimpo, que ardeu em fúria, mas nada fez no auge dos comentários, pois conhecia a cultura dos seus pares e sabia que somente um evento mais contundente, vindo da sua parte, poderia abafar os gracejos do cotidiano.

É dito que, por isso, tempos depois, quando os humanos começaram a apresentar as suas oferendas, o faziam dedicando aos deuses apenas os ossos envoltos numa capa de gordura, ficando, porém, com a melhor parte para o próprio consumo.

A cólera e a desconfiança de Zeus em relação a Prometeu parecia ser um ardil do destino que forçava o primeiro a colecionar insatisfações para que estas, no futuro, viessem a cair sobre os ombros da “espécie de Prometeu” que, sem saber de coisa alguma, vivia naqueles dias sob o pastoreio de Epimeteu.

Por essa época, “os humanos de estimação” de Epimeteu aumentavam em número, não mais pelos “sopros de vida de Atena sobre os bonecos de Prometeu”, mas sim, pela captura amigável que Epimeteu dia a dia realizava nas suas buscas, com vistas a aumentar o seu “rebanho homo”. Estranhamente, Epimeteu tão somente selecionava os machos, como também os eram os bonecos vivificados pela “habilidade mental” de Atena.

O titã colecionador se preocupava apenas com o padrão do genoma daqueles humanos e o grau de vivacidade que demonstravam, e ele queria controlar, por meio dos seus métodos, o grau de organização e de expressão dos seus entes homo. Ele não queria a cruz que observava em

outras espécies animalizadas da natureza terrestre. Daí o fato do seu “rebanho homo”, ao tempo desta narrativa, ser formado apenas por machos.

Haveria um tempo, após o surgimento dos humanos já organizados em torno dos seus reis, em que Zeus viria a ser temido por muitos deles e respeitado por outros. Naqueles dias, contudo, no âmbito da cultura olimpiana e das suas adjacências, Zeus era amado por muitos (à moda demoníaca) e temido por outros tantos, mas não era propriamente “respeitado”. Mesmo sendo o “herói” que havia pacificado as mais diversas estirpes do “genoma demo”, ele era mais querido do que propriamente admirado pelas suas qualidades.

Com base nas informações que lhe chegavam, Zeus começou a se interessar pelos humanos criados pelos titãs, apesar de que ele sabia que entre os mesmos havia exemplares oriundos das espécies vinculadas ao gênero homo da natureza terrestre, como também aqueles que haviam sido engendrados pelos titãs. Contudo, segundo a crença de Zeus, todos aqueles espécimes estavam apresentando um progresso mental singular devido às poções que a “ciência de Epimeteu” criara e assim era de fato.

Preocupado com o crescimento de inúmeros grupamentos que misturavam olímpianos e entes da natureza terrestre, e todos se alimentando da carne de animais, Zeus ordenou que fosse formado um corpo funcional composto de várias equipes que deveriam dificultar a propagação do tão criticado hábito alimentar vigente por aqueles dias entre os que viviam no planeta. Muitas fogueiras foram então apagadas e “medos” e “pavores” foram semeados no psiquismo dos que usavam do fogo para se alimentar.

Muitos olímpianos retornaram as suas moradas sem atinar com o que havia se passado. Com o tempo, Zeus pensou ter atingido o seu objetivo, pois não lhe chegavam mais notícias sobre a “invasão” de olímpianos ao planeta. Contudo, logo se percebeu que o panorama enxergado pelos do Olimpo parecia ser falso, pois repentinamente muitas fogueiras foram novamente acesas e correu a notícia de que havia sido Prometeu quem providenciara para que os da Terra, fossem eles olímpianos ou as recém nascidas espécies do gênero homo, pudessem seguir com as suas vidas.

As informações chegavam desencontradas ao Olimpo, o que fez com que Zeus demorasse um pouco a ter consciência plena sobre o que estava acontecendo na Terra.

Enquanto isso, o progresso dos humanos de Epimeteu era realmente singular e ele finalmente decidira procurar algumas exemplares fêmeas para prepará-las, a fim de arquitetar possíveis cruzas, isso se o código de vida delas pudesse ser aprimorado pelas suas poções.

Segundo o que mais tarde ele me relataria, algumas fêmeas de outras espécies da natureza terrestre não haviam se dado muito bem com nenhuma das suas poções, e que as experiências ocorridas implicara mesmo em problemas para os seus aparelhos reprodutivos.

Naqueles dias me encontrava nos meus estágios pela Terra, quando Epimeteu me solicitou para tomar conta dos seus animais de estimação, pois ele pretendia se afastar para regiões mais ao sul, na tentativa de capturar novos exemplares para suas experiências.

Em tempo terrestre, passei aproximadamente quatro anos e meio cuidando dos humanos e das outras espécies que viviam no entorno de Epimeteu. Afeiçoei-me a todos de um modo que me pareceu estranho. Sentimentos jamais tidos pelos meus pares fluíam do meu íntimo de modo que me surpreendia por completo. Nos meus poucos descansos, passei a acordar com sensações que antes jamais me ocorriam, pois o sono dos meus pares não produzia o que mais tarde viria a conhecer, já na condição de humana, como sendo sonho.

A sensação mais interessante que me perseguia por um bom tempo era a de que algo de diferente acontecia no meu sonho, e que a minha expressão facial sempre impassível — este é um dos problemas do genoma das estirpes demo — apresentava um outro aspecto quando havia a sensação de ter sonhado com os “bichinhos” de Epimeteu. Afinal, “sentir-se feliz” era algo jamais vislumbrado ou sentido de minha parte ou de qualquer demo, mas nos tais sonhos, eu me via daquele jeito.

Atena, Héstia e Prometeu, dentre outros, por lá passavam em momentos alternados e assim foi fluindo a minha vida de então.

As coisas no Olimpo, porém, não andavam lá muito bem. As discussões relativas aos sacrifícios voltaram a ser intermináveis, agora não mais devido aos tipos de oferenda, mas sim, sobre o resultado do “censo” que apontava quais espécies deveriam ser as ofertantes, e permanecia ainda em aberto a questão relativa a quais “deuses” as oferendas deveriam ser dirigidas.

Por ter sido descoberto e tornado público “mais um estratagema” que Prometeu aplicara sobre o Senhor do Olimpo, a já resolvida questão

do tipo de oferenda havia sido eliminado das discussões, pois a fúria de Zeus em torno do assunto, somente aumentava a cada vez que o tema “sacrifício” era abordado publicamente.

O “Rei do Olimpo” estava ruminando a sua indignação para com Prometeu e como não podia mesmo enfrentá-lo frente à frente, por causa da astúcia do velho titã, optou por criar um problema para definir uma situação.

Havia um decreto há muito posto em voga por Zeus, mas que, com o tempo, foi deixando de ser observado. O mesmo apontava que qualquer olimpiano que tivesse ligação de descendência horizontal ou vertical com ele, não poderia se ausentar do Olimpo sem a sua anuência. Isso implicava que, praticamente todos os irmãos e irmãs de Zeus e a descendência de todos eles, deveriam se submeter ao seu capricho. Mas nem ele próprio havia suportado a constante demanda que lhe foi endereçada durante algum tempo, até porque muitos combinavam para pedir a sua autorização, um após o outro, somente para ver se ele revogava o tal decreto. Mas, orgulhoso como sempre foi, ele jamais o fez, e o mesmo vige até esses tempos, ainda que agora ninguém mais consiga mesmo deixar o Olimpo, pois que o seu portal foi misteriosamente fechado por uma energia advinda do poder de Tártaro, um dos três senhores da tríade.

Zeus sabia, através de informações que há muito ele as recolhia, que eu e Atena tínhamos estado com Epimeteu algumas vezes. E corria mesmo a “história” de que Epimeteu já estava praticamente apto para produzir “humanos domesticados” para trabalharem nas “moradas terrenas” ou nos postos avançados do Olimpo e de outros genos submetidos ao seu poder imperial.

A cada dia os dois irmãos titãs eram mais reconhecidos e a amplitude do prestígio, principalmente de Prometeu, era medida pela quantidade de convites que recebia para festas, banquetes e discussões nos conclaves onde apostas de toda ordem tinham lugar.

Sem se referir diretamente a qualquer problema com Prometeu, o Senhor do Olimpo decidiu punir uma das suas filhas — para dar o exemplo — pelas ausências dos ambientes olímpicos sem permissão explícita da sua parte.

Como Atena era uma das doze personalidades deificadas do Olimpo, coube a mim ser aquela que viria a ser punida com uma

penalidade que somente tempos depois foi estabelecida.

Eu havia dito a Epimeteu que cuidaria das suas crias até a sua volta e ali estavam agora emissários do Olimpo requisitando a minha presença perante Zeus. Tentei negociar o meu retorno mas não me foi permitido. Tive que deixar então aqueles entes entregues a sua própria sorte, ao mesmo tempo em que grafei na parede da grande caverna onde Epimeteu construía a sua morada terrena, o desenho do selo imperial de Zeus com o intuito que ele compreendesse que algo vindo do Olimpo me obrigara a partir naquelas circunstâncias.

Apresentei-me perante Zeus e ele mandou aguardar a chegada dos demais, pois ele havia convocado a todos os deuses olímpianos já que a penalidade a ser imposta, poderia implicar em algum problema para a sua posteridade, pelo fato de ser uma filha sua a estar sendo punida.

Pelo fato de Zeus apresentar uma postura inflexível de punir a qualquer custo alguém que lhe era próximo, sempre para dar o exemplo, como ele gostava de ressaltar, citando o que decretara contra Hades, um dos seus irmãos, forçou a que por muito tempo todos discutissem o que era tão caro para a cultura olímpiana: se por força da punição ainda por ser determinada, a carga genética da qual eu era portadora não mais viesse a gerar seres, se aquilo representaria algum problema para a “família do Senhor do Olimpo”, com vistas a futuras empreitadas e possíveis necessidades.

Foi, então, verificado que a minha possível descendência nada acrescentaria ao jogo das possibilidades do poder olímpiano e que, portanto, aquele ramo da linhagem de Zeus poderia ser interrompida em mim mesma. Em outras palavras, eu estava liberada para poder ser punida.

Superada aquela etapa, logo teve lugar a seguinte que dizia respeito ao tipo de punição a ser imputada.

Ainda que muitos dali desconfiassem de onde Zeus queria chegar, todos cumpriam com o papel de levar adiante a liturgia do momento, e o que restava era tão somente a curiosidade de como o processo seria conduzido de modo a atender as suas conveniências.

— Preciso puni-la mas não desejo aplicar qualquer penalidade que vá contra seus desejos. Mais uma vez, fui informado da sua longa permanência entre os entes de Epimeteu. Já não sei quantas vezes que precisei saber ou falar consigo mas sempre estava lá em baixo, entre os

da Terra. Pois é para lá que lhe mandarei, pois penso que não estarei lhe fazendo nenhum mal. Se é com os titãs que você prefere viver, assim será. Se é com as criaturas de Epimeteu que você quer viver, assim será, ali você viverá como um deles... sendo, conforme agora desejo, uma igual a eles. Assim você vigiará para mim as criaturas que estão sendo adestradas, para que elas estejam situadas sempre no limite do meu comando e do seu que exercerás em meu nome. Os titãs nada querem dos olímpianos, sequer presentes, mas você será enviada a Epimeteu como um presente meu a quem tantos serviços presta aos da nossa estirpe. Que os meus decretos sejam cumpridos sobre a sua pessoa e que ela continue a servir aos nossos ideais.

Zeus chamou Atena e Hefesto a sua frente, e deu a ordem de, sem me deformar, que eu fosse transformada no presente mais atraente possível a ser endereçado à Epimeteu e a seus humanos.

Fiz naquela ocasião o que jamais pensei ser possível um dia fazer: afrontei o meu edificador.

— Sei que é seu desejo punir a mim, por preferir a convivência com os da Terra aos meus pares; sei que é seu desejo punir Prometeu pois são muitas as razões de desagrado para com ele, mas Epimeteu nada lhe fez e nem muito menos os da Terra. Estamos todos desejosos de compreender os que se encontram acima de nós, para assim ter algum entendimento sobre o nosso próprio destino. Como vou poder, em seu nome, controlar o destino de seres com os quais sequer consigo me comunicar? Não sei nada sobre o meu destino e agora, com o seu decreto, é que jamais descobrirei, pois a sua vontade me é imposta e terei que obedecer. Mas para que isso tudo, ó Senhor de todos nós?

Zeus levantou uma das suas mãos e me mandou calar.

— Não posso ser jamais confrontado, nem pelos da minha geração, nem muito menos pelos que gerei. Você será, sim, o meu presente aos humanos e ao titã Epimeteu, e não se avalia mais esta questão. Ordeno a Hefesto e Atena que cuidem de dotá-la de todos os dotes que a sua destinação requer. Serás o mais atraente dos presentes mas quero que desgraces a criação dos titãs que me ofende por não possuir a minha característica pessoal, a minha marca (Zeus se referia ao seu código genético).

Zeus levantou-se deixando o ambiente central daquele palácio, enquanto fui levada ao “salão da ornamentação”, que cuidava de “fixar

uma forma” para os pares da nossa estirpe que comumente variavam de aspecto.

Ali fui submetida a uma situação que, na lógica humana, corresponderia a da humilhação ou a do estupro psicológico. Porém, na cultura demoníaca e conforme os padrões olímpianos, o que estava acontecendo comigo era como se fosse uma nova destinação na minha vida, que tanto podia ser melhor ou pior, dependendo da lógica aplicada à questão.

De cada um dos seres que compunham a elite do Olimpo fui recebendo as prendas que eles forneciam de acordo com o seu nível de compreensão sobre o que Zeus destinara para mim.

Sentia as vibrações penetrando o meu psiquismo mas, pelos efeitos que a aparelhagem daquela sala me causava, não consegui apresentar qualquer reação. Deixei-me estuprar!

Não foram somente os que pertenciam ao conselho dos doze eleitos que me adornaram. Alguns outros, da elite do Olimpo, que naquele dia estavam por ali, foram também convidados a contribuir com o processo. Tornei-me o assunto do momento!

Tanto o meu corpo como o meu modo de ser, foram diligentemente transformados e precisou mesmo de um certo tempo para que todos os adornos se fixassem no meu “novo eu”.

Coube a Hefesto, num sentido, e a Atena, em outro, a concluírem ou finalizarem o meu processo de punição com vistas ao cumprimento do desígnio de Zeus.

Atena, que achou normal eu ter sido punida e ela não — essa era e ainda é a lógica demo — resolveu me perguntar o que eu desejava dela receber. Respondi-lhe que não sabia o que dizer. Ela, que não era dada a afetos, nem mesmo à moda demo, abraçou-me enquanto dizia que o seu poder mental estava me repassando o “seu desejo de que eu viesse a gostar de me tornar humana e de conviver com os humanos”. Achei estranho mas senti-me bem, quase que como nos meus “sonhos”, mas até hoje não sei ao certo o que ela me repassou, se é que algo o fez nesse sentido.

Hefesto... ah! Hefesto é um caso a parte. Dentre os olímpianos ele era o mais estranho e mesmo feio. Surgira para a vida com um defeito em uma das suas pernas, o que o tornava “coxo”, pois mancava a cada

passo que dava. Além disso, ele era um dos poucos olímpianos que dormia, e o fazia quando bem lhe apetecia ou, como ele mesmo afirmava, quando a sua mente era possuída pela força desconhecida que lhe dava também muitas ideias. Além de dormir nos momentos mais absurdos, ele às vezes parecia não escutar o que lhe era endereçado ou, simplesmente, participava das longuíssimas assembleias olímpianas, escutando, entre uma e outra soneca, aos cansativos discursos, e dali saía sem ter a mais remota noção do que fora abordado.

Não era raro alguém encomendar a Hefesto uma obra “x” e ele entregar uma “y” e nada podia ser feito por quem solicitara o seu concurso pois a obra “y” era tão encantadora que estranhamente satisfazia a quem a recebia. Era comum se ver no ambiente do Olimpo alguém portando algo ou “morando em uma casa” que havia originalmente sido encomendado por outrem e aquela era uma das singulares marcas daquele gênio que parecia ser o realizador de todos os projetos só que os destinava equivocadamente.

O seu genos-oficina era constantemente visitado exatamente pelos que ainda tinham a “expectativa” de receberem o que havia sido encomendado. Mas é dito que somente aos doze do Olimpo, e para mais alguns poucos, Hefesto se recordava de destinar corretamente as suas geniais criações.

Quando Zeus escalou ele e Atena para “finalizarem” o meu processo de punição, deixou claro que Hefesto deveria “selar” a minha nova condição homo sem que me fosse possível retomar ou me metamorfosear em demo novamente.

Ao escutar o Senhor do Olimpo decretar que caberia a ele “selar” o padrão de personalidade definitiva de Pandora, pensou: “será que Zeus não sabe que a nossa espécie padece exatamente do tormento de não poder se pacificar num padrão de personalidade específico e os mais inquietos se metamorfoseiam devido a isso, como me é então pedido para selar o que não sei definir?”. No entanto, tudo o que a assembleia olímpiana escutou foi um: “hein?”, como se Hefesto não houvesse escutado ou “compreendido” o decreto recebido.

Zeus tornou a expressar o seu decreto e quando Hefesto ia manifestar a sua inquietação, eis que eu já estava sendo levada para o já referido salão da ornamentação e ele simplesmente acompanhou os demais e ali permaneceu enquanto eu recebia os dotes.

Após todos os ornamentos recebidos e, depois do “abraço” que Atena me dera, foi a vez de Hefesto se dirigir a mim, enquanto dizia: “você agora é mais bela contudo Zeus lhe pretende um presente funesto para os animais de Prometeu e para o seu irmão. Será isso mesmo? E devo selar a sua situação...”.

Após deixar algo inconcluso o seu juízo sobre o que deveria fazer, Hefesto aproximou-se por demais e me disse para que somente eu escutasse:” mas eu não sei fazer o que ele ordenou”.

Foi dizendo aquilo ao mesmo tempo em que retirava do seu alforje um bastão com uma ponta aparentemente luminosa o qual encostou no meu corpo por diversas vezes.

Disse-me, depois, algo maroto: ” não sei se era isso que Zeus queria que eu fizesse, mas dei-lhe , sim, uma forma mental de expressão que é em tudo melhorada em relação ao padrão que conheço dos animais de Epimeteu; mas permanece também na sua mente a forma que você herdou de Zeus com uma adequação que fiz à situação deles, com base nos dotes que você recebeu. Mais que isso não sei fazer e nem muito menos sei “selar” essa situação em definitivo. Mas decreto é para ser cumprido. Está feito! Aviso que você mesmo deve preferir uma das duas quando a sua mente fizer um movimento da sua vontade real num ou noutro sentido. Você é quem definirá se será uma das nossas, à moda dos animais dos titãs, ou se definitivamente deixará de ser uma de nós e se fará frágil e mortal como eles.”

Após a execração olimpiana fui relegada à solidão e eu mesma decidi antecipar os fatos e fui ter com Epimeteu que ainda não havia “retornado” da sua busca ao Sul.

Ali permaneci por muito tempo e tornei a me sentir bem apesar de tudo. Naqueles dias, decidi sozinha qual a opção que iria escolher como forma de definir o meu futuro. Enquanto cuidava dos animais de Epimeteu, ainda ecoava na minha mente a maldição proferida por Zeus no seu “decreto divino” de que “daquela filha ninguém mais ousasse falar, que o meu nome fosse retirado da genealogia divina, de que eu não fosse visitada e maldito também fosse quem me apoiasse em qualquer questão”.

Muito mais ainda eu daria motivo ao meu edificador para me maldizer.

O VÍCIO DE EPIMETEU

A humanidade jamais poderá compreender um de seus progenitores, no caso, Epimeteu. Ele era uma “figura estranha” até mesmo para os seus próprios pares titãs.

Epimeteu e Prometeu — por questões que a cultura demoníaca jamais vislumbrou, mas que um dia será inevitavelmente esclarecido — tinham uma **fixação pelo barro**, fosse ele o do tipo existente no genos onde originalmente eles foram criados, ou mesmo o que estava tão generosamente disponível na Terra.

Os dois irmãos faziam de tudo com o barro, no sentido de manufaturar incontáveis formas advindas da imaginação que marcava as suas mentes. Eles eram tão ligados, tão conectados, que costumavam brincar de construir peças em locais separados para checar, no final, que haviam idealizado as mesmas formas ou num grau de semelhança invulgar.

Houve um momento, na história das gerações demoníacas, em que **“decompor” o universo em sua “essência” era motivo de “competição mental” para muitas classes de seres**. O criador provavelmente se sentia “humilhado” por todo aquele enxame de pretensas abelhas que procuravam ultrapassar o seu papel na colmeia e desejavam agir feito abelha-rainha, quando essa posição sempre teve dono. Somente, muito tempo depois, ele veio perceber que “alguém” estava **semeando aquela “moda” para que da diversidade pudesse surgir o “fator de correção” do seu código de organização pessoal** que provoca sua desdita e a de todos que, direta ou indiretamente, herdaram o conjunto dos seus genes complicados.

Tudo isso começou a ter lugar quando **“semear corpos biológicos” no universo, a partir da “célula código” do criador**, foi finalmente estabelecido como sendo a **meta a ser perseguida**.

Essa aventura começou a ter lugar graças à **estratégia de Eros**. Desde então, **os titãs foram criados como espécie de novos agentes do processo**, mas também como produto-cobaia de uma tentativa frustrada de gerar seres intermediários entre uma certa situação mental e outra mais densa, em termos de “estruturação dos corpos” no lado deste universo.

Eros e Tártaro manipulavam tudo por trás dos fatos e os mesmos simplesmente tinham lugar, e não havia condições psíquicas-demo, nem senso crítico-demo, para que pudesse ser percebido por alguém o que realmente se encontrava em curso, que utilizava todas as classes demo então existentes, como cobaias de um possível processo evolutivo que jamais funcionou adequadamente.

Acreditem: somente nesses tempos é que a componente espiritual, como força estruturadora de toda essa epopeia, está sendo vislumbrada por todos os atores universais e dimensionais, mas somente a partir do que ora acontece na Terra em relações a essas revelações.

Epimeteu e Prometeu foram exemplos máximos de como essa mania cósmica invadiu o psiquismo de certas classes demo.

De tanto manipularem o barro com diversos tipos de “poções”, Prometeu foi desenvolvendo uma força mental que terminou conseguindo repassar um campo vibratório para as peças longamente trabalhadas. Isso o assustou no princípio. Tentou manter em segredo, mas Epimeteu também terminou por copiar a “técnica mental” do irmão, e nada entre os “deuses demoníacos” que fosse sabido por pelo menos dois deles, conseguia permanecer desconhecido.

Com o tempo, todos souberam do poder daqueles dois titãs em gerar figuras de barro com vida. O detalhe é que Prometeu ainda não havia testado a sua técnica com os animais humanos. E ele pretendia estudar muito mais ainda a questão daquela espécie, antes de tentar dar vida as suas contrapartes demoníacas. Atena tão somente precipitara os fatos, sem que, conscientemente, tivesse intentado isso fazer.

Naqueles dias, muitas das espécies da natureza terrestre tinham entre seus membros algumas mutações ajustadas pela interferência daqueles dois irmãos, e essas se davam de muitos modos. A da projeção mental sobre os bonecos de barro mineralizados e adornados com todo tipo de fragmento de matéria orgânica era somente uma das formas que eles utilizavam para interferirem no andamento das espécies naturais terrestres.

Aqui importa ressaltar um painel surpreendente para o conhecimento atual dos terráqueos. **Os titãs eram conhecidos em muitos dos planetas habitados deste universo**, pelo menos era essa a notícia comum na cultura olimpiana. Mais até do que os próprios “deuses” da geração de Zeus. Por muitos motivos assim eram os fatos

daqueles dias. O primeiro, porque os titãs já existiam há alguns milhões de anos e, portanto, os seus múltiplos genos já haviam estabelecido “pontes ou portais de contato” com diversas naturezas planetárias. O segundo motivo tem a ver exatamente com o fator de surgimento dos titãs que, sob a perspectiva do tempo da criação eram considerados como atores “recentes” no palco dos acontecimentos.

Epimeteu e Prometeu, dentre outros, eram, portanto, cidadãos cósmicos dos mais versáteis se por isso entendermos que chegaram mesmo a possuir bases laboratoriais em alguns desses mundos e, em quase todos eles, o barro era basicamente a matéria prima que eles utilizavam para modelar as suas experiências.

Assim, a força mental deles conseguia dissolver o barro, nas suas porções argila e água e, por sua vez, conseguiam **reduzir essas componentes a estados de “elétrons puros”, ou mesmo em níveis mais profundos ainda naquilo que o conhecimento atual terráqueo chama de “neutrinos”, e neles marcar o “projeto mental” — a ideia mentalizada — e assim repassar para o barro reconstituído os projetos e/ou as figuras que desejavam.**

Quanto mais conheciam as leis físico-químicas e biológicas comuns à natureza terrena mais desenvolviam em termos de complexidade criativa, e os modelos foram ganhando vida de um modo surpreendente, apesar de não conseguirem viver muito.

Epimeteu estudou tudo o que uma inteligência individualizada poderia saber sobre a questão e com ela se consorciou a tal ponto que o seu mecanismo psicológico parece ter sucumbido às suas criações. Assumia o comportamento de muitos dos animais então existentes e imaginava como eles poderiam ser ainda mais diferentes. Sob a lógica humana seria alguém que havia enlouquecido e perdido o seu senso de identidade. Para a cultura demoníaca de então, ele era tão somente mais um demo singular, com suas esquisitices e maneirismos.

Lembro aos humanos que me lêem que já existe na cultura dos encarnados experiências com água congelada, em cujos cristais se pode constatar as influências das marcações mentais de quem com ela interage, como também as influências da música, das cores, das fragrâncias do ambiente que nela se marcam. Assim, “ideias mentalizadas” são facilmente repassadas para a água que as absorve de modo único. (Nota do Escrevente: Pandora está se referindo às experiências do Dr. Massaru Emoto).

Se a isso for acrescentado um poder mental com algoritmos programados para gerar processos de movimento e/ou de troca eletroquímica, a **“vida celular”** pode se expressar facilmente, seja ela de ordem (1) “físico-química” (como os anjos-clones, robôs artificiais e/ou mineralizados), (2) demoníaca (diversas classes de seres com corpos facilmente desorganizáveis cujo funcionamento está totalmente determinado em órgãos, glândulas e demais sistemas dispostos nas suas mentes) ou (3) biológica, como é o caso das espécies da natureza terrestre.

Para os que pensam ainda mais além do que o que se encontra somente à vista, não se pode esquecer que, quem congrega todos esses sistemas e produz a vida é o elemento espiritual que a tudo envolve e faz viver.

Para os humanos, Epimeteu seria um drogado, com vício extremado na absorção de poções, e era esse “cobaia gratuito” que com a sua postura terminava trabalhando para todos já que, de vez em quando, as suas descobertas se transformavam em remédios, enfim, elixires para fins diversos. O lado “bom” das poções de Epimeteu era o de que as suas invenções não poderiam mesmo piorar, fosse o que fosse, no já caótico genótipo demoníaco. Sobrava somente a questão do vício, mas isso era problema de cada um.

A sua vida era dedicada à alquimia de tudo o que com ele interagira. Confesso que às vezes era meio assustador até para nós. Mas sempre foi dito que os titãs haviam sido criados para “testarem de tudo”, pelo menos é o que pude e posso deduzir de toda aquela história que presenciei e que ali começou com o meu próprio concurso, e que está longe de ter um fim.

Prometeu disse-me, certa vez, que o seu irmão havia construído um laboratório em local bem longe do portal do Olimpo, que era mais utilizado por poucos, e que se situava ao Sul da porção de terra que se encontrava entre os agora chamados Mar Negro e Mar Cáspio. O seu posto de estudo ficava mais ao ocidente, perto do grande oceano, hoje chamado Atlântico.

Os registros da mitologia grega não deixaram isso muito claro, mas entre os titãs existiam alguns que eram de natureza aquática, e viviam de um modo que muito estranharia o conhecimento moderno. O titã mais velho, e que havia permanecido neutro na peleja contra os olímpianos chamava-se Oceano.

No laboratório das criaturas das águas, como Prometeu a ele se referia, foi dito que Epimeteu **coleccionada criaturas translúcidas**, que haviam produzido luminescência própria por viverem nas profundezas, e estas eram trazidas por titãs amigos de Epimeteu para que ele as estudasse.

Esses **seres aquáticos** queriam saber tudo o que fosse possível sobre como ocorria a fecundação entre os **translúcidos**, e assim, a sua prole era então acompanhada desde a gestação e, mais tarde, ao longo de toda a vida, já que as suas células — o que ocorria no âmbito da vida celular — podiam ser vistas e estudadas pois eram perceptíveis à observação externa. Mais ainda: **Epimeteu aprendera a perceber as mudanças genéticas que ocorriam a todo momento nas entranhas celulares daqueles espécimes.**

A noção de genética e da transmissão de genes, de vida celular, do funcionamento dos sistemas corporais das espécies, da alimentação e da digestão, tudo, absolutamente tudo o que fosse possível ser constatado, era objeto de estudo dos dois titãs.

Esse laboratório passou a ser algo “mítico” até entre os próprios olímpianos pois Hefesto daria a vida para conhecê-lo e jamais essa chance lhe foi dada, seja pela sua conturbada vida cheia de dramas ou mesmo pelo seu labor intenso na produção das encomendas dos “deuses”, até a sua destruição ocorrida em cataclismo mais recente relacionado à inundação planetária que passou à posteridade como sendo o dilúvio planetário.

Epimeteu era também conhecido como o titã que somente via o estrago depois das besteiras que fazia. Seu irmão, Prometeu, ao contrário, era tido como “prudente”, o que via antes. Mas isso era tão somente uma questão de como os titãs eram vistos pelos demais demônios, em especial, pelos da estirpe de Zeus.

O fato é que Epimeteu tinha a estranhíssima habilidade de produzir poções líquidas, pastosas e em outras condições de apresentação, e de guardá-las em incontáveis jarros na sua casa-laboratório. Cada uma daquelas poções tinha a propriedade de despertar, em quem a bebia, um certo tipo de postura mental que correspondia a um comportamento específico, dentre outros aspectos.

Muitos dos animais da natureza terrestre, notadamente algumas espécies entre os mamíferos e depois entre os primatas, foram obrigadas

a tomar ou ter as mesmas inseridas nos seus corpos.

Desde que aportara na Terra, Epimeteu transformou o que encontrava pela frente em “cobaias” do seu incontido impulso em estar sempre fazendo experiências no campo do comportamento das feras, fossem as da natureza terrestre ou mesmo das que eram comuns à produção das intrigas demoníacas.

Quando fui me apresentar a ele como a companheira enviada por Zeus, o meu “novo lado feminino” não teve em si nada despertado em relação a sua figura. Nunca consegui agradá-lo e nem jamais me agradei do seu toque ou modo de convivência sexual que tentamos estabelecer.

Mal eu sabia, mas nos muitos “presentes” que recebi dos meus pares olímpianos, alguém dentre eles me deu algo que sempre impossibilitou o meu psiquismo de amar, ainda que à moda demoníaca. Jamais o consegui pois o fardo da herança criminosa sempre imperou no meu corpo demo-homo e nunca amei naquelas circunstâncias.

Outro “presente” que recebi foi a estranha tendência presente no novo corpo, agora parte demo e parte homo, de querer testar, provar das poções de Epimeteu. Quem me repassou tal algoritmo mental, o fez obviamente sabendo que Zeus iria me decretar ter Epimeteu como companheiro.

Passei toda aquela vida lutando contra a vontade às vezes irresistível de provar das beberagens de Epimeteu, o que nem sempre conseguia.

Ao tempo em que me encontrava esperando o retorno de Epimeteu da sua excursão ao Sul, para agora me apresentar como sendo a sua companheira, quando ainda não tinha em mim tão desperta assim a vontade de ingerir as tais poções, fiquei cuidando dos animais de estimação que, em grande número, viviam no entorno da casa dele.

Com o seu retorno, passamos a conviver juntos, mas essa expressão jamais fez justiça ao fato de que ele mal se recordava que eu ali me encontrava, pois aquela era mesmo a sua natureza.

Há muito Epimeteu já era dominado pelo hábito de ingerir algumas daquelas poções e foi este o estágio que, sem que alguém soubesse, ele viveu todos os dias em que dele tive notícia. Vivemos pacificados, pois não era somente ele que se esquecia de mim, pois a minha tendência à solidão terminou por contribuir para que jamais discutíssemos, e dele

também esquecia, e assim vivemos sem complicação. Cuidávamos dos animais humanos e dos outros muito mais do que um do outro. Era estranho mas víamos com naturalidade aquele estado de coisas.

Talvez até mesmo para mostrar a Zeus e aos “patrulheiros” do Olimpo, tivemos uma filha, à moda demoníaca, a quem dediquei o afeto que me era possível e dela recebi o exemplo de um modo mais refinado de “amar alguém”.

Pirra nasceu menos demônio e mais humanizada do que eu podia pressupor. Até então, eu vivia deixando os fatos me levarem por força dos seus desdobramentos. Assim foi, até que os problemas de Epimeteu começaram a se complicar.

Nessa altura da minha vida ainda de nível psíquico demoníaco, mas prestes a me “humanizar” através de um processo que ainda narrarei nos termos que me forem possíveis, foi que tive acesso a uma “inconfidência” de Epimeteu, que me revelou que Prometeu havia idealizado as figuras de barro humanas num dia em que ele estava muito revoltado com Zeus.

Segundo Epimeteu, seu irmão teria dito que iria gerar uma criatura que não teria que se submeter aos caprichos dos deuses que davam sustentação ao domínio de Zeus. Que teria pedido a ele para **produzir uma poção que “libertasse” a mente da criatura do limite imposto às demais espécies de animais** da natureza terrestre que eram de uma maneira ou de outra adestráveis.

Epimeteu conseguiu produzir mais de uma poção com aquele tipo de “poder”. Ele me contou dos testes que havia feito em outros animais, tanto demoníacos como biológicos, e obtido relativo sucesso.

Sei que isso é chocante e mesmo difícil de ser “digerido” pelo conhecimento terráqueo. Peço que lembrem apenas das muitas lendas sobre animais falantes e estranhos, presentes nas narrativas hoje tidas como lendárias.

Fiquei fortemente impressionada com o que ele me mostrou, e aquilo teria imensa repercussão no que eu viria a fazer, depois da minha convivência com os humanos que, naqueles dias, começou a demarcar o meu “antes demoníaco” e o meu “agora algo humanizado”, deles acompanhada.

Com o tempo é que fui vendo como eles me era natural e como que neles a minha presença causava alguma impressão, pois era-lhes absolutamente semelhante em tudo. Epimeteu, não! Ele era um titã e, portanto, de padrões exagerados e disforme em certos detalhes, mas a sua boa índole fazia-o confiável aos humanos que dele se acercavam sem temor, do mesmo modo que fazem os animais de estimação ou já afeiçoados aos humanos.

Assim eram os primeiros humanos em relação as “deuses”, fossem extraterrestres deste universo ou mesmo seres demonizados de outras moradas dimensionais que naquela época conviviam com a realidade universal e, no caso, particularmente com os acontecimentos terrenos.

Rotineiramente se repetiam as situações em que Epimeteu consumia as suas poções e, de acordo com as suas reações em relação a cada uma delas, senti-me tentada a tomá-las, mal imaginando que aquela tendência no meu psiquismo era produto dos já referidos “presentes” que havia recebido.

No tocante as suas reações, pude observar que o corpo do titã, que não era tão metamorfoseável quanto os demônios da estirpe de Zeus, quando tomava certas poções, o mesmo se transformava em padrões impensáveis até para a mentalidade de então. Mas ninguém sabia daquilo, a não ser eu mesma, Prometeu e Hefesto. Mas eles jamais falaram daquilo a não ser quando Epimeteu prostrou-se como um “quase-morto”, e muita preocupação houve porque os titãs eram mortais, enquanto que os demônios da estirpe de Zeus pensavam que não eram.

Outro aspecto advindo das beberagens é o de que o nível de consciência dele parecia se alternar de acordo com o corpo que era moldado a cada poção.

Epimeteu era um titã puro. Eu, mesmo tendo sido gerada a partir do código genético de Zeus, fui transformada num caldeamento estranho de muitas tendências e inclinações, e aquelas poções começaram a produzir em mim algumas sensações e estados psíquicos jamais vividos.

Depois de tantos excessos, **Epimeteu finalmente teve um problema na sua saúde que o “travou” a tal ponto, como se vivesse num estado de “coma”** interminável. Prometeu e Hefesto, dentre outros, tentaram reanimá-lo, até reestruturá-lo em outros moldes, mas o seu corpo resistiu a todas as intervenções que a medicina demoníaca conseguiu providenciar, não adiantou. Ele hibernou-se e assim tem

passado os últimos milhares de anos à espera de um “novo clima” para poder despertar em condições de ser ajudado.

Quando vi Hefesto e Prometeu tentando ajudar Epimeteu, recordei-me de um outro raro encontro ocorrido entre eles, a convite de Prometeu, que havia encontrado um artefato estranho construído numa rocha em uma alta montanha. Ele havia trazido o tal artefato para a sua base de operações terrena e convidara aos dois e, por acaso, eu me encontrava em um dos meus estágios na Terra.

Pude perceber que Hefesto e Epimeteu não conseguiam sustentar uma “conversa” de um minuto, mas passaram alguns dias juntos, doentamente fixados observando o artefato, no mesmo ambiente, sem trocarem uma só expressão, como se o outro ali não estivesse, e tudo aquilo pela altíssima capacidade intelectual de ambos aliada a uma curiosidade doentia sobre a matéria que fosse dos seus interesses. Daquele encontro saí sem que sequer notassem e Prometeu me informou que jamais chegaram a bom termo quanto ao que seria o objeto encontrado.

E ali estava Epimeteu, que muitas vezes largava a sua companhia de momento no “meio de uma frase”, para perseguir uma nuvem no céu que ele pudesse achar singular, um animal ou pássaro que chamasse a sua atenção, agora incapacitado de expressar o seu inquieto interior.

O grupo de humanos machos que então existia em ambiente próximo à morada terrena de Epimeteu de vez em quando se aproximava como se querendo vê-lo.

Aos poucos fui deles me aproximando mais e mais e, até mesmo por exercer sobre eles uma atração muito forte, **tornei-me uma espécie de “musa”** e, com o tempo, todos aqueles homens ficaram invariavelmente meio que dependentes da minha presença. Não há outra analogia melhor de que o já repetido contexto em que **eles, praticamente, haviam se tornado uma espécie de animais de estimação na morada de Epimeteu onde passei a residir** como “herdeira da situação”.

Aqueles seres não tinham o apanágio da razão e nem muito menos possuíam despertos o desejo sexual no nível em que, mais tarde, este viria a surgir no genótipo da espécie. De modo estranho, o ímpeto sexual nos humanos de então, funcionava de modo bem diverso dos moldes atuais. Era episódico e mesmo algo raro.

Aquele grupamento era produto de muitas experiências que Epimeteu havia feito com os seus membros e eles eram algo diferenciados em relação a outros poucos grupos de humanos masculinos que existiam na Terra.

Pesava-me a ordem de Zeus, ainda não cumprida, de me misturar entre os “humanos de Prometeu” e complicar o modo como vivam e mesmo os desfigurando.

Decidi, ao contrário, que iria “trabalhar” aqueles humanos, humana que eu também era, até porque a convivência com os deuses não me apetecia. Sendo filha de Zeus jamais havia gostado da destinação que ele me dera, desde a união com Epimeteu. Fiz daqueles entes humanos espécies de filhos e comecei a identificar, com o meu jeito ainda demoníaco de ser, apesar de já me fazer presente num corpo de uma mulher humanizada, qual o perfil de cada um daqueles seres e as poções que a eles poderia ministrar com o meu próprio conhecimento adquirido, após ter testado algumas das obras químicas de Epimeteu.

Eu não envelhecia, mas aqueles humanos cresciam em idade e, com o tempo, fui despertando, em alguns deles, certas posturas e comportamentos que nada mais tinham a ver com os “humanos domesticados” de Epimeteu. Realmente, **estava nascendo um “novo modo de ser” para aqueles indivíduos humanizados.**

A OPÇÃO INUSITADA DE PANDORA

Muitos foram os dias terrestres em que senti a falta do meu companheiro titã, da sua simples presença ao meu redor, ainda que não me desse nenhum tipo de atenção, mas tocávamos a vida em paz. E eu gostava quando, ainda que muito raramente, ele se estimulava a narrar as suas andanças e descobertas, muitas delas difíceis de serem entendidas e em silêncio eu permanecia para não interromper o fluxo das suas raras narrativas. Também não adiantava mesmo perguntar qualquer coisa porque ele não escutava ou atinava com coisa alguma diferente do foco de momento da sua atenção.

Lembro-me de uma vez em que me revelou que tinha feito bem mais experiências com os entes aquáticos da natureza planetária do que com os que viviam na superfície. Nunca soube exatamente o que aquela frase significava e me arrependo mesmo de não ter “capturado” dele maiores explicações. Seja lá qual o contexto oculto naquela informação, quais os significados das experiências que ele fez, tudo aquilo morreu com a sua hibernação e não sei se um dia poderá ainda ser resgatado para o conhecimento de todos.

Penso mesmo que Epimeteu foi utilizado — para diversos fins enigmáticos — por muitas forças que eram invisíveis para o poder demoníaco daqueles dias, e isso, junto com o seu vício, o desgastou a tal ponto que ele desfaleceu.

Fui vivendo sozinha e fazendo dos entes humanos a minha companhia de todas as horas. Permiti que invadissem os recintos da minha morada e fui tentando adestrá-los mais e mais em certas matérias do dia a dia.

Meu horizonte de vida limitou-se por completo à minha convivência com eles e sobre os meus ombros pesava o “decreto divino” que eu não havia cumprido de todo.

Prometeu muito reclamara de Epimeteu por me ter recebido como um “presente de Zeus”, mas depois até passou a achar que algo situado além da nossa percepção estava escrevendo uma história de cujo começo éramos, sim, os protagonistas, mas com desfecho absolutamente desconhecido.

Em suas raras visitas, enquanto ainda gozava de liberdade, ele costumava dizer que desejava estar bem longe de Zeus quando ele

finalmente percebesse — porque ele somente costumava perceber os ardis que lhe eram aplicados algum tempo ou mesmo muito tempo após a consumação dos fatos — a estranha ironia que o destino estava armando para o rei dos deuses.

Foi quando decidi me humanizar de vez e fiz uso da opção mental que Hefesto havia deixado pendente no meu código genético pessoal.

Por essa época os entes da minha estirpe ainda não conheciam o que hoje os humanos chamam de Yoga. Mas tentei, ao meu modo, pacificar a minha mente para que o meu “movimento de consciência”, profundamente estabelecido na minha vontade, pudesse providenciar a “transição de fase” entre a minha condição demo e a nova condição homo.

Para poder me referir àqueles dias, terei agora que usar dois elementos para traçar a analogia possível que conheço e que tomo emprestada da convivência que tenho com este humano que me serve de escrevente.

Aqui vou me utilizar, primeiro, de um dos filmes que ele assistiu pertencente à trilogia **do “Senhor dos Anéis”** (Nota do Escrevente: obra de J.R.R. Tolkien), **quando a elfo Lady Arwen Urdomiel abriu mão da sua imortalidade élfica e humanizou-se, por ter se apaixonado pelo humano Aragorn.**

O que fiz foi algo comparável ao que o autor narra nos seus livros, apesar de que, em mim, não havia romance à vista. Apenas, a condição demoníaca que nos marcava, ostentava um aspecto que não constou nas páginas da mitologia, que era o fato de que, poucos dentre nós, conseguiam controlar o aspecto metamorfoseável dos nossos corpos. Em outras palavras, estou afirmando que as mudanças corporais se processavam de acordo com o fluxo dos pensamentos e das sensações que povoavam o psiquismo e, devido à resultante desse processo, as variações de forma surgiam inesperadamente até mesmo e principalmente para os usuários das mesmas.

Como no início da nossa estirpe aquilo acontecia com todo mundo, o estranho tornou-se comum e normal, e às vezes sequer notávamos que algo havia acontecido conosco, a não ser quando o olhar alheio denunciava o ocorrido.

Na verdade, era uma doença que vinha desde os tempos em que os primeiros demônios haviam surgido da contenda entre Caos e Tártaro (Brahma e Shiva), mas que, frente aos olhos humanos, foi transformada em “poder” para melhor impressionar os desavisados.

A quantidade de cabeças, braços, pernas e outros adereços nos corpos demoníacos foi sendo administrada de geração em geração, e por ter sido a estirpe de Zeus a última a ter surgido, esta é a que menos ostenta esse aspecto da questão, se comparada com as anteriores.

Zeus, dentre todos, era o que mais controlava o seu imenso poder de se metamorfosear, e ele realmente foi um dos poucos que conseguiu transformar uma queda num passo de dança, pelo menos perante os demo mais simplórios e os humanos desavisados. Mais ainda: utilizou-se disso para interferir de modo crucial na “produção” de semideuses (parte demo, parte homo) para que estes pudessem resolver problemas que os próprios deuses não logravam mais conseguir. Sem essa participação dele a raça humana não teria herdado a Terra.

Comigo acontecia pouco, quando comparo o meu cotidiano de então ao de Apolo, ao de Hermes, ao de Poseidon, Hades e outras estirpes que auxiliavam os trabalhos na cultura da vida olimpiana. Já os titãs ostentavam outras questões psíquicas mas raramente se metamorfoseavam.

Zeus, que na mitologia hindu ficou conhecido como Indra, conhecia como ninguém o poder mental que, na linguagem sânscrita, revela-se na expressão “**vritti**” — que aconselho ao conhecimento ocidental traduzir como sendo uma “ideia mentalizada”, um “projeto mentalizado” ou ainda num linguajar ultramoderno, um “colapso de ondas quânticas devidamente apropriado”, se por isso for entendido um processo que acontecia entre os do nosso tipo. Refiro-me, exatamente, ao movimento de consciência que Zeus/Indra aprendeu a fazer de “mentalizar” ou “materializar” — por meio da vontade e da “programação mental comum à estirpe demoníaca” — a expressão corporal idealizada.

Assim, o segundo elemento que tomo emprestado da mitologia ariana/hindu, tem a ver com esse “**movimento de consciência**” que, entre os demos, passou a ser motivo de cobiça e de muito treinamento, pois Zeus conseguiu repassar os seus poderes mentais até para o campo da confecção de armas e de outros adereços de combate.

No que concernia à minha situação, eu **estava tentando realizar o meu movimento de consciência para abandonar de vez o programa mental com o qual nasci para a existência, assumindo, doravante, a programação cerebral dos humanos** que já me estava disponibilizada por Hefesto, mas que precisava ser por mim despertada.

Passei muito tempo tentando e sentia-me “feliz” só pelo fato de me ser possível vivenciar aquela tentativa. Foram dias difíceis de serem descritos, pois o meu psiquismo era inundado por tantas sensações estranhas que eu me encantava somente por vivenciá-las. Até me esqueci por completo das poções de Epimeteu, tamanha era a minha satisfação.

Enquanto isso, continuava a conviver com os meus humanos de estimação, e fui dando nome a cada um deles, no que Pirra muito me ajudou, até porque ela já se tinha na conta de humana e praticamente mal se recordava da sua outra componente.

Com o tempo, a minha afeição por um dos humanos foi se construindo, e terminei por escolhê-lo para ter relação sexual e testar a mim mesma naquelas circunstâncias. Feita a opção, estranhamente surgiu em mim o tão desejado “movimento de consciência” ou “nova atitude mental” que me polarizou definitivamente como animal biológico pensante no qual eu havia tanto desejado me transformar.

Aconteceu, sem nenhum esforço, quando menos esperava, e recorde-se quem porventura estiver lendo estas páginas, que eu já havia testado muitas das poções de Epimeteu, ostentava em mim inúmeras interferências das mentes poderosas dos meus “deuses que me serviram como padrinhos e madrinhas de humanidade”, era portadora do que em mim estava encapsulado pelos poderes de Atena e, em especial, pelo de Hefesto, tudo isso associado à minha vontade. Agora, ali estava surpresa por **vivenciar o momento zero de uma nova natureza que eclodia no meu psiquismo**, e foi assim que me fiz ou, sob outra perspectiva, que me fizeram mulher.

Eu não possuía a consciência de que as poções de Epimeteu tinham o condão de provocar mudanças na programação do genótipo de quem as ingerisse, fossem titãs, eu ou mesmo os animais humanizados com os quais passei a conviver. Mas quando ocorria delas despertarem no psiquismo alguns “estados mentais” que passavam a ser automatizados como postura corriqueira, **o jogo genético, por trás das nossas personalidades, efetivamente se modificava a cada momento da vida.**

Para minha total surpresa, a minha “porção mulher” sentiu sensações jamais observadas no meu psiquismo até então, fosse como ser demonizado ou mesmo como um mestiço demônio-humanizado. Pude constatar que, as poções de Epimeteu e a convivência com aqueles humanos me **proporcionaram um “despertar mental e espiritual” em padrões que, hoje sei, jamais haviam sido observados em qualquer tipo de ser vivente na esfera da criação de Caos.** Mas na época eu não sabia e acho que ninguém mais o sabia, a exceção dos senhores da “lila” que estavam por trás dos fatos, financiando tudo aquilo a partir da inocência dos atores e atrizes que, “pensam ter uma vida”, quando, na verdade, o drama desses seres falidos é que, engenhosamente, cria a ilusão da vida que vivemos para que eles se apropriem da nossa produção genética.

Um dia, todos os clones, demos e seres biológicos animalizados ou não que vivem no universo compreenderão. Finalmente, estamos vivendo os primeiros dias da revelação do que antes se encontrava oculto para o conhecimento dos terráqueos. Daí o obrigatório resgate do passado com a sua adequação às cores da atualidade. É só o começo!

A partir de certo ponto, eu já me encontrava totalmente desperta para o uso da razão nos moldes em que agora todos os humanos fazem. Mas ninguém ao meu redor havia conseguido avanço significativo, a não ser no aspecto da docilidade e do senso de cooperação entre eles quando tudo estava bem. Porém, em existindo qualquer problema na convivência grupal, eles se desagregavam, mas em algum momento voltavam à harmonia.

Minha atenção se voltou decisivamente para aquele a quem havia escolhido como parceiro principal das minhas experiências, pois ele também era o que ostentava a maior liderança entre os da sua espécie. Ensinei-lhe a minha linguagem e proporcionei-lhe a condição de ter acesso às poções.

Ensinava-lhe e dele recebia os resultados do seu esforço, e foi com uma estranha satisfação que **estabeleceu-se entre nós o entendimento em torno da minha linguagem agora adaptada ao seu entendimento.**

Surgia, assim, o meu “Adão”, ainda que não fosse este o seu nome, já **que Adão e Eva são epítetos que pertencem ao enunciado de uma outra tradição bem posterior a esses fatos,** ao tempo em que **Caos, agora como Javé, começava a colocar em prática mais uma estratégia com vistas a reconquistar o controle sobre a humanidade.**

Isso, porque, **ele o havia perdido exatamente quando me libertei do jugo imposto à minha pessoa enquanto Pandora, e ajudei a que meu parceiro e descendentes também adquirissem a liberdade mental que tanto irritou a Zeus** e a todos os deuses presos à ortodoxia de Caos, o causador de todo aquele drama.

Digo mais: Caos/Javé, hoje o sei, tentou influenciar as minhas ideias, projetos e atitudes para com a humanidade, mas de mim ele pouco conseguiu. Firmei-me em mim mesma e agi, naquela hora, como se fosse uma rainha sem reino, fazendo o que pensava ser justo e com certo ranço, o reconheço, em ralação aos critérios olímpianos.

Cerca de trinta mil anos mais tarde, ele concentrou, por fim, os seus esforços sobre o que a raça dos Nephelim bíblicos, que também se encontrava instalada na Terra, e que desenvolvia os seus esforços manipulando a genética da espécie humana por meio de tecnologia avançada. Sobre essas manipulações, Caos/Javé e seus assessores que trabalham a partir do genos do criador, tiveram relativo sucesso nas suas pretensões durante um certo período. Contudo, em uma outra etapa do jogo de poder entre os que conspiram em torno do que é emanado da “lila”, os sonhos dos que sempre trabalharam pelo surgimento de uma espécie nos moldes dos humanos da Terra terminaram prevalecendo com os seus estratagemas, hoje o sei. Naqueles tempos, **eu mesma fui o seu principal produto! E a minha independência mental em relação a Caos e a Zeus fez dos meus descendentes um produto único no âmbito da criação.** Obviamente, nada disso eu atinava nos tempos em que lutei para sobreviver àquilo tudo.

Ainda de acordo com o que apreendi posteriormente à minha vida como Pandora, **foram muitas as linhas de influência que, ao longo do tempo evolutivo, terminaram por modificar de algum modo o genoma dos humanos terráqueos.** Contudo, três delas foram as mais marcantes e decisivas: as que Epimeteu, Prometeu e eu mesma fizemos, as dos Nephelim e as de um grupamento proveniente do sistema de Sírius. De todos, o criador somente conseguiu influenciar um pouco esta última. Entretanto, desses três focos de influência, o dos sirianos praticamente teve seus efeitos eliminados por força do dilúvio, prevalecendo, assim, o projeto ousado dos “conspiradores” que se utilizaram de mim, de Hefesto, de Atena, dos irmãos titãs e de alguns dos Nephelim (do clã de Enki) para a arquitetura e configuração do mais estranho genoma já vislumbrado dentre os muitos existentes na criação de Caos.

Do meu companheiro engravidei e dele gerei uma outra filha que foi o meu grande encanto. Aquela criança já havia nascido com o seu genótipo influenciado pelo dos pais, e ela já detinha a condição pensante sendo-me, portanto, fácil lhe repassar os padrões da minha “linguagem demo-homo” agora já adequada à convivência com os que me cercavam.

Os humanos começaram a se afastar em suas andanças providenciais para a caça e a pesca, e não era raro, quando do retorno, trazerem consigo mais uns poucos espécimes machos e fêmeas, e assim o grupo ao meu redor foi aumentando.

Observando, porém, o aumento da libido dos espécimes machos da minha nova família e, em especial, a forma como eles agiam em relação às poucas fêmeas que se juntaram ao grupo, decidi, então, fazer algo que para mim era simples, mas que mudou muita coisa na história humana: gerei **a fêmea humana** em novos padrões hormonais.

Tabulei algumas opções em torno das poções que restavam do pico criativo de Epimeteu e fui adestrando as fêmeas que denunciavam facilmente o seu período fértil para um novo comportamento que terminaria gerando modificações nas mulheres daquela família e nas suas descendentes.

Foi assim que a fêmea humana deixou de anunciar ostensivamente seu período fértil, como faz a maioria dos primatas, e ficou muito mais difícil para o macho ter certeza de que, o filho que ele teria que ajudar a criar, seria mesmo seu. E investir recursos e energia no desenvolvimento de genes alheios é, em termos biológicos-evolutivos, um desastre para a descendência de quem o faz. E isso está intrinsecamente gravado no inconsciente dos “machos”. Sob essa perspectiva, Um modo de aumentar as chances de o rebento ser legítimo, era copular preferencialmente com virgens e permanecer junto delas.

Além do mais, o processo que levou a fêmea humana a esconder de si mesma a ovulação, resultou no sexo prazeroso e na formação de relações duradouras entre os pares humanos.

Com essa nova fêmea consegui passar a **noção de família** que trazia comigo das experiências entre os olímpianos, e uma nova fase começou para mim e os que me acompanhavam naqueles dias.

Foram tempos de paz e de desafios que não puderam durar muito, na medida em que os “deuses” terminaram tendo notícias de que algo muito estranho, aos desígnios de Zeus, estava ocorrendo, e eles somente

souberam das “novidades entre os humanos” depois dos fatos consumados.

Foi quando minha vida de demônio feito mulher transformou-se num inferno, pois os emissários e olheiros do Olimpo passaram a perturbar os dias que se seguiram. Imitando, porém, as demais fêmeas da natureza animal da Terra, construí forças em mim mesma para defender a minha prole e o projeto de vida que havia arquitetado por força das circunstâncias. Já humana, tive que me fazer “monstro” para defender os que pretendiam por um fim aquela experiência.

O fato é que sobrevivemos!

ENFIM, UM SORRISO

Devido ao patrulhamento dos desocupados olímpianos, virei novamente notícia para os seus anais, e foi em pleno “inferno” de perseguição que a humanidade aprendeu a ostentar na face, algo que eu, meu companheiro, meus filhos e filhas, e demais humanos daquele grupamento para mim inesquecível, começamos a expressar com naturalidade: a arte de sorrir!

O que havia sido uma conquista dos meus sonhos agora estava repassada para toda a minha família. E quando também esse “fenômeno” foi percebido pelos canais de informação do Olimpo, “vimos todos notícia”, e alguns, dentre nós, foram raptados para saciar a curiosidade deformada daqueles dias.

Por um lado era “compreensível”, afinal, no tempo a que me refiro, **o “estado de espírito” por trás do sorriso nunca havia sido sentido pelas estirpes ancestrais demoníacas**, das quais o genoma humano havia descendido.

Sim! Estou afirmando que **nenhuma classe demoníaca jamais sorriu! Nem mesmo Eros, o grande reformador, havia ostentado em uma das suas faces o que veio a surgir com os humanos da Terra.**

Portanto, não pensem vocês que o sorriso sempre esteve presente nas suas faces e, pelo que hoje sei, esse “produto” da pacificação da consciência pessoal — em mim foi essa a primeira causa que o produziu, mas hoje sei existir um incontável conjunto de “causas espirituais” que o podem provocar — **é algo também raro no universo biológico**. Espero que não fiquem chocados!

Recontando o que já afirmei, porém, agora acrescentando alguns detalhes que julgo produtivos para facilitar o entendimento, pretendo deixar bem claro que, logo que a primeira leva de animais homo foi “produzida” pelo meu companheiro Epimeteu — e contando também com o concurso de Prometeu — os humanos que surgiram daquele processo simplesmente não sorriam.

Naquela altura, apesar de, na natureza outras espécies já praticarem o sexo e algumas fêmeas parirem, entre os humanos, o ato sexual produtivo (no sentido de “reprodutivo”) permaneceu, por muito tempo, como episódio raro. Ao longo dessas épocas, as espécies homo muitas vezes estiveram situadas no limite da extinção.

Seres extraterrestres do universo biológico — obrigo-me a produzir o ressaltado, aparentemente desnecessário, porquanto sei que muitos existem que assim são classificados pelo conhecimento humano, mas que não têm origem em mundos do universo, mas sim em “genos” adjacentes que possuem alta capacidade tecnológica — muito contribuíram com seus testes além das idas e vindas de protótipos humanóides para que algumas extinções fossem evitadas. Ainda assim, muitas tiveram lugar naquele passado distante.

A chamada “**idade de ouro**”, em relação à qual hoje se interpreta ter sido um provável “primeiro momento” desta humanidade, em que deuses e seres humanos conviveram em uma ampla família, gozando de uma larga felicidade prenhe de benevolências e gozos, assenta-se, na verdade dos fatos que vivi, somente em um aspecto: **o de que realmente não havia conflitos entre as partes porque, simplesmente, uma obedecia a outra.**

De modo objetivo, afirmo que aquela espécie homo, a qual agora eu pertencia, **claramente havia sido criada, nas suas origens mais remotas, para obedecer e atender a certos interesses, pois essa era a disposição primária da área do seu genoma em relação a esse “aspecto comportamental”.** Bastava receber um leve adestramento e “pronto”: ali estava um excelente serviçal tanto para tarefas simples como para questões mais ousadas e complexas. Contudo, quem formatou as áreas do genoma da futura espécie humana, seguramente sabia o que estava fazendo, pois o meu esforço de independência fluiu com uma naturalidade que me surpreende até os tempos em que produziu essas informações. Em outras palavras: usando as expressões atuais do conhecimento humano, diria que **o genoma homo estava “quimicamente digitalizado”, em uma de suas áreas, para a atitude mental de obediência, mas nada havia que o impedisse de modificar aquela parte do código genético, promovendo, assim, a “configuração” da liberdade mental.**

Na cultura demoníaca, o que agora revelarei se encontra profusamente esclarecido, pelo menos quanto aos eventos ocorridos, ainda que o significado do que naqueles tempos ocorreu, somente ficou claro quando **a nova estirpe biológica animalizada “multiplanetária”** fixou-se na Terra como a mais nova versão da “face do criador” e do seu progresso.

Em alguns genos vinculados a poucos planetas do universo, dentre os quais a Terra, **diversos demônios adrede polarizados nos gêneros macho e fêmea comuns às suas naturezas planetárias, começaram a servir de cobaias**, por vontade própria, para que pudesse surgir um conjunto de possíveis opções mestiças do genoma demo acrescido dos genes de algumas estirpes animalizadas pertencentes aos modernamente classificados de primatas.

Os primeiros corpos humanizados dessas levas — no sentido biológico — em tudo semelhantes aos que já existiam como produto da **evolução manipulada do gênero homo**, foram gerados por meio de um processo demoníaco-tecnológico (quase um tipo de cesariana), em que a cria era retirada do demônio-mãe sem qualquer tipo de choro ou de provável espanto. Passava a existir e desenvolvia o natural grau de afeição que longamente havia sido desenvolvida no modo de ser dos demônios.

Nem todas as classes demonizadas conseguiram, após bilhões de anos, o necessário progresso para poderem servir de base estrutural à “nova humanidade” (mestiça e intermediária entre o gênero demo e o homo) que, naquele tempo era tão amplamente sonhada, desde que a cultura demoníaca percebeu as suas limitações. Dentre outros aspectos, a sua natureza original não permitia a produção de algoritmos mentais que pudessem **pacificar a inquietação advinda da deformação primeira**, ocorrida quando do nascedouro da nossa estirpe. Isso, porque, a “pancada” de Caos/Brahma no clone oponente e nos que lhe estavam próximo, havia sido de tal magnitude que destruiu a possibilidade de um “futuro conserto”, de uma possível “reconfiguração” na base do genoma demoníaco que então surgia.

Pode parecer difícil para a atual mentalidade humana compreender esses painéis mas, realmente, **até o surgimento do “efeito Eros” na face humana terráquea, não havia mesmo motivo para alguém sorrir no âmbito dessa criação.**

Poucas classes, “cirurgicamente trabalhadas” pelo concurso de Eros (mais tarde “transmutado” em Phanes/Vishnu para poder compor a lila), conseguiram se habilitar, após muito tempo, para aquela “transição de fase”, no modo de se, até então, pensar a vida com padrões diferentes do que nos era usual.

Eros — também conhecido como Kama na mitologia ariana/hindu — com muito afínco conseguiu o impensável: **conduzir o “rebanho**

demoníaco” para uma tardia consciência de que era necessário gerar matrizes vivas, antes impensáveis, que viessem a produzir os algoritmos construtores de uma nova situação tanto para o criador e seus anjos-clones, como também para todas as estirpes demonizadas. Afinal, estas haviam falido pois já nasceram “mortas para a vida plena” situada em planos mais elevados do que a imaginação de todos poderia aquilatar. Assim era porque, a “evolução possível” aos demo, somente produziria efeitos até um certo ponto, e a mesma não era suficiente para “ajeitar”, “curar”, os problemas agora marcados nos espíritos imantados às expressões demoníacas de todos os que, da Espiritualidade, mergulharam naquelas condições.

A “porta de saída” para o **vexame existencial** estava situada numa outra dimensão da vida no âmbito da criação problemática e foi sempre em torno dessa solução que Eros trabalhou, visando gerar seres biológicos animalizados e não-animalizados que pudessem permitir aos seus espíritos a evolução necessária ao “reordenamento” do genoma do criador e de toda **“elite universal”** — infelizmente, isso existe, só que “elite” é um eufemismo pobremente aplicável à questão.

Na verdade, este trabalho ainda se encontra em pleno curso e longe está de ser concluído, pois, começando pelo próprio criador e os entes da chamada “primeira hora”, foram e são exatamente eles que sempre apresentaram maior resistência ao processo. São cegos que demoraram a enxergar o problema que lhes aflige e, apesar de muito poderosos — se **comparado aos humanos cujos “circuitos genéticos” foram adrede planejados para não possuírem poderes mentais** —, eram e ainda são também incapazes de perceberem qual o remédio que precisariam criar e dele se servir para “curar” os seus psiquismos doentes.

Ah se o mundo soubesse **o que se esconde por trás da “abençoada ignorância” que até esses tempos marcou a interação humana com a realidade que a rodeia!** Veria que, por trás dos deuses venerados, demônios, anjos, seres extraterrenos, espíritos, e do que mais for compreensível para o seu conhecimento, existe uma inimaginável malta de seres que, **mesmo desconhecendo o que são, sabem exatamente o que representaram e ainda representam para boa parte da humanidade que foi condicionada a alimentá-los com sua ingênua veneração.** E, por enquanto, esse painel não deve mudar, pois o processo de crescimento espiritual de todas as partes envolvidas é realmente muito lento, o que não poderia mesmo ser diferente.

O fato é que a geração de Zeus — e de todos os seus contemporâneos — serviu como “agente final” desse longo projeto de criar inteligências habilitadas na perspectiva do progresso mental, mas **sem possuírem qualquer tipo de “poder mental” à moda dos “deuses”**. Esse aspecto era fundamental para que não se perdessem nas “contendas do orgulho demoníaco”, para que pudessem realizar o que os seus antecessores se encontravam inabilitados para fazer: **usar a liberdade mental de modo a construir o “bem”, e é assim que surgem os poderes espirituais, este sim, importantíssimos ao progresso de todos.**

As diversas estirpes demoníacas que mais tarde surgiram para existência e cuja complexidade das suas formas — muitas delas mestiças, tendo de um lado o genoma demo e de outro incontáveis situações genéticas de estirpes hoje totalmente desconhecidas para o padrão da lógica terráquea — **buscavam atender o preenchimento da lacuna que tanto afligia a descendência demo**, enfim, do nosso jeito de ser. Afinal, sempre se soube que éramos a versão melhorada dos nossos ancestrais, mas jamais atinávamos quanto ao que seria necessário produzir para que o fluxo da vida universal pudesse seguir adiante sem as dores e aflições que marcavam o psiquismo dos demos mais esclarecidos e com sensibilidade para perceber o problema.

Em resumo, **quando a possibilidade de interação dos genos com os planetas do universo tornou-se patente há bilhões de anos atrás, as estirpes demoníacas começaram a produzir descendência que pudesse se adaptar às condições planetárias.** Como em muitos planetas já existia uma vida biológica que se encontrava em “misterioso desenvolvimento”, testes de mistura genética começaram a ter lugar e isso apressou o desenvolvimento de algumas civilizações biológicas do universo. Contudo, muitas dessas civilizações possuíam padrão genético que era produto de **incontáveis misturas entre a situação demo e a de cada mundo, o que replicava em espécies universais com corpos mais “demo” do que “bio”, mais “bio” do que “demo”, com cotas parecidas, enfim, com cotas que, com o tempo, fugiam aos padrões conhecidos até então, e os resultados que surgiam comumente eram decepcionantes. O que teve lugar na Terra, porém, encantou e inquietou a toda corrente existencial no âmbito da criação de Caos.**

Foi dessa forma que uma multiplicidade de padrões biológicos associados à genética demo foi tendo lugar no universo. Nos tempos atuais, esse é o pano de fundo da vizinhança cósmica em torno dos que

vivem na Terra e alhures, em termos de universo biológico. Para além disso tudo, ainda se encontram as “moradas” demo adjacentes que, durante bilhões de anos conviveram com as realidades planetárias, mas das quais hoje se encontram apartadas por força da entropia causada pela vontade daquele que na mitologia grega é chamado de Tártaro, pois que este é tão somente um dos epítetos que ele possui por força das suas inumeráveis funções em toda essa história. Aqui estou me referindo à **força tãmas do Senhor Shiva da mitologia hindu, cuja força entrópica é a que efetivamente preside o destino da criação de Caos.**

Muitas dessas civilizações evoluíram no sentido de possuírem a **reprodução sexual** como sendo uma das suas características, mas não são todas que assim se expressam.

Concluindo, tudo o que posso afirmar é que **muito se caminhou para que alguém sorrisse nesta criação**, até mesmo porque somente a angústia, a amargura, o sofrimento inenarrável de muitos entes, dentre os quais o do próprio criador e de seus afins, por aqui tiveram lugar. E é triste informar que esse continua sendo o padrão entre eles, **apesar da coreografia existencial que produzem apontar noutro sentido (de um pretenso poder que não mais detêm)**, mas é a mais desesperadora auto-ilusão que já pude perceber.

Ainda que sem grande nível de consciência quanto aos fatos, toda essa **comunidade apartada de qualquer possibilidade de progresso** — vitimada na essência mais sutil da “corporificação da vida” produzida pela doença degenerativa advinda da mente do criador **sucumbido perante si mesmo** — a partir de um certo ponto, **passou a construir o “sonho” de um “milagre” ainda por ocorrer. Contudo, nunca houve milagre: somente sofrimento de muitos e ousadia da parte de uns poucos.**

Afinal, o rebanho vai para onde tem de ir, não por sua vontade, mas pela que lhe é incutida como se dele fosse, pelos espertos e miseráveis “senhores da vida” que sempre se impõem sobre os mais fracos. Os que dele fogem, talvez porque fiquem sem direção durante algum tempo, apenas se escondendo, terminam tendo que dar algum rumo as suas vidas, e acho que é nessa “lacuna”, desse espaço mental vazio antes ocupado por uma dose de imposição qualquer, **é que as ousadias pessoais começaram a ter lugar** — benditas ousadias!

É mais ou menos o mesmo fenômeno do “vácuo cósmico”, o mais estranho vazio que a cosmologia aponta como sendo o “lugar” que

produz de si mesmo todas as “protoforças” e micropartículas formadoras do mundo material — entenda quem puder.

Os que ousam, parecem que se transformam nesse tipo de “vazio” sempre perigoso para o que se encontra estabelecido, mas essencial ao surgimento do “novo”. Pelo menos é isso que penso ter acontecido comigo. Se não foi exatamente assim, foi algo parecido! E não esqueçamos que o “vazio” aqui referido nada mais é do que a incapacidade de certos olhos de perceberem as forças mentais e espirituais em ação, forças estas situadas em níveis de realidade subjacentes ao da faixa em que vocês vivem. Foram e são exatamente essas forças que geraram e ainda mantêm o que sequer deveria existir.

É assim que os “cegos de espírito” classificam o que não lhes é possível enxergar, e, infelizmente, quando aí nos encontramos, somos quase todos cegos — poucos enxergam. Aqui, onde me encontro, a cegueira também se faz presente e somente percebemos as cores do ambiente espiritual que nos acolhe.

Quando nos encontramos no estado de espírito desvinculado de “corpo transitório”, o tipo de faixa vibracional no qual nos encontramos é que ditará o limite da visão e as possibilidades da percepção além das fronteiras da nossa realidade imediata. A vantagem que algumas faixas possuem é a de terem portais de acesso e intercomunicação com outros ambientes espirituais também ricos e complexos em coexistência.

É num desses em que me encontro há alguns milênios e faço dele a minha base de existência desde que me tornei um espírito humanizado, apesar da bagagem demo que ainda ostento.

Esforço-me por ampliar o que posso enxergar e nisso tenho recebido todo o apoio que me é possível receber de ilustres e estimados personagens que labutaram ao tempo da codificação da Revelação Espiritual ofertada ao mundo na segunda metade do século XIX a partir das terras da França.

Esses mesmos mentores superintendem os trabalhos que agora acontecem entre os espíritos-focos de resgate da cultura demo junto a este humano. Assim, o grau da dificuldade da compreensão sobre os eventos daqueles dias diminui um pouco.

O ENIGMA DA ESPERANÇA

Há um aspecto dos eventos pretéritos que precisa ser aqui resgatado. Refiro-me ao fato de que, entre as estirpes demoníacas que há muito se estabeleceram na Terra e o tempo em que surgiu a espécie humana nos seus moldes atuais, **existiu um contexto intermediário** que se encontra sobejamente descrito nas páginas de diversas mitologias, mas que ainda não foi adequadamente compreendido.

Logo que os demônios surgiram, eles não eram dotados de polaridade sexual e nem muito menos pensavam e se comunicavam do modo como hoje se pode entender a partir da experiência terrestre.

O Senhor do Tártaro — e este epíteto tem tudo a ver com o poder da energia que dele emana de sempre se consorciar com o progresso e de friamente eliminar o que o impede de ter lugar na criação — e os que lhe estavam próximo na hora da punição imposta por Caos, muito trabalharam para que o **senso de individualidade pudesse surgir** naqueles tempos confusos, onde os conceitos definidores dos padrões básicos da realidade hoje conhecidos sequer existiam.

Somente muito mais tarde, com Eros, é que a programação da sementeira, vamos dizer, fraternal, começou a ter lugar e, como desdobramento disso, tempos depois puderam então surgir as polaridades entre os meus antepassados demoníacos.

Somente em tempos mais recentes, quando o descalabro do pretenso império demoníaco sobre o a criação foi finalmente percebido, é que as noções de masculino e feminino vieram a compor o psiquismo cansado de parte das famílias demo. Quando essa sementeira veio contida na programação das diversas “moléculas-mãe” semeadas nos mundos do universo é que a feição agora biológica e animalizada de muitas das **espécies no reino animal terrestre, passaram a servir de experiência** para o labor demoníaco nesse mister.

O meu tempo de vida, enquanto Pandora, seja na minha expressão demo ou mesmo homo, foi exatamente vivendo essa fase que **os olímpianos interferiam no que estava acontecendo na Terra, no seio da sua natureza animal, que já havia sido muito trabalhada pelos titãs ao longo dos últimos milhões de anos.**

Por fim, surgiu entre os demônios a atração sexual nos moldes em que hoje se conhece na Terra, mas isso se deu somente com as últimas estirpes simbolizadas na mitologia grega, nas gerações comandadas por Urano e por Cronos e, em especial, com a de Zeus, da qual fiz parte.

O descalabro a que me refiro diz respeito ao fato do **império demo ter falido e ter sido exatamente a geração de Zeus a perceber que a reprodução sexual e/ou mental entre os seus pares, não estava funcionando adequadamente**. Isso levou a um aspecto inusitado que, um dia, quando for devidamente compreendido, será notícia nas “primeiras páginas” dos noticiosos do universo: **a estirpe demoníaca chegou ao fim com a geração de Zeus. Não haverá uma outra geração demo!**

Cerca de dez bilhões de anos de progresso esforçado para chegar à triste conclusão de que serviram apenas como **ponte genética para uma nova programação mental-biológica antes impensável**. E para que fique claro, repito que essa noção ainda não foi, não é e deve demorar algum tempo para que possa ser assimilada pelos circuitos da criação problemática. Por que? Porque **essa percepção começa exatamente com o esclarecimento que está sendo formulado a partir dos inusitados senso crítico e razão filosófica dos terráqueos**.

Hoje isso é sabido, apesar de ainda não aceito pelo “rei dos deuses” que permanece procurando um meio, um modo para resolver o deprimente impasse que atualmente envolve o jeito de ser demoníaco que **agora se reconhece em extinção**. Mas na época dos fatos aqui descritos, os **olimpianos lidavam apenas com o problema de não poder se reproduzir**, sem ter a mais remota noção de que aquele era o **começo do fim do orgulho demo**.

Ironicamente, a **mais complexa e “evoluída” geração demoníaca surgida, seria exatamente a que iria sepultar a possibilidade da continuidade do gênero demo**. Coisas de uma criação indevida!

A **desesperança** era, então, uma noção psicológica que começava a se fazer presente no modo de ser dos olímpianos. Estes, ao observarem como os **recém surgidos seres humanos esbanjavam esperança em relação as suas curtas e insignificantes vidas**, começavam a sentir um certo “pane psicológico”, porque não compreendiam como seres inferiores, surgidos do barro, podiam expressar sentimentos superiores aos dos olímpianos.

Na cota de verdade que posso observar de onde me encontro, até os tempos atuais, os meus ex-familiares ainda tentam assimilar as ocorrências dos últimos milênios, que elevaram a condição humana a um patamar único no âmbito da criação na qual vivemos.

Tudo o que sei é que **quando me humanizei, trouxe comigo o ímpeto psicológico da expressão demo e foi disso que se originou a primeira linguagem humana.** Como os olímpianos se comunicavam naturalmente com o que, no entendimento humano seria uma linguagem rimada, do mesmo modo ocorreu **a construção de versos rimados esteve presente na expressão oral da humanidade, nos seus primeiros tempos.** Assim foi também porque era “mais fácil” para os caminhos sinápticos dos cérebros daquele tempo, em tudo semelhantes aos de hoje, processar as informações dessa maneira.

Por que o ressalte? Para chamar a atenção dos terráqueos quanto ao já referido contexto intermediário situado entre o gênero demo (demoníaco etéreo) e o homo (biológico animalizado). Esse contexto corresponde exatamente ao **entrelaçamento das estirpes demoníacas dos titãs e dos olímpianos** que produziu “raças” e “espécies” híbridas **cujo caldeamento genético foi essencial para a versão mais complexa do genoma que foi repassado para os humanos.**

Assim, **entre as raças demoníacas e o gênero humano,** houve ainda uma espécie de “raça intermediária” onde **os genomas das duas estirpes foram amplamente balanceados.** A tal ponto a coisa chegou que algumas classes de demônios se ajustaram, o quanto puderam, às condições do DNA humano terráqueo, tentando, com isso, resolver os dramáticos impasses percebidos naqueles dias.

Esse período de “mistura de genomas” durou cerca de uns 63 mil anos, tendo o seu final ocorrido há somente cerca de 3 mil anos atrás. Por esse tempos mais recentes, outro aspecto da questão foi o surgimento de personalidades como as de Gilgamesh, Perseu, Héracles, dentre outros, que tipificaram figuras parte “divina”, parte humana. Como “divino”, deve-se compreender “demoníaco”, no caso de muitos dentre estes, pois Zeus, Poseidon e outros seres demonizados, costumavam ter concurso sexual com humanas, gerando filhos e filhas a partir do genoma demoníaco.

Se há alguma justiça a ser feita nessas memórias, o nome de Epimeteu deverá sempre ser lembrado como o mais ousado dos experimentadores e o de Prometeu, como o ousado pensador que sempre

se sacrificava em nome das suas ideias e projetos ainda que deles se esquecesse, tamanha era a profusão da sua mente privilegiada.

O que não é muito conhecido pela cultura mitológica humana é o aspecto de que, ao longo desse período, **algumas “deusas” buscavam o concurso sexual de homens da Terra e deles geravam crias que jamais vieram a ser conhecidas pelos humanos**, porque normalmente eram levados como “filhos dos deuses” para com eles viverem em suas moradas.

Isso se deu primordialmente com os **“homens” de uma geração anterior à época em que a liberdade mental se fixou** na programação da espécie homo sapiens. Os mais recentes, como o exemplo dos nomes citados da mitologia grega, os heróis vivam e morriam em pleno ambiente planetário, sendo raro o caso de uns poucos que foram levados para uma adaptação na morada de Zeus.

Um dos aspectos que estava por trás desses eventos era o **de estudar a área do genoma humano que respondia pela sensação da “esperança”, como motor de sustentação de uma vida tão simplória e curta**, como era o caso dos terráqueos aos olhos dos deuses.

No meu caso, ao me fazer humana, enchi-me de esperança na raça homo sapiens e aquilo contrariou superlativamente a elite olimpiana.

Foi quando tiveram lugar tentativas de toda sorte de “envenenar” a minha coexistência com os humanos, e, nos tempos finais da minha vida de então, **a “esperança” foi utilizada por Zeus e pelos demais como forma de criar dependência dos humanos para com eles**.

Sendo, aparentemente, tão poderosos frente aos olhos da humanidade, o temor e a obediência aos deuses era a senha da permissividade para que pedidos fossem feitos pelos humanos com a “esperança” de serem atendidos. **Essa atitude mental de esperar receber de outrem anesthesiava ou mesmo aniquilava a capacidade individual dos humanos no campo da criatividade e da ousadia**.

Ao ver em curso o **projeto de dominação de Zeus sendo semeado entre os desavisados humanos, rebele-me doentamente contra os meus ex-familiares** e até hoje ainda não resolvi adequadamente esta questão.

Procurei dar sustentação ao estado psíquico que emprestasse esperança à vida, ao **que pudesse ser construído pela capacidade**

humana, pois sabia que faltava habilidade no psiquismo demo para tanto. Contudo, o viés da esperança que permaneceu no modo humano de ser, foi algo violentamente imposto sobre os ombros de uma espécie que lutava por se libertar do jugo estéril de senhores desequilibrados e perdidos em relação aos valores da existência.

Surgiu, assim, o condicionamento que fazia dos humanos simples joguetes da inapropriada postura demo em relação à vida e a tudo mais. A “esperança” em que outros façam por nós o que precisamos aprender a fazer sozinhos é um peso que ainda atrasa, em muito, o progresso espiritual de uma **espécie que foi engendrada exatamente como a mais moderna esperança em curso evolutivo da comunidade universal desperta.**

Infelizmente, muito do que a ignorância humana atualmente ainda ostenta no seu psiquismo é decorrência do que inevitavelmente foi gerado naqueles dias. Eram muitas as forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar a espécie terráquea.

A dependência psíquica foi imposta pelo medo, pelo temor de saber que existiam seres superpoderosos, enquanto os humanos não detinham qualquer característica de tais poderes nas suas mentes. Covardia das covardias, não menos deplorável do que a que os humanos vieram a praticar sobre o psiquismo inocente dos animais irracionais.

A partir dessa marca psicológica foi que Caos/Brahma/Javé estabeleceu, por sua vez, as suas últimas tentativas de também dominar a raça humana terráquea, conforme os critérios dos seus desígnios. Novamente o pavoroso medo de “castigos diversos e da danação eterna” pôs os homens e mulheres de joelhos perante a coreografia de um poder covarde que de decente jamais teve qualquer traço. O pior: os poderes religiosos disso decorrentes sempre copiaram o padrão, impondo o selo da desqualificação espiritual desse ser para liderar outros que lhe são superiores em beleza, senso crítico e em sabedoria.

Na minha luta inglória para preservar os avanços dos meus filhos e filhas daqueles tempos, utilizei-me de muitas das poções de Epimeteu o que, reconheço, melhor teria sido se não tivesse feito. Mas **tentei preservar a “esperança” não nos deuses, mas na própria capacidade que havia percebido em mim — e que julgo ter repassado para o genoma humano — de promover as “transições de fases” que fossem necessárias na natureza do nosso psiquismo, para o progresso e a**

independência humanas em relação às forças que a procuravam dominar.

Assim agi porque também havia percebido, pelo privilégio da minha convivência com Prometeu, que os da minha estirpe e todos os das gerações anteriores **possuíam uma doença terminal inscrita nos seus genomas**, a tal ponto de não ser possível ser revertida ou superada pelo desequilibrado e desalinhado psiquismo demoníaco.

O “**câncer das estirpes demoníacas**”, herdado das condições dos primeiros momentos ao tempo da instituição da tríade, havia agora chegado a um ponto tal de afetação que desorganizara por completo as áreas criativas do nosso genoma. **O gênero demo estava completa e absolutamente falido!** E alguém ou alguns sempre souberam que aquela condição um dia seria estabelecida, e **foi assim que Eros e Tártaro fizeram prevalecer o seu plano sobre o de Caos.**

Eis, pois, que lhes revelo o que os deuses falidos sempre se esforçaram para que os demônios menores e os humanos jamais soubessem: **eles não podem ter um futuro, a não ser que este seja criado por outros seres que o possam criar. Os humanos terráqueos nasceram com essa destinação!**

O genoma do gênero homo é menos afetável que o demo em relação às doenças do criador. Estas sempre eclodem nas estirpes demo, é inevitável. Eu me livre disso ao me humanizar e pude, então, perceber que todos os olímpianos e agregados estavam doentes ou adoecendo, cancerosos em padrões difíceis de serem aqui explicados. **Os humanos podem ou não despertar essa herança dolorosa do criador e nisso reside uma grande diferença.**

Eu fui a “**encomenda maligna**”, imaginada por Zeus para punir os filhos de Prometeu, como forma de afetá-lo, na intriga de então entre Zeus e ele sobre o conteúdo da “**profecia**” sobre a sucessão de Zeus na função de rei dos deuses, cujo teor Prometeu afirmava conhecer. Enquanto “**pacote funesto**”, **fui mexida a tal ponto que parece que surgiu uma mutação no meu genoma demo que “anestesiou” o peso das doenças de Caos na minha condição pessoal. Ao me humanizar, algo ou muito disso repassei para os meus descendentes.**

De mim, no meu aspecto demoníaco, **os humanos herdaram um programa mental capaz de agir imantado ao cérebro animal, que os impele ao progresso, à liberdade intelectual, enfim, a uma vontade**

de sempre progredir. De si mesmos, ou seja, dos seus próprios espíritos é que tem origem o caráter, o valor moral da personalidade de cada um.

A bem da minha verdade, jamais existiu uma “caixa de Pandora”, nos moldes em que a versão dos fatos passou à posteridade. “Caixa” é conceito bem mais recente no vocabulário mitológico. De fato, na época em que essas histórias começaram a ser transmitidas oralmente, o que existia era a versão do “Jarro de Pandora”, que continha “sementes” de todos os tipos, mas isso tinha mais a ver com os jarros e as poções que encontrei na residência de Epimeteu e que delas me utilizei em diversas situações provocando, isso sei, alguns fatores produtivos por entre muitos aspectos desagradáveis.

Outro painel da história é o de que, segundo Zeus, eu mesma era a “poço de desgraças” a ser posta no seio da humanidade, a partir dos meus próprios componentes psíquicos que, associados as suas ordens, cumpriria com o atingimento dos seus objetivos.

Aqui, importa pensar o seguinte aspecto: do mesmo modo que a espécie dos leões vive conforme os ditames da sua natureza, assim também os humanos irracionais de então deveriam viver as suas vidas sem nenhuma sorte de desgraças a ser promovida por eles próprios posto que carentes de racionalidade. A minha presença entre eles desgraçaria tanto uma situação possível de irracionalidade — que na época era essa a percepção de Zeus sobre os fatos — como a outra, racional, que terminei por provocar, sendo eu mesma a “fonte de desgraças” para uma humanidade desperta, conforme pensou Zeus diante dos primeiros indícios do progresso dos humanos, quando me transformou num “Cavalo de Tróia” para ser posto no meio da humanidade, antecipando os fatos em muitos milênios.

Nas preocupações de Zeus, os humanos eram tão somente um espécie animalizada a mais que compunha o seu reinado. Ele jamais imaginou que mãos invisíveis para os olímpianos e os titãs, e penso que até para os membros da tríade, trabalhavam para que a “encomenda maligna” fosse um fator de liberdade e de progresso para que uma nova natureza, uma nova mentalidade pudesse surgir no meio da dramática situação existencial daqueles dias. **Assim foi engendrada a natureza humana e os seus níveis singulares de senso crítico e de razão filosófica.**

Não é uma bela história, mas foi o que aconteceu!

Detalhe: não conheço nenhuma bela história na evolução dos fatos universais até o surgimento dos humanos da Terra. Espero que, doravante, eles as possam produzir.

ADÃO E EVA BÍBLICOS

Realmente, **houve um núcleo humano no qual a genealogia que Caos/Javé viria a expor na Bíblia judaica nele teve seu início.** O “adão bíblico” existiu algum tempo depois das ocorrências que descrevi no grupo de “humanos de estimação de Epimeteu”, que teve o seu próprio “adão”, que foi o meu primeiro companheiro humano. Contudo, o personagem “Adão” que surgiu ao tempo da “Eva bíblica” fez história, enquanto aquele com o qual convivi diretamente muito me encantou, mas sempre se submeteu à minha liderança e a “sombra do meu temperamento” o encobriu. Mas sua “importância genética” para o que viria a surgir foi essencial.

Como afirmei anteriormente, cerca de aproximadamente 30 mil anos após a minha “humanização”, **o criador reuniu forças e fez a sua morada “estacionar” em uma certa região do planeta onde ali desenvolveu um laboratório** no qual pretendeu submeter um grupo dos já “semi-libertos” homo sapiens.

Ali, naquele espaço que passou à posteridade como Jardim do Éden, ele tomou como prisioneiros do seu poder ditatorial e doentio um casal pertencente a um dos núcleos humanos que sobreviviam por aqueles dias. Os dois humanos ainda não haviam se emancipado de todo, pois nem a minha influência genética e nem a dos meus familiares ainda haviam chegado até eles.

Aqui **fiz o papel da serpente** pois, **enquanto mulher, mas com o meu poder mental demoníaco ainda acionado, afrontei Caos e seus anjos como forma de proteger a minha sementeira entre os humanos.** Desconfiei que o plano do criador era, caso conseguisse fazer naquele casal o adestramento que desejava, dando-lhes a destinação de obediência ao seu influxo mental sobre o genoma da espécie homo sapiens, o **próximo passo seria eliminar os meus descendentes para que a humanidade viesse a ser algo bem diferente do que é hoje.**

Caos já me havia tentado antes num longo e absurdo processo onde quase enlouqueci, mas o repudiei firmemente em diversas situações e circunstâncias, tentando me vencer pelo cansaço. Ao longo desses cerca de 30 mil anos de perseguição, **foi quando pude constatar a inexistência de qualquer força de intercessão decente, justa, atuante em todo esse drama.** Foi uma guerra mental covarde, interminável, que jamais me dobrou. Pensei mesmo que aquela coisa volante, que me

perseguia onde fosse, que penetrava meu pensamento pretendendo reformular o que pensava, que me violentava numa espécie de segunda versão do que os olímpianos haviam procedido para comigo, tinha, finalmente, desistido e me deixado em paz.

Novamente, uma **mão invisível havia me feito mudar os rumos do meu caminho** quando decidi visitar Prometeu logo que soube da punição imposta a ele por Zeus. Foi quando, dirigindo-me na direção do Cáucaso, buscando uma dada montanha no topo da qual ele se encontrava prisioneiro, cumprindo **a sua purgação imposta por Zeus que viria a durar cerca de 30 mil anos**, deparei-me com os humanos presos àquele local.

Convidei-os a sair daquela região mas não foi possível estabelecer qualquer comunicação naquela oportunidade, e o medo deles era tanto que resolvi seguir adiante na minha intenção original. Contudo, firmei acampamento a uma certa distância, e deixei alguns dos meus familiares juntos com eles, observando de mais perto o que ocorria, pois o receio deles em interagir conosco me parecera algo além do comportamento normal daqueles dias. Orientei-os, antes, a fingir que eram “humanos ainda não despertados”, que estavam passando um tempo por ali.

O criador e toda a sua tecnologia foram facilmente enganados por alguns poucos humanos, porque **eles também padecem do tal problema obtuso (estupidez mental) que caracterizam as estirpes demoníacas** e somente veem o que querem ver, tão prepotentes são que não esperavam que qualquer astúcia “além da conta” pudesse surgir dos meus filhos naqueles dias.

Foi como subproduto dessa soberba que apliquei a minha estratégia de influenciar a “Eva daqueles dias”, que era uma jovem humana cheia de vida, mas que ostentava no olhar uma desconfiança e inquietações marcantes. Ao me ver pela primeira vez, não fugiu como fez o seu companheiro, apesar de que, ambos, claramente, viviam assustados.

Nessa altura dos acontecimentos, a minha condição humana aparentava já bem mais idade do que a deles, ainda que a contagem dos anos fosse distinta para minha herança demoníaca comparada ao genoma humano original que apresentavam.

Após um certo tempo, resolvi retornar e tentar retomar o contato com eles que, por sinal, viviam de modo muito semelhante ao grupo de “animais humanos de estimação” que havia inicialmente encontrado ao

redor de Epimeteu. Com a experiência que adquiri naqueles tempos, pude, então, sem muita dificuldade, estabelecer uma natural relação de confiança com aquele casal.

No meu psiquismo, encontrava-me dividida entre as ideias de seguir adiante para definitivamente visitar Prometeu na sua prisão e com ele me aconselhar diante daquele evento que agora vivenciava, ou voltar e trazer comigo a minha filha Pirra e outros da “família humana” que gerei, para me ajudarem com aquela situação. O “meu Adão” já havia morrido há muito e eu costumava me deslocar sozinha ou com poucas companhias pois, além de me sentir melhor, era também mais fácil conseguir alimento.

Somente para esclarecer, por aquele tempo, na minha família, existiam três tipos de humanos, a saber: os do meu tipo, ou seja, com muita ou alguma herança genética dos demos, os puros que eram produto da “evolução natural” do planeta, e os híbridos que agora eram os de maior números entre nós.

Sentindo-me mentalmente esgotada frente ao que estava vivenciando, antes mesmo de completar os meus ensinamentos linguísticos, resolvi deixá-los prometendo retornar. Pedi-lhes que voltassem a viver do modo que conheciam, antes da minha chegada, para não chamar a atenção de “olhos superiores” que pudessem estar vigiando o experimento que se passava naquele local.

Após alguns dias, cheguei ao cume da montanha onde Prometeu sofria o seu flagelo diário, tendo o fígado do seu corpo titânico violentado por um “pássaro” por ordem de Zeus que, aparentemente, não mais suportara as suas humilhações, apesar de que os demos não tinham esse sentido lógico — noção de ridículo — nos seus psiquismos.

Sabedora disso e conhecendo os dois de perto, originalmente, a minha primeira motivação para visitar Prometeu tinha a ver com o “sentimento fraternal” que havia surgido entre nós, desde os meus primeiros tempos de existência. A segunda havia sido estranhamente produzida por uma visita que recebi já após a minha humanização.

Certa feita, em um dos meus deslocamentos, logo após a morte do meu companheiro, vi-me seguida por um pequeno grupo formado por dois centauros e três silenos. Acreditem, esses seres existiram e ainda existem. Apenas, agora, confinados aos seus genos de origem. Digo mais: o que os terráqueos hoje chamam de mitologia nada mais é do que

um conjunto pálido do que realmente veio a existir no seio de todo esse drama existencial

Na oportunidade eles me informaram que, desde os tempos no qual os titãs foram engendrados, com eles veio à tona a **“versão atualizada” de uma profecia que nascera junto com a estirpe demoníaca, na aurora dos tempos universais**. Dizia respeito ao fato de que, da descendência dos titãs decorreria o fim das classes demoníacas e o surgimento de uma espécie deles descendente que iria pôr termo final ao rumo desordenado e impiedoso da história universal até então.

Ressalto que, dentre as incontáveis classes demoníacas — tanto as conhecidas como as desconhecidas para a cultura terrestre — **os centauros e os silenos foram das poucas que já nasceram com senso crítico e grau de esperteza tais que lhes levavam a pensar que viria deles a descendência singular ainda por surgir**, como forma de cumprimento do principal vaticínio da cultura demo.

Quando souberam do que havia acontecido com a “filha primogênita de Zeus” — sim, eu fui a primeira a surgir com a minha polaridade determinada dentre os engendrados a partir de Zeus e/ou por sua vontade — **chegaram à conclusão de que o vaticínio havia se cumprido pela minha intercessão junto aos humanos da Terra**. E que pela falta de senso crítico antecipatório de Zeus, nem ele nem ninguém conseguiu controlar os desdobramentos advindos da liberdade humana que se multiplicariam entre os membros da espécie, podendo, inclusive, influenciar o psiquismo demoníaco.

Seria, então, de todo estratégico encontrar meio de substituir Prometeu na sua desdita pois que, por uma “pequena falha” no conteúdo lógico do decreto de Zeus, qualquer ser de características titânicas ou delas descendentes, visto como “importante” na geopolítica olimpiana, poderia assumir o seu lugar enquanto durasse o flagelo.

O mais sábio dos centauros ficou, então, de desenvolver uma estratégia que pudesse preservar a respeitabilidade de Zeus, de modo a que Prometeu pudesse retornar ao convívio com a aristocracia do Olimpo. Era imperioso que, no seu devido tempo, Prometeu retomasse o convívio com o rei dos deuses, pois nele residia a “senha profética perdida” para Zeus, sobre a sua sucessão ou o seu reinado infinito, assim compreendido naqueles dias.

Tratei desse assunto quando estive com Prometeu acorrentado por um artefato produzido pelos “nós de Zeus” e ali permaneci por alguns dias assistindo penosamente ao que lhe fora imposto pela acusação de “conspirador”, da qual ele sequer se dignou a se defender.

Ele concordou que, caso os centauros arquitetassem algum estratagema, ele retornaria ao Olimpo para conduzir o psiquismo atormentado de Zeus até o limite da permissão dos tempos, dando oportunidade a que os humanos pudessem melhor se organizar à medida em que os olímpianos se enfraqueciam ou se sentissem impedidos de continuar com o processo de dominação.

Quanto ao problema que lhe expus, sobre o casal de humanos que encontrei aprisionados e atemorizados por seres que não eram demoníacos — segundo o que na época pensei — mas que possuíam poder de destruição e de persuasão bem maiores que os mais poderosos dos demônios, disse-me Prometeu:

— Há tempos que acompanho o aparecimento raro e fugaz desses seres cuja origem não pertence a este mundo. Acho que eles têm mais a ver com os de fora, que hoje habitam na Terra retirando daqui o que as suas famílias precisam. São muitas dessas origens que percebi atuando por aqui desde que passei a ser um titã-terrestre. Desde os tempos da sua humanização, ó Pandora, que alguns deles, se bem percebo, estão por aqui e penso que a mando do criador. Caos não controla tudo, mas a tudo ele pretende controlar ou parecer que o faz. Mas não sei quais os seus desígnios para esses que agora ostentam a sua marca, ó Pandora — penso que ainda assim posso chamar-te....?

— Claro, ó Prometeu, fiz-me humana mas não deixei de pensar como sempre pensei, pelo menos quando quero. Sou Pandora, só que humana, frágil como eles sempre foram. Convivendo com os humanos, confesso: esqueço-me de ser Pandora, a engendrada por Zeus, e dele me esqueço também, e percebo que surge em mim um modo de ser mais sutil, que me permite, às vezes, sentir uma pacificação que jamais senti como olímpiana. Da minha antiga condição o que ainda me infelicitava é o modo fácil como ainda me encolerizo... Mas é este o último traço de personalidade que ainda carrego da herança de Zeus.

— Isso e muito mais, ó Pandora. Tu és o que ainda um dia Zeus poderá vir a ser, e aqui falo em termos de psiquismo esclarecido, de bem consigo mesma, ainda que não detenhas os poderes dele.

— Nem os quero.... enfeiam-me e me levam a ser o que todos que conheço se tornaram: uma espécie perdida, sem rumo, rebanhada como os animais terrestres. Não desejo isso para mim nem para ninguém. Já nasci com isso e não consigo pensar que foi o engendramento que me forjou desse modo. Zeus jamais gostou do que viu em mim. Para não escandalizá-lo, numa espécie de acordo mútuo e silencioso, sempre que pude, dele me afastava e notava que ele preferia assim. Mas, diz-me, ó Prometeu, você acha que esses seres inclassificáveis que vigiam o casal humano são **portadores do poder original da criação** de Caos?

— Não sei e não estou afirmando que são muitos ou poucos os que portam a vigilância sobre os humanos. Não os percebi. O que disse foi sobre os seres que pude perceber antes mesmo do teu surgimento entre os olímpianos. **Desses que você viu nada sei.** Estou aqui e isso me dói além do suportável, e não consigo dar conta dos meus pensamentos. Esse estigma de sofrer sem poder morrer é algo que, espero, a tua humanização tenha te libertado. Os seres sobre os quais te falei desconfio que estão em missão colonizadora e somente se interessaram pelos animais humanos há pouco tempo. Sei que os aprisionam para fazer experiências, mas não parecem ter os sentimentos que eu, tu e Epimeteu temos por eles. Mas isso é assim mesmo, sempre foi e será! Toma-se o que se pode tomar e os fortes sempre apropriarão o que bem entenderem dos que lhes são mais fracos. Essa é uma doença universal de tudo o que existe a partir de Caos. Os barcos celestiais desses seres são compostos dos mesmos materiais que vibram neste planeta. Nada têm a ver com os materiais das nossas moradas vinculadas à do reinado de Zeus. São uma estirpe deste universo e não da nossa origem. (ne: Epimeteu se referia aqui aos Nephelim bíblicos ou anunnakis). Esses que viste, devem pertencer a outras hostes talvez próximas ao próprio Caos ou aos demais da Tríade. (ne: aqui ele se referia a possíveis classes de anjos-clones).

— Também não vi muita coisa. Acho mesmo que somente vi um ente, aproximadamente do seu tamanho, se deslocando no ar, vagarosamente, como se fosse um **guardião** que desejava ser visto por quem fosse que estivesse pela região. Assim, penso que são muitos, porque tentei convidar os dois a me seguir e eles não quiseram sair daquele local, e com isso percebi que eles estavam ali aprisionados, apesar de não ver muros nem limites estabelecidos.

— **Caos e as suas forças sempre tentam estar presentes em tudo, mas raramente o conseguem. Desde que surgiu para a criação, Tártaro os impede de reinarem sozinhos, e isso complica o**

entendimento. Dizem que existem alguns de Caos que estão prisioneiros do poder de Tártaro, e Eros tenta pacificar há muito essa questão mas não consegue. Se esses humanos, ó Pandora, ou mesmo você e os seus descendentes forem de interesse para a Tríade, não tenha dúvida, as forças que deles derivam estão atuando no planeta. Este que você o viu voando pode ser um dos seres que representam o que lhe estou expressando.

— Mas não o temo, nem a ele nem a nada, muito menos a quem não percebo. **O que havia para perder já perdi e o inusitado é que me sinto vitoriosa de uma luta que sequer travei.** Estranho não? Ao me fazer humana, passei a me sentir completa, se assim posso me expressar. Estou, finalmente, envelhecendo de um modo que jamais imaginei e acho isso o maior prêmio da minha vida. Isso me faz diferente e mais forte intimamente. Saber que vou morrer me faz bem. Podes me compreender, ó Prometeu?

— Sim. Acho que sim. Você tem a arte da vida interior, de ser profunda num rebanho de seres superficiais tolamente encantados pela mediocridade do momento. De fato você é diferente da sua ascendência. Isso lhe torna única. Pena que não tenha nada interessante para lhe dizer sobre os humanos que precisam da sua proteção, além do que já lhe revelei. Gostaria de estar mesmo livre disso, para poder fazer parte desse jogo de libertação dessas consciências privilegiadas que os humanos demonstram ter quando são libertados do jugo da escuridão. Se algo do plano dos centauros der certo e puder eu me ver livre, conspirarei discretamente sempre no sentido de lhe ajudar, ó Pandora, pois **você representa o único movimento de consciência pessoal neste planeta e de tudo o que vi até agora que posso enxergar como sendo digno de apoio**, já que você está livre de qualquer jurisdição. Os da minha estirpe, os centauros, os silenos, os olímpianos, todos temos de fingir, de nos submeter aos caprichos de Zeus, mas você não! Como você mesma o disse: a sua humilhante derrota a destinou a uma vitória que sequer podemos aquilatar. Você é a única realmente livre dentre todos nós. Seja lá o que esses poderes possam representar, **proteja os humanos e financie a liberdade deles**, pois nisso pode estar contido o segredo do futuro de todos nós.

Deixei aquele a quem estimava como a “um Pai” e tive mesmo que usar da minha frieza demoníaca para passar melhor aqueles dias, enquanto caminhava de volta para o lugar onde havia deixado o casal humano.

Sei quão inacreditável é, para o condicionado modo de pensar do terráqueo moderno, lidar com essas notícias de um tempo em que tudo parecia ser bem diferente do que atualmente se conhece e se tem como normal. Mas, por inaceitável que possa parecer, o **anormal e estranho é esse isolamento que hoje existe em torno desta humanidade e que a faz progredir “pensando” estar só nessa criação.** Mas somente o tempo poderá proporcionar a percepção correta dos fatos e, quando isso for claramente enxergado, será, então, devidamente compreendido que o “normal” sempre foi o tempo em que muitas formas de inteligência despertas — e com níveis de racionalidade excitantes — coexistiam tendo como palco primário de convergência a superfície da Terra, apesar de muitas residirem em moradas a ela vinculadas.

O período em que vocês vivem é de exceção e por isso terá logo de ser encerrado, pois o progresso universal somente pode se dar por meio deavas e mais avas de seres, carregando em si mesmos versões genéticas padronizadas cuja convergência é que definirá a versão final de sustentação para o criador doente. Tudo coexiste e progride, ainda que lentamente, de modo conectado e nada está separado. Daí a ilusão do isolamento. Isso apreendi!

Não deixem, portanto, que as formas aparentemente grotescas que as mitologias abordam nas suas narrativas lhes embotem o entendimento, pois que o que pode ser a princípio exagerado é painel discreto do muito que sequer foi ventilado do que pode, naqueles tempos, ser produzido.

Centauros, sátiros, animais falantes, fadas, gnomos, bestas, monstros, demônios primordiais de cujas formas tudo o mais se originou, entes com inúmeros braços, pernas, cabeças, olhos, bocas e sistemas nervosos e operativos diversos... ah, esta humanidade ainda terá que se defrontar com o que, para ela, significa **“fantasmas de um passado assustador” no seio do qual ela foi gerada.** E o dia em que criadores e criaturas se reencontrarão há muito já está apontado até mesmo nas profecias constantes da cultura demoníaca. **A versão que os humanos conhecem sobre esse momento do reencontro foi travestida pelos véus de religiosidade, e a volta de Jesus é o selo que melhor traduz essa questão.**

Por isso que **o que se encontrava oculto ora se revela para facilitar o processo.**

Por que essa divagação? Simples: estava me recordando da punição absurda imposta por um “rei” sobre um “súdito” que era indestrutível

sob todos os aspectos. Ainda assim, Prometeu se obrigou a viver, por cerca de 30 mil anos, a humilhação e a dor diárias de se ver atacado por uma família de pássaros que lhe devoravam um órgão corporal correspondente ao fígado, e o mesmo voltava a se regenerar e aquilo não tinha fim. Por que? Porque uma ordem de Zeus jamais poderia perder a validade dentro do período a que fora destinada. Qual a importância disso? Obviamente nenhuma, mas era assim que as coisas aconteciam e ainda acontecem nos ambientes em que ele exerce o seu poder, apesar do enfraquecimento que o acomete.

Para a sorte dos seres animalizados e clonados do universo e da morada de Caos, ele não mais se esmera na produção de ordens absurdas e contraproducentes, e poucos são ainda os que o levam a sério quando a tal se dedica. Zeus, infelizmente, ainda se tem em grande conta, e dizem mesmo que, para os olímpianos e agregados, somente alguém com suas características para pôr ordem no caos social em que a sua morada atualmente se encontra e com inevitável tendência a dias ainda piores.

Acreditem se lhes for possível, mas Prometeu e o Centauro Quíron, que terminou por lhe suceder como sujeito da punição, somente deixaram de sofrer esse abuso há não menos que quatro mil anos.

Naqueles dias, porém, caminhava de volta ao “Jardim do Éden” do criador, enquanto refletia sobre o fato de ter preferido não relatar a Prometeu as estranhas incursões no meu psiquismo e em torno da minha sensibilidade que, conforme pude perceber, aconteceram ao longo do tempo em que me dediquei a promover o progresso da minha descendência. Como já relatei, foram tempos intermináveis em que uma força que me era estranha e invisível parecia querer possuir o meu psiquismo para me fazer agir diferente com os humanos que me rodeavam. Foram inúmeras as situações em que **tive de enfrentar aquela terrível influência que, covardemente, sem dar as caras, procurava subverter o meu modo de pensar e a minha vontade.** Foram tempos difíceis e dolorosos que somente a minha solidão registrou! Muitos milênios depois pude saber e constatar que este terráqueo sofreu o mesmo peso opressivo, a mesma tortura psicológica encomendada e aplicada por quem é destituído de qualquer caráter.

Desde que me humanizara, muito raramente dormia, mas nesse período das influências, **“acordava” em meio a sensações desagradabilíssimas em que Caos me aparecia, sentado em um trono imenso e, cheio de poder, ordenava-me a obedecê-lo cegamente, sob**

pena de maldições que me envolveriam a condição humana e esse detalhe me desgastava a tal ponto que acordava adoentada e demorava, às vezes, muitos dias para me recuperar.

Em outros “sonhos” punições me eram impostas e o meu corpo acordava com marcas estranhas que jamais pude entendê-las.

Cheguei, por fim, ao lugar em que reencontrei o casal que me recebeu com certa dose de alegria, apesar do temor. Dediquei-me abertamente ao adestramento linguístico e comportamental da mulher, porquanto o homem hesitava mesmo em confiar numa “mulher velha” que, aos seus olhos, era estranha e cheia de “poderes”.

Certa feita, encontrava-me relativamente distante deles na oportunidade em que algo que vira em sonhos começava a se tornar real, só que de uma maneira muito mais intensa e complexa. Pensei em fugir daquele lugar mas algo me manteve como se estivesse ali petrificada.

Pude perceber uma grande nuvem arredondada deslocar-se na direção da superfície do planeta, em cujo bojo se encontrava uma bolha enorme, com um ser muito grande sentado em meio a tudo aquilo. Essa nuvem-bolha tocou a cúpula das árvores e vi então uma quantidade significativa de nuvens-bolhas menores, com um ser presente em cada uma delas, que se espalhavam pela região, mantendo-se todas elas em movimentação, à exceção daquela em que depois pude perceber ser a da pessoa do criador.

Ali estava Caos, olhando na direção do casal que se encontrava a uma certa distância do lugar onde me encontrava, apresentando uma estranha forma corporal humanoide, mais estranhamente ainda sentado numa espécie de trono que parecia emanar uma energia desagradável que se espalhava pelo ambiente afora.

Escutei no meu íntimo uma voz portentosa que dizia: “Estou aqui, sou vosso criador e de tudo o que vossos olhos podem ver, e vocês são meus preferidos. Entendam que vocês são meus e obedecerão à minha vontade e para tanto dar-lhes-ei o entendimento para compreenderem tão somente o quero de vocês. Não se assustem pois lhes quero bem e desejo tão somente o bem para todos os que são meus. Não me desobedeçam jamais e fechem olhos e ouvidos para tudo o que não vier de mim.”

Sentia-me mal enquanto, de algum modo, escutava o que Caos estava declarando para o assustado casal que, somente mais tarde, pude novamente encontrar. O homem estava muito assustado, pois ainda não

havia desenvolvido os elementos mentais para a compreensão necessária em torno do que estava acontecendo com eles. A mulher, porém, por aqueles dias, já conseguia se comunicar comigo e trocávamos impressões sobre temas mais simples do que aquele fato. Porém, para minha surpresa, dela escutei que “não desejava ser comandada por aquele ente, pois ele era frio e inexato como as serpentes”.

Passei dias tentando compreender o que ela quis dizer com “inexato como as serpentes”. Somente depois é que compreendi que aquela mulher ostentava em seu psiquismo uma estranha capacidade que somente nela pude perceber: ela conseguia compreender a provável intenção que existia em qualquer animal da natureza terrestre que dela se aproximasse, menos no caso das serpentes. Era como se fosse um talento natural que nela parecia ter “surgido do nada”. Mas aquela jovem humana tinha esse “sentido extra” que a permitia confiar ou não na aproximação de um animal ou mesmo, como depois compreendi, ter ela me aceitado porque confiou na minha pessoa.

Caos, ao contrário, havia provocado nela uma aversão, uma desconfiança que eu mesmo achei desproporcional no seu caso, mas de cuja força ela jamais abriu mão. Relatou-me que não havia ainda tentado fugir para não colocar o seu companheiro, por quem tinha profunda afeição, em situação mais complexa que a sua mente podia talvez suportar.

Conversávamos bastante e tudo lhe contei a meu respeito, como também revelei as minhas opiniões imprecisas a respeito de Caos e demais membros da Tríade. Meu problema era com Zeus, deixei-lhe bem claro, e ressaltava que sobre aquele ser denominado Caos eu pouco ou nada sabia de modo preciso. Ela, em contrapartida, revelava a sua aversão à aproximação de Caos e dos seus acompanhantes.

Quando, nas nossas conversas, revelei que havia tido uma filha com meu primeiro companheiro demo e outros filhos e filhas com meu outro companheiro que havia escolhido dentre os humanos, ela exultava sonhando um dia conhecê-los, pois também desejava ser mãe de muitos outros humanos — como, de fato, veio a ser.

Devo ressaltar **que Zeus infernizou a minha vida por uns tempos e depois deixou-me seguir adiante do meu próprio jeito. Caos, porém, com aquela jovem, infernizou-lhe a vida por muito tempo e mais ainda a do seu companheiro**, que veio, posteriormente, a se desenvolver, demonstrando uma inteligência vivaz e raro senso de honra.

Este “Adão bíblico” viria, mais tarde, a produzir os primeiros raciocínios organizados, sistematizados, que foram transmitidos oralmente por muitas gerações.

Sempre “um passo atrás” em relação à atitude da sua companheira no que se referia ao repúdio à dominação Caos/Javé e das suas hostes, o Adão bíblico, tempos depois, pelo peso da violenta pressão imposta por Caos, **chegou mesmo a criar um traço psicológico de se sentir “em erro” para com o criador.**

A expulsão que o casal viria a sofrer daquela área privilegiada em termos de água e comida farta, afetou-lhe ainda mais o psiquismo cansado de tanta covardia de seres poderosos que torturavam, sem que disso se dessem conta — segundo eles próprios — os frágeis humanos daqueles dias. Esse “primeiro humano daquela geração”, pela profunda lavagem cerebral que lhe foi imposta, **veio a ser inevitavelmente também o “primeiro a se achar em falta para com o criador”.**

A cada vez que me encontrava com eles, “cem passos atrás” era a sua prudente postura em relação à minha pessoa e ao meu modo de pensar, e ao que eu, mais uma vez o ressaltava, representava para eles naquela altura dos fatos: uma humana já com idade avançada e que em tudo lhes era semelhante, cuja origem era distinta da deles, com capacidade intelectual superior a que ostentavam e dona de um destemor que os assustava, até mesmo à Eva bíblica. Esta, simplesmente não suportava muito bem a presença deles e esse foi o principal fator de influência que exerceu sobre o seu companheiro para que não se submetessem “àqueles deuses” e aceitassem a saída daquele lugar, se isso significasse “descanso” para os seus psiquismos atordoados. Contudo, jamais Caos lhes deu folga.

Eles singularmente se assustavam quando me viam, nas oportunidades raras em que isso aconteceu em frente a eles, conversando com seres demoníacos que eram da minha afeição. E tudo para a compreensão deles se resumia ao fato daqueles seres pertencerem à minha antiga família.

Com o tempo, inevitavelmente fui levada a escolher mais um parceiro com o qual tive descendência. Após a sua morte, tornei a me unir a um outro homem com o qual também gerei nova prole. Devido a certos aspectos da herança longeva que herdei da antiga condição e que ainda existia no meu corpo humano, pude ser uma boa procriadora sem maiores problemas.

Quando os humanos, minimamente despertos, começaram a crescer significativamente em número e espalhados em grupos dispersos, passei a ser tida, para alguns, como uma guia experiente a ser consultada e, para outros, a minha fama demoníaca cuja história se arrastava há bem mais que 60 mil anos até aqueles tempos, levou-me a ser também conhecida como Lilith. E muito do que, mais tarde, veio a se falar a meu respeito não mais correspondia a qualquer aspecto da minha verdade daqueles dias finais da minha vida humana.

Pereci algum tempo depois da grande devastação que cobriu todo o planeta de infortúnio. Vivi o período antediluviano e boa parte do pós-diluviano, e pude, então, perceber como forças externas extraterrestres e extrafísicas se esforçavam para dominar a crescente família humana que se multiplicava num ambiente planejadamente desagregado. Mas, naqueles evos, desconhecia as suas origens e o que eles significavam na "geopolítica desta criação".

No curso da minha vida transmutada de demo para homo sofri violências da parte de Caos, dos meus pares olímpianos e do ser a quem vocês chamam de Lúcifer que, do astral planetário, nos tempos em que influenciei o casal bíblico, ele procurava despertar em todos nós "trincheiras cerebrais e psíquicas" que pudessem ser, para ele e os seus seguidores, fonte segura de luta contínua contra a dominação estéril vinda de um criador estremecido e fragilizado pela sua própria incompetência enquanto pretendo gestor do que existe.

Não sei o quanto fui influenciada e se de fato o fui por esses seres! Nos tempos em que vivi não me era possível expressar essa medida e, até mesmo hoje, decorridos uns bons milênios desde então, e na "desconfortável" situação espiritual em que me encontro, também não sei avaliar essa questão com a devida frieza de análise e com os parâmetros honestos para tanto.

Tudo o que imagino sentir é que sempre procurei agir por mim mesma, com base no meu modo de pensar e de sentir a vida. Se errei ou se acertei foi pura consequência das circunstâncias que me envolviam e me convidavam a reagir. Nada planifiquei de antemão. Penso apenas ter atrapalhado o planejamento de alguns entes tidos como importantes nesse contexto, e admito hoje, ter sido instrumento dos projetos de alguns deles, sem que disso obviamente soubesse.

Enfim, fui atriz e testemunha sem privilégios de como **uma das versões do genoma humano foi mais recentemente elaborado sobre**

uma base que já existia de uma outra Eva e de um outro Adão bem mais antigos que eu mesma (ne: recentemente descobertos por estudos e mapeamentos genéticos avançados), e pude perceber quantos obstáculos difíceis vários personagens humanos tiveram que superar, na solidão dos seus momentos, para que a espécie a que atualmente o meu espírito se encontra vinculado pelos mais profundos laços pudesse prevalecer em relação aos infortúnios.

Fiz-me mãe de uma continuidade para nela me realizar enquanto pessoa e, como mãe, meu impulso sempre foi o de proteger, o de poupar dos meus entes o que pudesse lhes dar. Contrariamente, e para minha tristeza, tive de aniquilar em mim o instinto maternal e pôr os meus filhos e filhas em risco constante para que a dignidade que estávamos descobrindo na natureza humana não fosse, por sua vez, esfaqueada pela frieza de entes como Zeus, Ares, Hades, Caos e outros que ainda não ostentam em si noções de decência existencial que sobram na frágil, porém heroica, humanidade terráquea.

Como mãe, tive de instigar os meus para uma guerra contínua, perversa, silenciosa e covarde — porque desconhecida para os terráqueos — com forças que nos confrontam a possibilidade de crescermos em liberdade, postura amorosa e sabedoria, o que falta aos agentes que sufocam os desavisados homens e mulheres da Terra.

Doía em mim gerar novamente a necessária dose de desconfiança para que a ingenuidade não fosse continuamente estuprada pela esperteza dos velhacos demoníacos que fazem questão de atrasar o processo de libertação geral dos que habitam nesta criação, inclusive, o deles próprio.

São cegos que pretendem guiar os que têm olhos e sabedoria para enxergar e é isso que diferencia esta humanidade dos que a pretendem dominar.

Ah, se não fosse o condicionamento que eles nos impuseram... Mas tempo virá em que **os condicionadores perceberão que os verdadeiros condicionados ao infortúnio espiritual são eles próprios. Os humanos são e serão livres para serem o que desejarem, na direção do que conseguirem vislumbrar no seu processo evolutivo.** Eles, porém, continuarão a ser sempre os mesmos seres decadentes sem possibilidade de crescimento pessoal.

Isso, eu e toda a espiritualidade sabemos. Falta tão somente os meus filhos e filhas terrenos disso saberem.

Obviamente, Caos/Javé nunca revelou essa face da história, pois seria obrigado a contar que **a componente feminina do processo, foi sim, o agente principal da renovação universal** que hoje se verifica para além das limitadas percepções dos terráqueos, por força do isolamento planetário.

Jamais saímos de qualquer costela e nem muito menos sofremos nenhuma queda para termos sido expulsos desse ou daquele lugar. A história é bem mais triste e complexa do que até hoje se pode revelar.

Transformar a própria queda em passo de uma dança cósmica sempre pareceu ser um dos principais traços da personalidade de Caos e dos que com ele se consorciam na gestão da Tríade, se assim posso me referir a algo que, efetivamente, jamais funcionou adequadamente.

Como já afirmei anteriormente, **parecem-me cegos que tiveram o mérito de, por meio de algum modo, produzir um jogo cujo resultado possibilitou o surgimento de seres com olhos para enxergar.** No entanto, a doença que lhes marca a cegueira é de tal monta que, **por serem desgraçados, os impele a tentar submeter os que conquistaram a liberdade de viver digna e plenamente as suas vidas,** por curtas que elas possam ser.

LIVRE DA MALDIÇÃO

Se me fosse perguntado qual o meu melhor momento desde que surgi para a existência como Pandora, na minha versão demo até esses tempos atuais em que me encontro como espírito desencarnado, sabem o que responderia?

Pode parecer uma resposta difícil, dado o meu lado emocional que começou a evoluir no padrão humano, o que muito me felicita. Quando assim me indago, minha mente espiritual, com suas recordações, passeia sobre os bons momentos colecionados nas últimas quatro vidas que vivenciei na Terra, depois de Pandora, e se fixa naqueles instantes que me foram tão caros. Contudo, ao pensar de modo objetivo, concreto, e o faço ainda com certos traços do gênero demo que teimosamente ostento, outra reposta não posso dar: foi quando descobri existir um ser humano que me pudesse dar a guarida mediúnica para que eu me expressasse sem distorcer os valores e os significados do que transmito.

Demorou muito para que surgisse alguém que pudesse retirar da convivência com esses seres o que a natureza humana urge por demonstrar a todos os quadrantes da criação: **o senso crítico e a razão filosófica despertos no ser terráqueo não mais podem ser submetidos pela força a poderes apodrecidos sob a perspectiva da moral e da virtude espirituais.**

Esperei isso de Jesus mas estranhamente ele seguiu outro caminho, subordinando-se sem se sujeitar, talvez o único possível à época, apesar de não me sentir segura quanto a essa impressão. Acho, porém, que a mesma é a mais cômoda de veicular no meu psiquismo, apesar de saber que a questão não é tão simples assim. Explico melhor, para desconforto do meu apoio humano.

Por muito tempo **vi toda a minha descendência fazer o contrário do que eu e outras “Evas e Adões” havíamos feito no passado remoto, por já naquele tempo não suportarmos tamanha dose de sujeição estéril e improdutiva.**

Para meu desagrado, de onde me encontro, vi Abraão, Moisés e Maomé se submeterem a anjos do Senhor e a outros enviados, o **que alimentava aquela interminável violência de “atacar psiquicamente os terráqueos para submetê-los a qualquer custo” que não acabava nunca, por criminosa que fosse para com a condição humana**

desperta, e por isso já havia mesmo perdido a “esperança” de que tal se desse. Mas se deu, finalmente, e de um modo estranho e com um ator absolutamente inesperado para mim!

Eu que, enquanto Pandora, jamais confiei em qualquer coisa além de mim mesma, estava, agora, convivendo com um humano que, por ter sido violentamente tratado pelas mesmas forças que me trituraram a sensibilidade pessoal no passado, também desconfiava de, absolutamente, qualquer contato direto ou indireto com seres situados além das fronteiras tidas como normais pelo senso dos encarnados.

Tudo começou quando reencontrei aquela, conhecida agora como Medeia, irmã da pureza da outrora “raça dourada”, assim denominada pela mitologia, que representou uma esquecida miscelânea do DNA mental demoníaco com o DNA biológico de algumas das espécies do gênero homo que, na época, habitavam a Terra. Nos meus primeiros tempos demoníacos eu fiz parte dessa experiência cujas cores não passaram à posteridade do modo correto.

Medeia convenceu-me a procurar este humano ao redor do qual ela havia estabelecido “prontidão”, desde que fora resgatada das trevas espirituais, como ela mesma costuma afirmar. Antes, envolvido por uma equipe de espíritos brilhantes e amorosos, agora “perseguido” como ponto de apoio para “revoltas políticas, filosóficas e psíquicas” jamais expressadas, e como possível foco terreno de revelações que procuravam, de um lado, “acertar antigas contas” e, de outro, repor alguns aspectos de uma verdade esquecida para esta humanidade, dentre outros aspectos singulares que marcam a sua superlativa e indesejada — por ele próprio — capacidade de alinhamento com representantes das diversas forças que atuam nesse drama existencial infindo.

E ali estava eu, rodeando o terráqueo que sequer permitia a aproximação de quem quer que pudesse ser, “gastando sua energia” para poder ficar sozinho, refutando toda e qualquer tentativa de se estabelecer ao seu redor um canal de comunicação, levando-me mesmo a orar para quem de direito que me pudesse orientar quanto ao que teria de fazer para sensibilizá-lo.

Falei com os seus amigos espirituais, com mentores, até com seus afetos espirituais e todos se movimentaram no sentido de encontrar um modo de me fazer chegar junto a ele. O seu próprio espírito passou a ser o meu “melhor empresário”, mas a sua estafa psicológica era tanta que o

seu ego terreno comandava as suas atitudes. Fora a opção que fizera para poder “passar melhor os seus últimos dias”, assim entendi.

Superar tudo isso e mais ainda a barreira de me apresentar logo como “um demônio espiritualizado” ou, simplesmente, como um espírito e depois explicar melhor a minha origem, tudo isso me consumiu cota de energia considerável. Mas foi do jeito que deu para ser e o importante é que frutos estão sendo produzidos.

Nesse ponto da minha narrativa, terei que recontar a minha história resumida, fixando-me nas questões que se relacionam com os novos painéis que aqui pretendo introduzir, e que me possibilitam ressaltar outros aspectos pontuais.

Para que os atuais humanos possam, contudo, compreender alguns dos painéis que envolveram o processo de criação das suas primeirasavas de ancestrais,avas essas paralelas a algumas que já existiam disponíveis no âmbito da própria natureza planetária, torna-se necessário que me refira ao choque que representou para Zeus ver surgir uma estirpe que não havia sido produzida por meio da sua contribuição ou influência da sua genética pessoal. Além do que apresentasse potencial de novamente “perturbar” o ambiente geopolítico, agora centralizado em torno dos acontecimentos na Terra, que lhe custara tanto a pacificar, enfim, a organizar a convivência entre tantas estirpes diferentes.

Quando fui engendrada como demônio, passei a ostentar a descendência direta de Zeus e, pelo que sei — mesmo isso não constando das “notícias mitológicas” comumente conhecidas — **fui sua primogênita dentre a prole que dele nasceu sem o concurso da sexualidade** — houve outra que foi gerada a partir do seu concurso sexual.

Dentro da novidade que agora se fazia cada vez mais presente na estirpe olimpiana, surgiu para a vida como um ser demonizado ostentando um alto padrão do gênero feminino, isso, o repito, nos moldes em que a “masculinidade” e a “feminilidade” estavam tendo lugar entre as sucessivas espécies de demônios naqueles tempos, desde a influência do código de vida semeado por Eros.

Zeus escolheu-me, então, para ser enfeitada na minha condição de demônio nos moldes do que seria um padrão feminino em relação aos padrões do aspecto masculino dos humanos que haviam sido gerados por Prometeu e “adequados” a certas situações pelas experiências de

Epimeteu. Foi quando os deuses se reuniram para vingar-se de Prometeu por ele ter “humilhado” todos os deuses, em especial Zeus, quando lhes aplicou sucessivos golpes de sabedoria em episódios diversos.

Como anteriormente explicitado, por ordem de Zeus, Hefesto, Atena e todos os demais deuses “invadiram a minha sensibilidade demoníaca”, pondo em mim “adereços envenenados” para enfeitiçar os humanos. Aqui, porém, algo precisa ser ressaltado: apesar de descendente direta de Zeus, ele não participou do “novo embrulho de adereços” a que minha sensibilidade foi submetida. E mais ainda: alguém teve de manipular a minha herança do seu DNA, que era imperiosa em mim, e com isso, algo aconteceu que, na verdade, após as operações feitas por todos os demais deuses ali presentes, a **“influência do DNA” de Zeus desapareceu ou foi anulada no meu corpo demoníaco**, e somente muito mais tarde isso foi percebido tanto por mim quanto pelo próprio. **Esse fator teria sido decisivo para o meu despertar mental e para a minha habilidade de repassar para os humanos.**

Por que isso é importante? **Porque os humanos que de mim descenderam não herdaram o DNA de Zeus, o que, pela cultura demoníaca, não lhe dá o direito de se achar “mentor da raça” surgida no reino animal biológico da Terra!** Vocês, terráqueos, não imaginam como essa questão tem e terá importância na geopolítica do futuro que espera pelos agora representam o que de melhor existe na natureza terrestre pois, pelas leis que regem um padrão de poder que vos é ainda desconhecido, **esse fato singular retira de Zeus qualquer direito de se achar com poder para reinar sobre os humanos terráqueos.**

Zeus me endereçou múltiplas maldições quando percebeu que eu ajudava os humanos e **não os subordinava por meio da desfiguração dos seus potenciais, não os tornando novamente inferiores aos deuses, em termos de capacidade mental, de senso crítico e de razão filosófica** — que era o desejo de Zeus.

A primeira “porção mental” com esse tempero de independência e de superioridade intelectual no campo do discernimento e do tirocínio, fui eu a formatar no meu psiquismo de então. Quando os deuses me viram e tentaram novamente me impor o jugo demoníaco que os caracteriza, perceberam que algo de muito estranho havia acontecido comigo. Mais ainda enlouqueceram quando

viram que eu havia repassado aquela condição para os meus descendentes.

Zeus resolveu, então, punir definitivamente Prometeu, oportunidade em que o submeteu a suplícios diários, mas sempre na expectativa de um dia poder forçar o velho titã a lhe revelar a solução para o **vaticínio que dizia sobre quem iria destronar Zeus da posição de mandatário universal**, como ele se sentia.

Após a solução encontrada pelo centauro que substituiu Prometeu no sofrimento do flagelo, Zeus negociou com Prometeu — é importante que se diga que muitos dentre os olímpianos acreditavam que ele tinha como ver o futuro — e dele recebeu a solução do vaticínio do destronamento, mas somente em parte.

Zeus somente percebeu muito mais tarde que quem o iria destronar, nada tinha a ver com mais um ardil que a esperteza de Prometeu fez valer sobre ele e todos os deuses do Olimpo. Pois **quem verdadeiramente destronou Zeus foi a evolução do agrupamento humano no qual fiz introduzir o meu legado genético produzido pelo meu despertar pessoal**.

A “herança da minha liberdade” foi o fator decisivo que fez os deuses se sentirem fracassados quanto ao domínio humano. Foram certas transferências de algumas áreas dos meus genes para a humanidade que permitiram, mais tarde, o nascimento de “semideuses” como Perseu, Heracles, Gligamesh, enfim, de alguns que terminaram sendo os que contribuíram para o fim do domínio dos deuses como também do aniquilamento de monstros que tornavam insegura e perigosa a presença dos humanos na Terra.

Aqui, **Zeus e Poseidon, principalmente, aproveitaram-se dos fatos para terem os seus genes presentes na evolução biológica da humanidade. Só que no tempo e na “etapa política” em que isso foi feito, o “direito de descendência”, pelas normas da cultura demoníaca, não mais poderão ser utilizados por eles para discutirem questões de poder.**

Foram, enfim, os desdobramentos da minha genética que permitiram nesses tempos longínquos que um terráqueo não se submetesse ao criador adoentado, dando um novo rumo nessa convivência que sempre usou a espécie humana da Terra como massa de manobra frente a seus interesses.

No passado, Zeus se viu obrigado a me liberar do seu domínio, pois não lhe era mais possível prevalecer com suas artimanhas sobre os humanos daquele tempo. Hoje, o criador se vê obrigado a agir da mesma maneira em relação à humanidade. Mas a questão da “liberdade mental” começou comigo e **somente nesses dias em que posso revelar os eventos que tiveram lugar no passado, a principal maldição de Zeus sobre mim deixa de existir, pois agora os meus descendentes poderão saber a verdade.**

Finalizando este capítulo, apenas saibam que no passado **existiam diversos tipos de sofrimentos e de dificuldades que eram impostas aos humanos**: as que eram comuns à aventura da vida num ambiente tão adverso, as que eram consequências dos próprios erros humanos, mas **existia um grupo que era sempre produto da encomenda dos “deuses” para os desavisados homens e mulheres da Terra.**

Fui maldita entre os demônios por ter sido alguém que tentou pôr um fim a violências desse naipe, puro produto da ignorância espiritual que ainda vitima a estirpe à qual pertenci, mas que ainda faz parte do que eu sou.

Os humanos já nasceram livres do ônus desse genoma doentio que não pode promover a sua própria cura. Daí a importância que os terráqueos assumem frente aos olhos dos gêneros “clones” e “demo”, porque estes são incapacitados, na prática, de redimensionar os seus genomas. **Já o gênero homo é o único que existe capaz de evoluir espiritualmente e, portanto, liderar a arquitetura do novo padrão de genoma necessário à redenção de todas as partes envolvidas.**

INDISFARÇÁVEL HERANÇA

Não pensem, porém, os humanos que nada carregam do problema do **genoma demo pois foi a sua base que evoluiu para a urdidura do genoma biológico que foi semeado nos mundos do universo.**

Desde que a molécula-mãe te todos os corpos de seres vivos do planeta Terra e de alguns da sua vizinhança cósmica foi semeada por volta de 4 bilhões de anos atrás, que a sua configuração tem sido trabalhada, evolutivamente falando, no sentido de atingir a versão que atualmente ostenta, no que se refere ao gênero homo terráqueo — pelo menos é isso que atualmente se encontra registrado nos anais da cultura demo.

Sob essa perspectiva, são dois os principais traços da herança demoníaca hoje presentes no psiquismo da humanidade.

Sinto, dizê-lo, mas o farei de forma honesta, sem me preocupar com o que a informação poderá causar na sensibilidade do (a) presumível leitor (a) destas páginas. Difícil, para mim, foi convencer o autor terreno do qual me utilizo e, como ele está me permitindo a expressão livre dos meus pensamentos, aqui vou eu.

Os terráqueos que ainda se sentem compulsivamente inclinados a sempre se corromper, sob à perspectiva de uma moral mais elevada, vendendo facilmente a sua alma pelos valores impostos pelas circunstâncias do cotidiano, como também das “grandes jogadas da esperteza”, **são carregadores de um germe da corrupção demoníaca num nível que sequer imaginam.**

Isso implica que seus espíritos também já jornadaaram pelas muitas estirpes demonizadas ao longo de um tempo cujos painéis somente agora começam a ser resgatados com propriedade, posto que **a “semente da sujeira da corrupção” se encontra essencialmente marcada nos arquivos da mente espiritual.** Ao nascer, inevitavelmente o jogo do genoma do novo corpo deverá possuir também tais caracteres que despertarão na medida em que a nova personalidade comece a “praticar das suas”, conforme as circunstâncias da vida.

Os corruptos da Terra — que também são os corruptos dos ambientes espirituais — infelizmente, apontam hoje para o emblemático desenho de um DNA com fortíssima marca de certos compartimentos de genes herdados da transição entre corpos demoníacos e humanos

biológicos, da qual eu mesma fiz parte e fui a iniciadora do processo, como já referido.

Aqui me referi explicitamente aos que não sabem viver sem a corrupção e que procuram as situações em que dela podem se valer! Não estou me referindo a quem, por fraqueza ou questão de momento, cede às facilidades inconsequentes de certos processos humanos e deles se locupleta circunstancialmente, mas busca não se repetir ou mesmo se afastar da “tentação fácil”.

Há, ainda, aqueles que **doentiamente usam de artifícios para impor a sua vontade, a sua opinião, enfim, o seu jugo sobre os demais. Estes também carregam o gene demonizado doentio** — existe genética demoníaca extremamente positiva, apesar do padrão básico da constituição da sua natureza dementada e destituída de valores — e se encontram espalhados em movimentos de diversos matizes, sejam religiosos, filosóficos e/ou políticos.

Sabe aquela pessoa que se torna religiosamente filiada a alguma doutrina e, em pensando que encontrou a verdade, passa o resto da sua vida patrulhando todos ao seu redor para que venham um dia a aderir ao que ela propõe? Muito bem, eis um exemplo emblemático algo “suave” da segunda componente da doença demoníaca mais presente no psiquismo dos terráqueos.

Se for bem observado, facilmente se observará, atualmente na Terra, dois movimentos bem distintos das pessoas, e aqui me refiro aos padrões gerais da vida humana: **algumas poucas que estão naturalmente desenvolvendo os poderes espirituais, enquanto outras estão desgraçadamente acionando uma maldita herança do germe do poder mental demoníaco, quando agem como “ultra-espertos” ou egocêntricos ao extremo.**

Estes últimos parecem ganhar sempre já que se tornam os “donos das situações” e progridem financeiramente pelos “saltos quânticos” que dão em seus patrimônios pessoais — esses saltos a física quântica não explica — sem que haja o alicerce do mérito e do suor para tanto.

Já os que investem no “poder espiritual”, parecem pecar por elegância e possuir uma estranha mentalidade de preferir perder a ter que ganhar de qualquer forma. Bem, se isso não servir para muita coisa, pelo menos retrata uma limpeza no seu DNA tanto físico quanto “espiritual”,

pois já transcenderam o problema demoníaco. **Seus psiquismos estão livres do passado problemático.**

Uma certa feita, Jesus chamou de **“raças de víboras” a alguns agrupamentos humanos que cultuavam a esperteza como meio principal de vida.** Que seja! Ele só esqueceu de dizer que aquela doença tinha uma raiz mais profunda, e que o problema era tão desagradável que residia na primeira figura de toda essa história, que era exatamente a que exigiu, mais tarde, **que ele viesse a ser crucificado, não lhe livrando de um cálice que somente tem sentido se observado sob uma outra ótica também doentia: a da “lila”, que responde pela geopolítica desta criação complicada** — entenda quem puder!

Numa análise seria e adulta dos fatos, não me é possível poupá-lo, ainda que a sua atitude humana tenha sido a mais bela e magnânima que eu já pude ver do nível onde me encontro quando não estou visitando alguma estirpe demoníaca ou trabalhando no seio da humanidade.

Esclareço que não sou cristã e em assim sendo, não sou seguidora de quem quer que seja e me sinto livre para poder olhar os eventos e os seus desdobramentos do modo como quero, sem premissas de qualquer naipe, o que me faz sentir livre. Erro como todos, e aqui me refiro à própria atuação como espírito desencarnado cujo psiquismo equivocadamente é mal compreendido pelos terráqueos, até mesmo pelos que se autoproclamam “espíritas” que pensam que seus “mentores idolatrados” não erram. Erramos todos! As “verdades das épocas” não nos permitem a muito mais.

Ser um “espírito desencarnado, ó minhas crianças, não é somente “ser” o que até hoje vos foi possível compreender, a partir dos esclarecimento da revelação. O que até agora vocês sabem é tão somente a “dose infantil” comum à infância espiritual que ainda grassa na cultura dos encarnados. Mas “ser um espírito desencarnado” é um modo de existir muito mais complexo e possui painéis que ainda não lhes é possível realçá-los com as cores reais do romântico entendimento dos que vivem na Terra.

Não pensem que aqui temos a verdade naturalmente disponível a nossa vista e muito menos que haja um de nós, espíritos desencarnados atuantes que dela não esteja apartado por alguma “premissa equivocada”. E, desculpem, não conheço um só espírito desencarnado que não tenha a sua cota de aventura e de desventura no campo do saber, e isso vale para quem, aí na Terra, é tido como “espírito superior”.

Efetivamente, **existir envolvido com essa criação imperfeita não é trivial e muito menos simples, pois jamais a verdade surge naturalmente**, como uma flor que, à luz do Sol, naturalmente expressa a sua beleza e a sua função no âmbito da existência. Mas para os seres ditos racionais, a elaboração do que produz cada “consciência particularizada” é sempre projeto pantanoso, torturado, cheio de aspectos escondidos que, teimosamente, tentam jamais emergir à luz do amor, pois que submergidos nos circuitos de egos doentios, incompletos e imperfeitos, e tudo isso fica muito claro aqui nos ambientes espirituais. Não há “ego completo e livremente edificado” em nenhum personagem dessa história dramática em todas as suas cores. Ninguém, dos que já “aconteceram” para esta criação, escapa a essa observação.

Obviamente, muitos terráqueos consideram como “sagrado” esse ou aquele personagem do drama, e isso deve, obviamente, ser profundamente respeitado. Mas isso não pode calar a análise adulta da leitura dos fatos produzidos por esses mesmos seres e, enfim, por todos nós.

Quando um ser do porte de um Shiva afirma que a angústia e amargura se encontram presentes em todos os quadrantes da criação, é dever de qualquer pessoa sensata refletir sobre o assunto, e não esquecer do que foi dito para passar melhor movido pelas “pílulas azuis” da vida, enquanto esta se escreve por meio das “vermelhas”. Ou ainda afirmar, como o fazem muitos “doutores” ocidentais que desconhecem o básico da história oriental: esse tal de Shiva é invenção dos hindus, pois não pode existir ninguém com essas características que se árvore em criador universal, disputando com Brahma/Caos e com Vishnu/Eros a autoria da criação e quem a comanda, como apontado na mitologia ariana/hindu. Que seja pois cada um toma a pílula que prefere ou aquela a que se encontra condicionado a consumir!

O “eu espiritual” de cada um de nós é um “alguém” ainda por ser conhecido pelos seus próprios egos transitórios da vida terrena. **Não há um só alguém do lado de cá, com traços demoníacos ou não no seu currículo existencial, que conheça em grau superlativo a essência e o porquê das coisas serem como são.** Mesmo em níveis superiores, que já me foram dados acessar por razões de estratégia de mentores espirituais elevados que acompanham os meus movimentos — e penso que definitivamente o são — nem deles pude receber a “certeza” de que podem explicar tudo, ou pelo menos, o porquê da criação indevida de Caos. Eles não sabem! Ainda procuram compreender para sistematizar o

que pode e deve ser feito como foco de esclarecimento para ser ofertado além das fronteiras do campo amoroso que a tudo deve envolver.

Quanto ao que “pode e/ou deve ser feito”, o que complica o entendimento quanto a esse aspecto é a infantil postura da humanidade e de outras estirpes que esperam que Deus, Jesus, Buda e outros façam o “pode e precisa ser feito”. E é aqui que **a ignorância** dos que partem de premissas equivocadas pelo vício das crenças filosóficas ou religiosas, **envenena o discernimento real** porque **cabe às “consciências particularizadas”, estas sim, fazerem o que pode e precisa ser feito.** Não cabe a Deus!

Nesse jogo entramos todos nós e seja lá o que Jesus fez como homem e ainda não fez como o ser cósmico-espiritual que ele é, o que eu fiz e ainda não fiz seja na Terra ou mesmo aqui, e o que cada um de vocês fez ou ainda precisa fazer seja como espírito ou agente da vida em algum mundo do universo, **nenhum fará pelo outro e nem jamais um só poderá fazer por todos.** Simplesmente não funciona desse modo! **Mas as “crenças cômodas” vendem essa receita como se fosse verdade** e bilhões de seres encarnados e desencarnados vinculados à espécie homo sapiens embarcam nessa fé estéril e improdutiva.

Os “sagrados” jamais poderão fazer pelos outros o que cada um precisa fazer!

Sinceramente, sou das que pensam que o conjunto “homem-divindade Jesus”, poderia ter sido mais honesto com os fatos do seu tempo, e ter situado melhor a questão da herança demoníaca sobre os ombros da humanidade. Contudo, não o fez na condição humana, mas, estranhamente, começou a fazê-lo enquanto ressuscitado, o não lhe foi possível concluir, fazer um fechamento intelectual do que pretendeu transmitir, talvez por uma série de razões que, um dia, ele se obrigará a revelar até para ser também transparente para com os humanos da Terra. Afinal, se seres desse naipe não forem honestos e transparentes para com os humanos terráqueos quem o poderá ser?

Deixar coisas para o futuro, apontando possíveis rotas, fazendo-se presente nas placas de sinalização mas nunca sendo visto como caminhante de uma ou de outra estrada, ao mesmo tempo em que convida todo mundo a caminhar, durante um certo tempo, missões desse porte, até que parecem funcionar. Mas quando essas estradas se transformam em mares formados por gotas de suor, de lágrimas e de sangue, sem que disso se possa tirar qualquer fruto precioso para a vida,

a pergunta que me fazia, enquanto Pandora e ainda me faço é: **onde estão os chamados “senhores da vida”, aqueles cujas energias pessoais alicerçaram esse cenário e obrigaram a que todos os demais atores desse drama tivessem que atuar?** Afinal, para que servem os seus poderes?

Jesus se conduziu para uma situação a qual é desconhecida por todos os que daqui conheço. Contudo, **ele deixou um legado que terminou conduzindo esta humanidade a uma situação limite para a qual, sem a sua presença, parece não existir solução à vista, e foi ele mesmo quem assim ressaltou.** Daí a minha insistência numa nova atitude de consciência de sua parte para com a condição humana. **Privilegiar outras questões em detrimento desta, será isso uma solução?** Será isso digno de alguém que fez das suas promessas o único lenitivo para os que creem que precisam ser salvos por seres sagrados?

Clamo, daqui para que uma atitude qualquer de dignidade para com a situação atual da natureza humana venha a ser veiculada na teia dos eventos universais. Observando de onde me encontro, **sou das que pensam que o curso dos fatos já podia ter sido modificado há muito tempo, lá atrás, em alguma página de um passado que não aconteceu por força das opções assumidas por alguns.**

Quando apresento essas teses aqui, em diversos ambientes espirituais propícios a esse tipo de abordagem, somente recolho o silêncio solidário e cúmplice dos que pensam como eu. Mas nada podemos fazer a não ser repensar o passado e nos fortificar no presente, agindo sempre, no aqui e agora, sem perder de vista as possibilidades do futuro.

Esclarecendo e motivando a condição terráquea, tudo o mais na criação começará também a ser retrabalhado para melhor. Mas, perdidos por entre ecos de promessas vazias de um passado cujo peso criminal teima por puxar todo mundo para trás em vez de ajudar a caminhar lucidamente, qual o sentido de tanto sofrimento? **Por que sofrem todos os que passam a existir?**

Nem Caos, nem Eros, nem Tártaro jamais deram qualquer explicação que dignifique a vida nesses termos. Nós, do gênero demo, os poucos que puderam, buscamos mentalmente compreender o porquê da existência alicerçada em termos tão infelizes já que não nos era dado possuir maiores noções de dignidade.

Desde que os seres biológicos animalizados surgiram, todos mergulhamos nas cores das suas espécies e, através de um novo “modo de enxergar”, aparecem os nomes de um Zoroastro, de um Jesus, de um Sai Baba, **tentando dar respostas que não se coadunam com os fatos porque sempre falta algo que fica para uma “próxima vida”, para uma “próxima vinda”**.

Ora, convenhamos! Melhor fez Sócrates que somente ajudou a humanidade a aprender a fazer as perguntas corretas e necessárias! E é dessa escola que sempre me fiz estudante, desde que me humanizei. Portanto, não tenho as mesmas premissas dos cristãos e nem as de ninguém que esteja preso a qualquer modo de enxergar e de pensar sobre a vida e a realidade, que dependa do que outros venham a nos dar!

Quando, daqui, pude acompanhar o modo como foi escrito um dos livros produzidos por este humano do qual me sirvo e, depois, ao ler as suas páginas, meu espírito vibrou de uma forma jamais sentida por mim desde que existo. Esta foi a experiência que mais se aproximou daquilo que sempre busquei como parâmetro para a ausência de dignidade no ato de existir, na medida em que a existência tornou-se motivo de sofrimento, como já ponderei anteriormente.

Pena que este humano, aqui, não me permita expressar livremente o que eu gostaria sobre o livro “**Favor Divino**”, porque, afinal, alguns na Terra iriam compreender de modo diferente. Que pena que ele não o permita, mas é compreensível. É a única “luz” que conheço sobre a questão, que explica o porquê dos nossos espíritos mergulharem numa situação existencial que é puro vexame! Acho que a informação que se encontra veiculada no referido livro tem como procedência um nível espiritual que a todos nós surpreenderia. A partir do que foi por ele apropriado é que o seu conteúdo passou a ser estudado por aqui.

Não esqueçam que cada nível espiritual traz consigo os seus níveis de cobrança moral, de complexidade comportamental, tudo isso imposto pela própria consciência particularizada e não por uma lei exterior que nos obriga a isso ou aquilo. Esses níveis são incontáveis, e cada um deles propicia a reflexão individual sobre o que fazemos, como fazemos e o porque de agirmos desse ou daquele modo ao longo das jornadas terrenas.

Ora, se para espíritos do meu tipo, busquei e busco a cada momento da minha existência orientar os meus passos de acordo com os valores da minha consciência que não se permite agredir a quem quer que seja,

como essas entidades se permitem serem portadores da criminosa expectativa de se sentirem donos e senhores de vidas alheias? **Por onde passeiam as suas consciências se não pelas mesmas estradas que as de todos nós também se veem obrigadas a trilhar, como forma de progresso espiritual?**

Na posição espiritual em que encontro, numa situação limite entre os espíritos que deixam as estirpes demoníacas por “morte” dos seus corpos instáveis e doentes, e aqueles que já conseguem, dali saindo, encarnar na humanidade biológica evolutiva, foi-me dada a possibilidade de conviver com experiências numa e noutra direção, até o limite das minhas possibilidades espirituais.

Como estou vinculada à essa desconfortável interseção tenho cobrado abertamente, no ambiente espiritual em que vivo como também nos que posso visitar, que essa entidade aja em nome dos mais belos princípios que a sua própria encarnação humana deixou como legado filosófico e amoroso. Este legado ainda precisa ser honrado, pela sua própria consciência, e não pelo sacrifício de outros em seu nome; não pelo que ele já fez, tornando-se humano e se deixando sacrificar em nome do que somente ele sabe, mas pelo que ainda a sua consciência pessoal necessita realizar de modo claro, honesto e transparente para com todas **as demais consciências particularizadas que ofertam seus sacrifícios pessoais, em pleno exercício de um “favor divino”, mergulhando nessa criação complicada como agentes de um progresso universal que ainda precisa ser construído.**

Nem todos os meus irmãos e irmãs que por aqui transitam concordam comigo, mas nem todos eles têm a visão que desgraçadamente tive que construir por ter vivido situações singulares que somente sei eu o que me valeram e o que me custaram.

Infelizmente, a humanidade está ainda muito longe de superar os padrões primários da conduta demoníaca. Foram poucos os que conseguiram superar esse obstáculo psicológico que impede o avanço planetário rumo ao porto seguro do “progresso espiritual”, este sim, o verdadeiro e único fim pelo qual vale a pena existir. O resto é **viés da doença presente na cultura demoníaca, triste herança dos senhores da lila, iniciadores de toda essa enigmática situação que obriga a que todos enfrentem as mais absurdas situações existenciais, por força dos seus caprichos e esquisitices pessoais!** Isso tem que ter um fim!

Das muitas características “estranhas” da doença dos demônios, sob à ótica terrestre, a que mais chama a atenção, seja dos clones próximos ao criador como também dos humanos, é a sua conhecida, porém, incompreendida capacidade de se metamorfosear. Mas o que aparentemente parece ser um poder é, em realidade, um estigma sofrível, como já apontei.

Aqui não poderei aprofundar o tema, pois mesmo eu sei pouco como as forças mas íntimas desta criação vieram a funcionar. Tudo o que sei, ou melhor, o que penso saber — parafraseando o autor terreno — é que, com os corpos demoníacos, acontece algo que não ocorre com os corpos dos anjos clones e dos seres vivos biológicos do universo, pois que estes somente sofrem os efeitos da entropia. Já, os dos demônios, devido ao genoma que lhes marca a “condição mental frouxa” e o descompasso entre esta condição e a manutenção de corpos estáveis, os mesmo se encontram **sob o efeito, em grau superlativo, da força mais forte que atua no âmbito da criação**, seja nos genos ou na faixa universal em que vivem os humanos da Terra.

Na cultura terrena, **esta “força mais forte” é, agora conhecida, como energia escura** — em uma das suas faces. Essa energia corresponde à **força tamas, oriunda da mente daquele que veio a ser conhecido como Shiva/Tártaro, que obriga a que o universo, e tudo o que ele contém, se expanda para o seu cenário final.**

Isso implica que o aspecto material denso da criação, simplesmente, um dia se decomporá. Essa força que já está provocando danos muito mais horripilantes nos ambientes das moradas desses seres demonizados e, equivocadamente endeusados, **representa o mesmo poder que faz com que todos esses entes sejam agora prisioneiros dos seus genos originais** — na sua grande maioria — até que se construa a formulação da divisão do poder entre os membros da Tríade.

Dia virá em que o conhecimento oficial da Terra terá que publicar nas suas manchetes que, **as forças que deram origem ao universo se originaram em mentes superiores**, e aqui não se deve esquecer que quando se aponta que a força tamas veio de Shiva, na verdade, implica afirmar que essa força veio da mente do ente superior que depois mergulhou na criação e assumiu a forma demoníaca chamada Shiva. E não vai demorar tanto assim!

Muitos cientistas materialistas teimam por afirmar, em base na fé e na crença que possuem, que a consciência é um mero epifenômeno do

corpo material que, ao possuir vida, produziria a causalidade ascendente, ou seja, promoveria dessa forma o senso de consciência pessoal. Profundo engano! Outros, mais esclarecidos e que têm olhos apara enxergar, defendem o postulado quântico da causalidade descendente, que **transfere para a consciência o poder maior de presidir tudo o mais**, inclusive a formatação do corpo transitório ao qual ela se encontra vinculada, por força do colapso que ela própria engendrou.

Na verdade, para os demônios, o difícil é permanecer estabilizado, alinhado numa forma corporal, pois a **energia escura agride as suas mentes** cujo padrão de consciência permanece adoentado desde os tempos em que o gênero demo surgiu, e por isso seus corpos variam ao sabor das circunstâncias. É isso que sabemos na atualidade!

Apenas quando o psiquismo demoníaco, movido por uma necessidade de permanecer naquele estilo do momento, seja por ódio, por gula, por “maldição”, pelo apego a objetos, situações, animais, árvores e pessoas, enfim, por alguma necessidade do seu jeito de ser, é aqui que nasce o sentimento do “desejo de ser ou de estar”, desse ou daquele modo, que foi lentamente evoluindo para padrões melhorados de conduta pessoal.

Para a felicidade dos gêneros biológicos que povoam o universo e, em especial, a do gênero homo, que foi o seu produto mais refinado, desse traço da herança doentia do gênero demo estão todos livres devido a uma série de fatores que seguramente serão melhor explicados no futuro. Por enquanto, tudo o que posso ofertar é a narrativa da minha participação no processo que me coube viver.

Fiz a minha parte, apesar de ser “um alguém” desconhecido para os padrões da cultura deste universo. Muitos, porém, que já mergulharam no gênero homo e deram as suas contribuições precisam atualizar ou completar os seus legados para que deles não se desdobrem equívocos teológicos que impeçam o progresso de todos por questões primárias e ridículas no campo da fé pouco esclarecida. No que me cabe, com a ajuda deste humano, é exatamente isso que estou tentando fazer na cota das minhas possibilidades.

MENOSPREZO INCONSEQUENTE

Aqui faço uma advertência firmada nas minhas próprias experiências no seio de algumas das culturas humanas, **quanto ao conceito que se costuma emprestar aos “demônios”**.

É de boa estratégia que as novas gerações que surgirão a partir da segunda metade do século XXI, quando disso souberem, não menosprezem o legado demoníaco até porque ele simplesmente responde por quase tudo que existe na base da formação de muitas das espécies animais da natureza terrestre e, em especial, na da própria espécie humana. Mais que isso: a que veio a dominar a Terra é somente a fixação do genoma de um dos tipos de “humanos” que passou a existir como produto de toda essa história mas, outras existem povoando alguns mundos no universo, cujo genoma também surgiu a partir da “base da condição demoníaca”.

Descender dos macacos, como equivocadamente muitos humanos ainda pensam, numa deformada visão da tese darwinista, já é por demais desagradável para o orgulho da estirpe, quanto mais agora essa notícia, de uma possível descendência das classes demoníacas.

Talvez a dose de “realidade” seja excessiva, mas não resta outra alternativa aos que buscam a verdade sem os floreios do romantismo histórico que sempre procura fazer com que a humanidade se “sinta bem”, **confiante de que “alguém cuida dela”**, e que todo mundo é confiável além dela própria. Não é bem assim!

A estupidez e a ignorância existem em muitos quadrantes, mas o altruísmo, a decência, a honra pessoal, a dignidade, o bom humor, o sorriso tanto carinhoso e alegre quanto o amargo, esses traços evolutivos são incomuns nesta obra desventurada, e são poucas as classes de seres que os têm em potencial livre de expressão.

Os terráqueos, para a estranheza geral do cosmos — pelo menos dos desinformados que ainda estão procurando compreender o que se passa — **os detêm em altíssimo potencial de expressão, disponível no genoma que os marca. Isso é raro!**

Compreendam que, se a história universal viesse um dia a ser contada sem os “zelos” e “cuidados” como os que o instrumento terreno, do qual me utilizo, costuma empregar quando da produção sistematizada

dessas informações, as expressões corretas, mais próximas do aspecto desagradável da verdade, soariam mais ou menos assim:

Devido a um conjunto de circunstâncias, uma divindade fez nela mesma o impensável: transformou-se em uma aberração que jamais deveria ter existido, num monstro apodrecido que começou a criar outros tantos.

Um dos mais chocantes aspectos da questão é que uma aberração, quando de si tem consciência, passa a se achar “normal”, e tudo o que ela passa a fazer, soa no seu psiquismo como “natural”.

Assim, para um monstro, ele é o mais normal dos seres, e os demais lhe parecem simples alimentos, e deles se serve e se alimenta com “naturalidade”.

Quando essa aberração “evolui” em alguns padrões, atinge um segundo estágio no qual passa a perceber que os demais monstros que ela gerou, além de alimento, podem ser também criaturas-ferramenta da sua vontade, das suas necessidades sempre imperiosas.

Quando alguém — dentre essas criaturas-ferramenta robotizadas e semi-robotizadas — “desperta” e se recusa a continuar a ser o que sempre foi, exigindo, agora que a aberração a veja como uma parceira que tem vontade própria, aqui começa um “etapa de problemas” que somente pode terminar com a “conscientização” da aberração, quanto à questão, o que, convenhamos, é estrada que ninguém, com um mínimo de juízo, deseja jornadaear.

É exatamente esse o drama de todos nós: anjos-clones, demônios e seres biológicos-evolutivos! Estamos todos sendo obrigados a aguardar que a aberração criadora adquira esse padrão de consciência. Até lá...

Somos ainda robres, demônios e animais que **tanto comem como servem de comida, que tanto matam como são destruídos pelas necessidades imperiosas ou loucuras dos outros.**

Eu rompi com isso! Como Pandora, fui o primeiro ser humano a dizer “não” à questão da “criatura-ferramenta”. Despertei e passei a ser alguém com liberdade mental, e paguei e pago milhões de vezes o preço da minha liberdade. E a “revolução” que, sem querer, iniciei, teve como seio esta humanidade já que fui o seu primeiro membro a “despertar” e nunca precisei de maçã ou de serpente — pelo menos nunca as vi na minha luta contra as imposições ditatoriais de Caos.

Jamais quis dominar a quem quer que fosse, apenas procurei e procuro exercer o inalienável direito de ser, como decidi ser, a partir do que me foi legado pelo jogo dos deuses que erraram feio na sua pretensão.

Do equívoco surgi como acerto dessa história, mas consegui desagradar a todas as partes envolvidas, pois até mesmo dos meus pares humanos recebia críticas, ao meu tempo de Pandora, **por agir buscando os riscos da liberdade quando mais cômodo e seguro era esperar dos deuses as suas bênçãos.**

Vi-me obrigada a buscar em Lúcifer, na sua herança emblemática, a força para persistir, ainda que dele pouco colhi. Procurei dentre os meus pares olímpicos, algum exemplo no qual me escorar, que me pudesse estimular o comportamento, e nem mesmo em Prometeu encontrei. Esforcei-me por buscar dentre os de outros planetas que na Terra fincaram as bases de uma colonização, mas deles pouco pude perceber algo que me fosse útil.

Jesus também disse ao criador enlouquecido um sonoro “não”, ao se recusar a dominar os humanos da Terra pela força, como desejava o “deus bíblico” ao enviar o seu “messias”. Como já tentei expressar anteriormente, esperei em Jesus e em muitos uma continuidade do que toscamente comecei, sem luz a me guiar, a não ser o meu inconformismo. Infelizmente, para mim, não tenho como levar adiante a minha análise sobre o que Jesus fez ou deixou de fazer, porque encontro resistência nas premissas amorosas deste aparelho humano em relação àquele a quem ele considera como mestre, o que devo respeitar e não tenho mesmo como superar pela via mediúnica — ele não me permitiria, nesse ponto, a livre abordagem sobre a questão. Conformo-me!

Hoje, firmo-me exatamente na atitude deste humano, do qual me sirvo, que ostentando o padrão da descontinuidade, deu um fim a genealogia de “agentes de Caos” que, com toda boa vontade, disseram “sim” aos pactos por ele propostos já nos tempos em que se fez conhecido como Javé, nessa sua última tentativa de dominar a espécie humana terráquea.

Oh, como somos todos aparentemente heróis e bandidos de uma história que não criamos, de um enredo jamais sonhado e de uma produção criminosa que nunca deveria ter sido efetivada. Mas foi, e **o diretor enlouqueceu desde o seu primeiro momento, e todos os que se fizeram atores desse drama, foram e são falsamente tidos como**

bandidos e heróis. “Criminosos” são poucos, penso que só os originais. Heróis, somos todo o resto!

Para desagrado do meu suporte humano sei que tudo isso soa totalmente rebelde, herético. Mas, **como posso usar das expressões minimamente corretas para traduzir algo que sempre foi incorreto, criminoso e superlativamente dramático?**

Não se preocupe o (a) leitor (a), pois **não haverá mais rebeliões.** Todas as partes cansaram, terminaram por esgotar as suas forças, e hoje agem na carona do sacrifício de alguns poucos que se expõem dentre os humanos, dentre algumas poucas civilizações extraterrenas, dentre certas classes de demônios e mesmo alguns poucos anjos-clones. É a tal “conspiração amorosa” a que se refere este humano nos seus outros livros.

Infelizmente, somos poucos os seus membros. Precisamos crescer em sabedoria e eficácia amorosa. Mas não tem sido fácil. Às vezes temos que esperar por tempos e mais tempos, até que surja uma oportunidade que tem que ser percebida pelos “conspiradores” para que algo produtivo possa ser feito.

E, finalmente, **a ponta esquecida do fio de um novelo do nó cósmico produzido pela incompetência do criador** foi enxergada e puxada por um simples ser humano. Para estupefação dos que podem, agora, ainda se espantar com alguma coisa, **o nó se desfez e parece não existir força e modo de novamente controlá-lo.**

A represa dos tempos desfez-se. A inundação das informações do que estava oculto agora começa a encharcar todos os caminhos do futuro. A estupefação será geral quando os tempos da sementeira, do que doravante será veiculado, estiverem maduros. E esse momento não tarda!

Com ou sem a atrasada atitude consciencial dos senhores da criação — pois o que deles hoje existe atuando, parece estar limitado ao que as suas expressões mergulhadas puderam e ainda podem produzir ou nas suas raras personificações biológicas — a evolução do pensamento terráqueo inundará o universo e alhures. Que suas venerandas personalidades possam produzir os efeitos por eles prometidos. Mas, se mesmo após o “cumprimento da promessa de Jesus de aqui retornar”, os efeitos dessa atitude não forem os esperados, outro caminho ascensional já está sendo estruturado pelo esforço e mérito das criaturas evolutivas.

Ainda que existisse “tempero e gás” para novos movimentos rebeldes, o “tempo das coisas”, daqui em diante, não mais propiciará condições para que isso ocorra, o que já é um alento.

Antes, não existia perspectiva ou vislumbre de coisa alguma, no campo da possibilidade de qualquer progresso, ou da construção de uma possível solução para a dramática situação dos viventes.

Ver o caos como o futuro, independente do que se possa fazer no presente, já tendo sofrido toda uma “eternidade”, era essa a desalentadora postura psíquica a povoar a mente de muitos. Agora, vê-se que **a falência das “forças da dominação”** expressadas por anjos-clones e força demoníacas desalinhas, **impede que estas se imponham sobre o único tipo de ser que pode evoluir em toda essa história, que é o biológico-evolutivo do universo.**

E o “não”, ofertado aos membros da tríade, por este terráqueo do qual me utilizo, pretendemos todos os que sonham e trabalham no lado de cá, ter sido a **“pá de cal” no sepultamento da visão dominadora** que as elites das estirpes consideradas “sagradas” ostentaram ao longo desses mais de 10 bilhões de anos.

Como já afirmei, **não existe nada de sagrado nessa história**, a não ser o sentimento amoroso-altruísta que **começa a fazer parte da composição do registro desses seres, a partir do esforço dos humanos da Terra e de mais alguns poucos.**

Jamais reconheci e nem reconheço a autoridade de nenhuma pretensa divindade, de alguma autoridade robotizada, demoníaca ou evolutiva que me afronte com alguma acusação de pecadora, herege, traidora, o que seja.

Não há um só, dentre todos os viventes, a quem eu considere mais do que a mim mesma. Contudo, nada existe em mim que me permita sentir-me melhor do que qualquer outro vivente. Respeito todos mas a ninguém me submeto.

Rendo-me à beleza de um simples torrão de terra, à de uma gotícula d’água, à de uma flor, à de um sorriso de qualquer face, mas não me rendo à qualquer autoridade instituída pela estupidez evolutiva da hora. Enfim, nada imponho sobre os ombros alheios, mas nada me permito ser imposto de bom grado.

Libertei-me do peso desses conceitos equivocados e assumi-me como agente do processo de dignificar a mim mesma, como também à vida que me é disponibilizada. Procuro homenageá-la com as minhas posturas e atitudes, a nada mais almejo. É tudo o que eu posso dizer àqueles a quem considero como sendo os meus filhos e filhas da Terra.

Sei que em assim me expressando estou apropriando alguns vocábulos e expressões comumente utilizadas pelo humano que me dá suporte, mas ele me permite e me proporciona tal empréstimo, seja pelo grau de associação que tenho construído junto ao seu modo de ser, seja porque eu mesma utilizaria valores filosóficos muito semelhantes ao dele, e daí a minha profunda afinidade e gratidão pelo seu concurso. Mas pouco importa: essa é uma questão entre eu e ele.

De Zeus muito escutei nas suas horas de fúria quando descumpri muito do que ele me ordenou a fazer. Dos “deuses” que me forjaram muito perscrutei na tentativa de perceber onde eles haviam se engando ao me darem, no meio de todas aquelas “encomendas” para “estragar a criação de Prometeu”, algum tipo de fermento que me fez evoluir em rota contrária à pretendida por eles. Mas evolui, tanto na minha cota demoníaca, como, posteriormente, na humana e, na atualidade, deles me apartei e tenho conseguido elevar-me por entre meus equívocos e me expressar livremente, sem medos, sem receios.

Ressalto que sem a base da minha experiência demoníaca não estaria agora me satisfazendo espiritualmente na condição humana. Apartei-me dos poderosos, mas deles tenho compaixão e não menosprezo toda a labuta produzida pelos mesmos que resultou no legado demoníaco, que permitiu podermos, finalmente, conversar nos termos em que atualmente o fazemos.

O senso crítico e a razão filosófica dos humanos da Terra cuja base foi construída sobre o legado demoníaco, estão sendo agora “exportados” para os psiquismos dos membros da tríade, para os de muitos dos anjos despertos, para parcelas significativas de classes demoníacas, para um Lúcifer e alguns dos seus mais importantes seguidores, enfim, é a essência de um sonho que vem se tornando realidade no âmbito desta obra que vitimou a todos os que com ela se consorciaram. Finalmente surge o lenitivo! E fico feliz de ter dado um primeiro passo nessa direção.

Voltando ao legado de Jesus, a quem muito admiro, pergunto-me porque ele, nas suas bem-aventuranças, não disse: “bem-aventurados os

que sonham e trabalham por tempos melhores”.

Ele sempre situou o futuro dadivoso como algo que seria ofertado por alguém especial. Mas, de tudo o que até hoje vi, seja em qualquer um dos padrões mentais pelos quais a minha cota de consciência pessoal já passou e/ou conviveu, **jamaís vi quem quer que seja receber qualquer coisa nesse sentido, pois tudo teve e tem que ser conquistado, não pela violência ou confronto, mas pela habilidade da arquitetura e pela arte de vivenciar o bem e o belo produzido por cada um.**

Não posso dar outro depoimento a não ser este já que **não posso ver ventura em quem espera receber ou herdar coisa alguma.** Compreendo o que ele falou e mais ainda o contexto a que ele se referiu, mas, se um dia o encontrar, não hesitarei em perguntar se há alguma bem-aventurança maior do que a de “dar”!

Conheço o singelo livro produzido por este humano, sobre as bem-aventuranças — “O Testamento de Jesus” — mas não resisti a expressar o meu pensamento que talvez confronte à sensibilidade do meu escrevente. Agradeço, contudo, a sua honestidade em aqui reproduzir o meu intento reflexivo.

A minha questão é a de que, como ele, desagrada-me ver alguém como Caos/Javé que deseja ser amado, venerado, idolatrado, seguido, exaltado, glorificado, até **porque tudo isso confronta o padrão de simplicidade espiritual que é ostentado pelos seres realmente de padrão superior.**

Como se pode ver, há algo de muito errado nas premissas de atitude que foram repassadas aos terráqueos como sendo comportamento adequado ao progresso espiritual. Despertem, ó crianças!

Concluindo o presente capítulo, retorno ao tempo socrático pois da minha vivência dos ambientes espirituais foi a sequência da cultura traduzida na mitologia grega que mais acompanhei.

Comparando o que pude daqui assistir no tempo de Sócrates e no de Jesus, tomando apontamentos das conversas socráticas reveladas por Platão e daquelas ocorridas entre Jesus e seus seguidores, dói-me ter que escrever o próximo capítulo porque, se posso enaltecer, deveras, o produzido pelo primeiro grupo, temo não poder dizer o mesmo do que surgiu a partir do segundo.

Tanto as discussões socráticas como as evangélicas, “fecharam” para os demônios o entendimento que nós, sozinhos, por força da nossa natureza doentia, jamais poderíamos arquitetar. Os séculos que compreendem esses episódios serviram para nós como uma espécie de início de humanização de diversas classes demoníacas, capazes de burilar a compreensão em torno dos valores ali expostos.

A coisa para nós foi e é tão séria que, antes dessa marca temporal um demônio nunca havia conseguido algo que entre os humanos é relativamente simples: **bastar-se a si mesmo! Um demônio jamais bastou a si mesmo. Um ser humano sim! Um demo sempre precisará de “coisas e fatos exteriores” para manipular — Epimeteu que o diga. Um humano, não, não necessariamente!**

Os postulados filosóficos ao serem apreendidos pela cultura demoníaca, modificaram além da conta o DNA dos demos, e foi daí que retirei a minha força para me fazer novamente humana e mulher, e aprendi a conviver bem melhor comigo mesma, em algumas reencarnações, até porque sou ainda pobre em expressão amorosa.

De todo modo, aprendi a analisar os fatos e suas circunstâncias, e sobre eles não pontificar como se a verdade fosse o próximo painel a surgir no meu psiquismo, por isso me permito proceder com a abordagem que segue.

CUIDADO COM O “IDE E PREGAI”

Não estou bem certa se deveria me referir a isso, mas existe um Jesus humano e um outro cuja personalidade é tida como divina. Para os que se encontram condicionados aos cânones do catolicismo, tudo nele, seja em que forma for, seria divino. Não sei, muito bem, o que esta humanidade entende especificamente como “divino”, mas o Jesus que não é humano, não é lá muito próximo do que os humanos imaginam dele. Aqui não me refiro à forma de expressão, a qual não conheço, e que é menos importante, mas sim, ao seu modo de ser que facilmente se depreende da leitura dos fatos e das atitudes por ele produzidas ou pela ausência destas. Como ele mesmo disse na sua condição humana, conhece-se a árvore pelos frutos que ela produz.

Eu, na minha pequenez, pouco faço porque somente muito pouco posso fazer na condição em me encontro e com o marco espiritual de progresso que me caracteriza. Sou, portanto, árvore de poucos frutos. Mas, quanto a Jesus, se ele e outros que a humanidade pensa serem divinos, há milênios procuro pelos frutos diretos das atitudes desses seres, tidos por muitos como sagrados, e não os encontro em qualquer nível espiritual dos que visitei e dos que pude também ter notícia. Por que é assim? Onde estão seus frutos? O que encontrei em todos os quadrantes espirituais foram espíritos que estão evoluindo com base no seu exemplo terreno, nada mais. Mas isso é fruto do esforço e do mérito dos que constroem a sua evolução e numericamente, outros mestres humanos tanto ou mais influenciaram muitas outras individualidades e isso é maravilhoso! Mas esta não é a minha questão.

Por que pouco ou nada alguém que se afirma divino faz ou produz nesses inúmeros níveis espirituais/astrais pelos quais tenho pesquisado, junto com outros amigos espirituais mais serenos que eu mesma, e nunca encontramos coisa alguma produzida diretamente pelos tais senhores divinos da criação? Parece que tudo o que produziram se resume aos seus exemplos humanos ou demo registrados nas muitas páginas do passado terrestre.

Ao longo da história da penosa evolução da vida inteligente na Terra, avatares e enviados diversos por aí aportam no planeta e dele saem e o que efetivamente muda no modo como se vive o cotidiano terrestre? Melhora ou piora depois dessas sementeiras que terminam se transformando em religiões impositivas e excludentes?

Vocês já notaram quanto de problemas os legados religiosos acrescentaram ao fluxo da vida terrena, ao modo como se vive na Terra? Por que? Ah, mas a culpa é das trevas e dos corações empedernidos no erro por força da inclinação para o pecado, dirão alguns. Será?

Estou triste com Jesus desde que ele saiu da sua condição humana e sumiu! Procurei-o nos ambientes espirituais, por ele perguntei a demônios presos, a espíritos maturados pelas dores da evolução, a espíritos bem mais esclarecidos, a outros pacificados pelos próprios esforços nesse sentido, a mentores de todos os naipes e a resposta é uma vaga informação jamais aferida ou comprovada. Por isso, digo “sumiu”.

Parece que, em certo momento correspondente ao final dos anos 90 do século passado, ele teria tido um encontro com famílias espirituais operativas distintas, num ambiente espiritual próximo à Terra, mas sequer disso aqueles a quem julgo espíritos bem mais evoluídos em relação à media na qual me encontro conseguem confirmar. Alguns poucos afirmam que esta reunião foi, na realidade, uma projeção do seu espírito junto a muitos que ali estavam reunidos para esse mister.

Pergunto-me por que as coisas são assim mas não encontro respostas.

Este humano me faz chegar a sua reflexão de que em breve deverei vê-lo, mas tenho cá minhas dúvidas. Ainda que ele retorne, cumprindo sua promessa, que efetivamente ele a fez, pois assisti dos ambientes espirituais os tempos finais da sua vida, a minha pergunta continua sendo a mesma. Ainda que eu saiba a origem de muitos processos desconhecidos para os que vivem na Terra não tenho como não me questionar para que tudo isso e o porquê do *modus operandi*.

Eu não pedi para nascer e fui feita demônio para ser dada como um presente enganador para criaturas inocentes. Fiz-me mulher e fui taxada como pecadora. Introduzi o pecado original sem sequer saber que isso existia, mas se existe, meu não foi.

Posso não ser um espírito redimido, livre de problemas e inábil na arte do amor fecundo, mas se bem não estou, sei que em posição espiritual pior ainda está o criador de tudo isso, as tais autoridades divinas e outros tantos que friamente impõem as suas necessidades ou suas esquisitices aos demais.

Toda essa **aristocracia do absurdo** joga sobre os ombros humanos horrores que eles iniciaram, que eles mesmos geraram e não mais

conseguem administrar. Justiça divina, onde estás? Jesus, por que estás sumido?

Sei, como este humano costuma apontar, que a justiça divina nos envolve depois das atitudes cometidas. Está certo! Mas quantos crimes mais devem ser cometidos pelas autoridades que chegam na Terra, vão e desaparecem, e os demais são quem se obrigam a assumir o fardo?

É carma, dirão outros! Está certo! Mas, e quanto ao carma desses iniciadores de absurdos e da constatada ineficácia das suas gestões?

Bem, como afirmei no princípio desta narrativa, não sou espírito evoluído e nem a isso pretendo. Se o fosse, procuraria estar aqui fornecendo sementes de respostas para o sofrimento universal e meios para que isso viesse a ser resolvido por quem de direito. Mas não sou e não tenho respostas! **Contudo, da minha história, isso eu sei!**

Espanta-me, apenas, não saber por onde andam alguns desses espíritos evoluídos, superiores, divinos, que quando por aí passaram pontuando luzes e esclarecimentos, sempre souberam que o “realizado” não foi suficiente para promover o progresso espiritual dos terráqueos. Ainda que aplicados, esforçados, amorosos, sábios, poderosos, **o caos na Terra é tamanho que a multiplicação de problemas supera em muito qualquer possibilidade de solução planetária.**

Sinceramente, perdoem o meu aparente rompante, mas tenho acompanhado a quantidade de mensagens espirituais que aportam na Terra nas últimas décadas, e o aspecto “politicamente correto” que médiuns e espíritos comunicantes têm emprestado ao conteúdo das mesmas, parece primar pela elegância, esquecendo-se da análise real do que foi produzido. E reafirmo que não me encontro em nenhum umbral ou inferno. Muito ao contrário! A posição espiritual que desfruto me permite a lucidez para esse tipo de questionamento e de outros.

Lamento a inquietação do meu suporte humano perante mais uma dose de desabafo. Mas estou sendo honesta.

Acho que a esta altura da minha narrativa, mesclada nessa parte final à exposição de alguns dos meus pensamentos, quem me lê já percebeu que, efetivamente, fui honesta ao informar que não me preocuparia em ser agradável ou com a reafirmação do que muitos na Terra estão acostumados ou mesmo condicionados a pensar. Contudo, devo ainda ressaltar: cuidado com o “ide e pregai”.

Na perspectiva da qual parto, do posto de observação espiritual onde me situo, posso perceber, junto com outros trabalhadores espirituais, **o quanto de equívoco a sementeira evangélica provocou na bagagem espiritual de muitos caminhantes terrenos.**

O “ide e pregai”, pretensamente dito por Jesus, jamais foi no sentido de prosélito ou de aprisionar quem quer que seja numa visão religiosa. Era o seu legado filosófico, a sua ternura, o seu amor ousado e maduro, era, enfim, sobre o conjunto do lado suave do seu testemunho que Jesus um dia sonhou ver reproduzido para os seres humanos. Pelo mesmo é isso que claramente podemos perceber a partir dos ambientes espirituais vinculados com o mundo terreno. Em vez disso, tomaram o lado pesado do condicionamento imposto pela visão dos primeiros que se pensaram “cristãos”, e um padrão de **comportamento teologizado** é o que foi e até hoje está sendo “vendido” como sendo a “boa nova” do Cristo. **A sua “boa nova” nada tem a ver com a teologia orquestrada pelos seus seguidores.**

Nem os demônios, com o seu modo tosco de compreender as coisas, poderiam ter feito pior distorção na mensagem e na intenção do Mestre Jesus.

Pregar o evangelho com vistas ao proselitismo é tarefa infantil, desnecessária, e mais tem valido para dar meio de vida financeira e de fortalecimento a elites que se dizem cristãs. A pergunta é: qual a serventia disso? **Será que isso serve tão somente ao processo de infantilização e de perpetuação dessa postura nos que se deixam “salvar por Jesus”, ou seja, daqueles que estão sempre esperando receber?**

Será que os que esperam a salvação, sabe-se lá de que, e mais ainda, que outros os salvem, **são realmente pessoas bem-aventuradas ou simplesmente preguiçosas e sem potencial criativo para superar as dificuldades impostas pela vida?** E como elas um dia poderão crescer se esperam “receber graças” o tempo todo?

Mas o “ide e pregai” tem servido como meio para todo tipo de infantilização das palavras e das intenções de Jesus, e os que isso fazem ainda se arvoram em seguidores de Jesus, e donos da administração do seu legado. Ah, os seguidores....

Não foram poucas as vezes em que, no princípio desta humanidade, na altura do tempo em que nela mergulhei e dei início aos moldes da

presente geração, os “deuses” tentaram semear “pregações” entre clãs humanos da época, visando, exatamente, o estabelecimento dessa dependência psíquica. Infelizmente, todas elas tinham o veneno da tentativa de retomar uma dominação perdida “num acidente” ou “num incidente” no qual as coisas não saíram como eles esperavam.

Lutei contra todas aquelas tentativas de envenenar o psiquismo humano, recém liberto do jugo dos deuses e de outras forças dominadoras que agem nesta criação. Contudo, o tal viés do “sentimento de religiosidade” — e não o do progresso pelo esclarecimento espiritual — parece ter sido sempre o atalho preferido pelos eternos buscadores da perpetuação do poder.

O interessante é recordar que Jesus disse que seria dado a cada um de acordo com as suas obras, mas, estranhamente, no seu legado, saiu incrustada a notícia de que deveria se esperar receber isso ou aquilo de autoridades divinas e para tanto bastava ter fé. Que coisa maravilhosa! Quem haverá de construir o mundo, superando os desafios que a própria vida impõe, apenas com fé?

Infelizmente, basta observar o mundo ao redor de si, que o ser humano — que tiver olhos para enxergar — perceberá que nada mudou, e **que nem mesmo o legado de Jesus escapou à inevitável poluição das posturas simplórias**. Muito ao contrário: foi vitimado por essa questão que, de tão retomada sempre, veio novamente no seio da revelação espírita, apesar de que com o convite correto à percepção da responsabilidade espiritual pessoal e intransferível. As cores dominantes do catolicismo e do protestantismo na cultura europeia, ao tempo de Kardec, o impediram de dar um viés menos cristão **a uma revelação que sempre esteve além desta fronteira**.

O taoísmo refinado não faz prosélitos, o budismo idem, mas o cristianismo faz. Por que? Qual a serventia? Dominar a mente de todos na Terra? Deixo a resposta para quem quiser pensar por si mesmo!

Se o “**ide e pregai**” for referente à importância do amor, sou eu a primeira a querer absorver tudo e mais um pouco, pobre que sou em expressão amorosa. Mas se a pregação for para fazer valer o vício psíquico avassalador que prega a dependência e desconstitui a liberdade intelectual tão longamente conquistada pelo gênero homo e pela espécie sapiens, mil vezes possa, mil vezes tentarei gritar contra a falsidade do processo.

O que está em jogo é o fato de que **certas áreas do genoma humano têm que permanecer com a configuração que propicie a liberdade e o progresso espiritual** e, infelizmente, seres considerados como poderosos, não desejam isso por força da doentia postura de dominação que os marca — e eu, como Pandora, conheço isso muito de perto.

Esses seres **costumam tomar das bem intencionadas e maravilhosas sementes ofertadas por um Jesus, e as transformam numa rede de captura de incautos para alimentar a soberba e os caprichos de divindades mais falidas do que os “pecadores terrenos”**. Desculpem, mas se posso falar, não tenho como assumir a postura omissa de calar! Daí a minha gratidão a este humano que me permite a livre expressão do que penso e do que sinto.

Torno a afirmar para quem por ventura me lê que esse linguajar não é de origem rebelde, nada tem a ver, pois é puro inconformismo espiritual de alguém que sabe que toda essa história poderia ser diferente — e isso eu sei! É uma simples constatação que faço a partir das circunstâncias que vivi e nas quais ainda vivo. Esta constatação ou opinião não é somente minha. O problema é que o canal mediúnico “politicamente correto” não permite a expressão livre de muitos espíritos comunicantes. Isso posso facilmente perceber no cotidiano das tarefas promovidas pelo “lado de cá”.

Que os meus filhos e filhas terráqueos não percam totalmente de vista um aspecto que anda esquecido, talvez perdido nas análises superficiais feitas sobre os tempos mitológicos.

As mitologias foram geradas antes que as religiões atuais surgissem sobre os seus escombros. A afirmação pode parecer simplória, mas não é: o que hoje é classificado como mitologia, um dia foi revelação. Na verdade, representava a própria religião que “religava” uma raça separada/apartada — que pretendia ser livre — dos deuses, que não a queriam perder para dela poder se servir. Nesse sentido, ó minhas crianças, o sentido etimológico do tipo de religião (religare) que surgiu na Terra, tanto pode significar “religação” do ser terráqueo aos deuses e/ou a Deus.

Entendam que as religiões monoteístas somente surgiram depois das classificadas como politeístas. Isso implica em algo muito sério: **que as primeiras religiões surgiram para religar a espécie que a minha atitude de liberdade — e dos meus primeiros descendentes — havia**

provocado na recém desperta espécie homo sapiens, a tendência a se afastar do domínio dos deuses, fossem eles do tipo Caos, Zeus, o extraterrestre Enlil, ou qualquer outro.

As religiões politeístas e, depois as monoteístas, surgiram como forma de religar, de retomar o controle, de reconduzir a espécie livre para o domínio dos deuses. Infelizmente, esse sempre foi claramente o contexto.

Jamais, entre os terráqueos, esteve presente a questão referente a um Deus com “D” maiúsculo, amoroso e verdadeiramente onisciente e onipotente para além das fronteiras dessa criação problemática — essa abordagem ainda está por vir.

O “conceito maior” sobre Deus sempre esteve poluído pela compreensão menor imputada ao psiquismo humano. Mesmo a Revelação Espiritual se refere a um Deus perfeito em seus atributos, mas o vincula a esta criação cheia de mazelas, onde todos se sentem compelidos, pelo DNA que possuem, a matar o que necessário for para sobreviver. Convenhamos!

O que Caos/Javé fez no seu tempo foi apenas se auto-afirmar como sendo, dos deuses até então conhecidos pelos terráqueos, o único verdadeiro, o mais poderoso, no sentido de ter sido ele o criador de todos os demais. Portanto, o que hoje é taxado de mitologia (lenda, mito) precedeu em muito o abecedário das religiões que surgiriam mais tarde.

Sob essa perspectiva, quando as Musas ensinaram ao pastor Hesíodo a resgatar, sob a forma de canto (recitar em forma de canto), as notícias de um passado que precisava ser lembrado para os humanos, elas afirmaram que os pobres pastores tanto poderiam receber “muitas mentiras símeis aos fatos” ou “verdades”. Isso, porque, as Musas, como filhas de Zeus e de Mnemosyne (ne: a deusa da memória responsável pela posteridade dos registros históricos na cultura demoníaca), representavam para Hesíodo, exatamente a “garantia divina” da presença da verdade nos cantos postos na boca do recitador pela graça das Musas.

A noção mítica da verdade como “revelação” (ne: alethea, em grego) fazia e ainda faz parte da cultura das Musas em provocar o fenômeno da epifania no gênero humano. Mais tarde, entre os cristãos, o “espírito santo” provocava o mesmo padrão ou efeito semelhante.

A questão é que pude acompanhar dos ambientes espirituais, tanto um quanto outro episódio histórico, ambos ocorridos ao tempo da cultura

traduzida depois como sendo “grega”, onde verdade e mentira eram utilizadas conforme a conveniência dos “deuses”.

Sobre o primeiro, devo tão somente ressaltar que, quando Zeus, por volta de 800 a.C., que não mais controlava os terráqueos, tomou a decisão de deixar a cargo das Musas revelarem o que elas tinham registrado como sendo a “verdade” para a nossa cultura de então, ele estava agindo com boa intenção. Pelo que sei, Zeus tomou essa decisão, alicerçado na sua boa vontade de ser honesto para com os “semideuses”, gerados por ele, como forma de, no futuro, ocorrer um desdobramento desses fatos quando e se os tempos viessem a permitir.

Essa expectativa tinha e tem a ver com um tempo futuro quando os humanos da Terra começarem a se espalhar pela galáxia. Não se iludam: o destino dos seres biológicos do universo é deixarem seus mundos naturais para viverem em “superestações espaciais” universo afora.

Ele foi “influenciado” por alguns olímpianos e um certo titã já liberto do seu flagelo para assim fazer, pois era chegada a era do “crepúsculo dos deuses”. Tudo porque os portais entre os mundos extrafísicos e a Terra estavam se fechando, conforme uma inexplicável profecia que sempre fez parte dos anais demoníacos, mas que jamais havia sido convenientemente traduzida pela tosca compreensão da nossa estirpe.

Levado pelos “sentimentos daqueles dias”, Zeus pretendeu semear a verdade conhecida pelos olímpianos no circuito da cultura dos terráqueos.

Esse evento foi bem diferente de outros que ele mesmo e membros de civilizações que estavam estabelecidas na Terra, promoveram no passado com o intuito de impor a dependência pela fé e por meio de crenças motivadas pelo germe demoníaco, com vistas à dominação.

Javé fez isso no início da história dos demônios, tentando dominá-los, do mesmo modo como ele faria, mais tarde, com os humanos evolutivos. Finalmente, isso está acabando, pois **a liberdade espiritualizada venceu o tormento da imposição doentia** por um motivo bem simples, além de óbvio: o progresso e a ousadia podem dar jeito nas mazelas cósmicas da criação, enquanto o estilo em voga desde os tempos ditatoriais da tríade, somente tem conseguido piorar a situação.

FIM DO SILÊNCIO

Rompi o meu silêncio e o faço com a sensação de ter dito pouco do que gostaria; de não ter sido tão honesta como as Musas o foram para com Hesíodo. Nunca foi esse o meu mister.

Gostaria de dizer e aprofundar, em alto e bom tom, que legados como o de Sócrates e o de Platão, por muito errado que possam ser compreendidos, não têm como fazer mal a humanidade. Podem não ser úteis para muitos que até hoje não enveredaram pelos desafios que o progresso intelectual impõe a quem deseja evoluir espiritualmente. Contudo, heranças religiosas como as de Jesus, Moisés e Maomé — não por ordem necessariamente da responsabilidade desses heróis da humanidade — podem sim, quando mal utilizados por seguidores fanatizados, serem transformadas em verdadeiros infernos para quem deles sofre perseguição ou patrulhamento.

Deixo o registro da minha opinião mas não a aprofundo em respeito ao humano que me serve de apoio. Não porque possa achar que ele pensa diferente, mas sim, pela razão de que os argumentos que utilizaria, estes sim, feririam a sua sensibilidade e dos possíveis leitores em grau superlativo.

Daí o meu abraço à busca filosófica e ao esclarecimento espiritualizado e a minha distância prudente em relação ao sentimento de religiosidade infantil e inconsequente que tenho observado na Terra.

De onde me encontro, posso daqui ver quão dramático é o quadro dos sentimentos religiosos dos que vivem na Terra. A quantidade de sofrimento e de terror de crianças e de adultos que diariamente é emanado dos seus corações é de condoer ao mais frio dos espíritos. E o que me dói é a arrasadora constatação que sempre foi assim desde que as religiões, em sendo praticada do modo como até hoje o fazem os fieis seguidores dos seus dogmas e das suas ordenações comportamentais, assumiram a função de religar o ser terráqueo a sabe-se lá a quem, dependendo do caso. E o mais grave: isso parece não incomodar aos verdadeiros responsáveis pelo início de tudo e pela manipulação do que se encontra em curso. Como já aponte, Deus, o verdadeiro Deus de amor que acredito existir, parece-me ser um “Alguém” ainda muito distante de ser homenageado pelo conjunto das religiões que dominam a vida no planeta.

Busco ajuda junto aos meus irmãos e irmãs desencarnados com os quais eventualmente tenho convivido ao longo **desses últimos 6 mil anos**, e neles percebo as mesmas “inquietações e inexatidões filosóficas” que existem no meu espírito. Para a humanidade, contudo, parece-me que uma cota de esclarecimento pedagogicamente preciso foi destinada, enquanto sementeira no campo da revelação espiritual ofertado às crianças terráqueas — e, desculpem assim chamá-los, mas somos todos crianças espirituais quando aí estamos encarnados.

Poucos fogem à horizontalidade do que está posto como sendo a “verdade da hora”, de acordo com a capacidade de compreensão dos terráqueos. **Assim sempre agiram os mentores espirituais vinculados à “pedagogia do possível” e tudo o que foi revelado aos terráqueos tem essa vestimenta.**

A infantilização da humanidade tem a ver também com o terrível isolamento que foi imposto por uma série de motivos, segundo as notícias que estão disponíveis nos anais espirituais, pois que disso, a cultura demoníaca muito pouco sabe, pelo menos em relação aos “porquês” disso ter acontecido com as cores que ocorreu.

Agora, referindo-me tão somente a “um dos porquês” dessa situação de isolamento ter perdurado por tanto tempo, é questão que os pretensos senhores da criação um dia terão que se resolver com suas consciências, pois o prejuízo que causaram ao retardo do progresso terrestre é irreversível. O sofrimento de muitos expresso em gotas de sangue, suor e lágrimas é grotesco e incompreensível e somente assim é porque alguns definiram esse rumo como sendo o “possível”. Possível a quem?

Quanto à minha, único juiz com o qual me preocupo, afirmo ser inaceitável o que eles fizeram, estão fazendo e parece que ainda irão realizar, até que a consciência, sobre os fatos passados e presentes, seja do domínio das raças pensantes com razão filosófica suficiente para ostentar estranheza quanto ao modo como essas divindades falidas estão “coordenando” o caos que um dia geraram.

Parece que **somente o livre arbítrio espiritualizado dos seres evolutivos** é que terá o condão de ultrapassar ar os, até agora, insuperáveis problemas entre os “donos da vida” desta criação.

O fim do meu silêncio tem a ver com esse “**grito de repúdio**” ao que os demônios de primeira hora ainda impõem sobre os clones (muitos deles ainda inocentes), sobre os demônios que foram gerados a partir das

forças da tríade e sobre os seres biológicos pensantes do universo, isso sem falar no que sofrem os seres biológicos inocentes — animais da natureza terrestre, por exemplo — pois que carentes do apanágio da razão.

Quando mergulhada na natureza humana, como meu espírito já fez em quatro oportunidades, sempre me tornei alguém que gravitava em torno da sua vida comum, evoluindo na minha perspectiva de rota espiritual, mas nada pude fazer objetivamente em benefício dos meus ideais e pouco pude acrescentar ao meu conhecimento espiritual de Pandora. Mas assim ocorrem os eventos possíveis às circunstâncias que me envolvem.

De maneira diferente, quando me mantenho por aqui, nos ambientes espirituais de onde me encontro, acho que sou mais útil ao projeto que une todos nós desde que possa encontrar o necessário apoio, dentre os humanos, que torne possível a continuidade do fim do meu silêncio.

Sei que tenho que peregrinar pela Terra em muitas vidas, mas enquanto me for possível procurarei ficar mais no estado de desencarnado já que assim acesso com facilidade a **cota de informações que somente o meu espírito tem sobre aqueles dias.**

Somos poucos, os espíritos livres e disponíveis para esse tipo de processo informativo a partir dos ambientes espirituais vinculados com a Terra. E o que estava oculto precisa vir à tona, para que os tempos se renovem, **permitindo que certas etapas do drama cósmico possam, enfim, ser finalizadas.** Não há outro modo pois **a sujeira acumulada não está embaixo de nenhum tapete, mas sim, registrada nos espíritos de todos os que se envolveram, de algum modo, com esse complexo passado.** E esses espíritos precisam evoluir e, somente o poderão fazer vivenciando os fatos consequentes à semeadura equivocada, com seus fantasmas de um passado que ainda não morreu pois que vivo em seus corações e nas suas mentes.

Assim, **o oculto mal resolvido e cheio de marcações cármicas tenebrosas, não pode permanecer escondido, marcado tão somente na intimidade vibratória dos arquivos registrados nas mentes dos que vivenciaram os eventos definidores da raça humana e de outras.** Por isso que o próprio Jesus revelou que nada poderia permanecer oculto.

Por que ressalto essa questão? Por um motivo bem simples: este humano é tão somente o primeiro de uma série de uns poucos com os quais preciso firmar parceria de trabalho esclarecedor, sobre os pontos que aqui somente os abordo a título de início da minha tarefa, missão que me auto impus e para a qual tenho me preparado há milênios. Sobre os seus ombros já se encontra depositado um grande números de projetos esclarecedores adrede planejados, o que não foi e nem é o caso do que me é afeito.

O que me toca realizar, somente agora decidi levar a efeito, meio que “numa improvisação espiritual”, apesar de que sei, isso fere à sensibilidade de muitos, imaginar que “coisas” possam ser semeadas na Terra desse modo. Mas isso é crível! É fato. É produto do meu livre arbítrio e do dele. Somos, talvez, dos poucos livres para tamanha ousadia, principalmente ele, cujo espírito já se encontra enquadrado em vários projetos espirituais sonhados há muito por quem ele carinhosamente trata como sendo o seu Mestre Jesus. Não é o meu caso! Respeito-o mas não o tenho como meu mestre.

Ao tempo em que escrevo essas informações, estamos ainda ajustando o que mais poderemos produzir juntos, mas sei que será pouco ou mais nada. Por isso, peço aos meus irmãos e irmãs terráqueos que me perdoem se, ao longo dos próximos dois séculos, após terem contato com essas revelações, sentirem alguma tendência à reprodução de mais notícias desse naipe, por meio da parceria mediúnica ou processo que o valha.

Preferencialmente, tentarei envolver as polaridades femininas pois me serão mais fáceis de interagir, mediunicamente falando, isso por força de algumas características minhas que teimam por imperar ao longo do trabalho. Contudo, **não pensem que esta narrativa tem um viés feminista**, pois não é esse o caso.

Aqui faço a simples constatação que, mesmo na visão da mitologia judaico-cristã, que é a que condiciona a visão de mundo de muitos ocidentais, foi Eva quem primeiro percebeu o que “era certo e o que era errado”, e convenceu Adão a pensar do mesmo modo. Significativo, não?

Para uma visão adulta, perceber que o masculino veio primeiro, depois, o feminino, mas foi o feminino que, num primeiro momento acordou, despertou, transcendeu a consciência adormecida do gênero

homo, e depois é que o homem saiu da sonolência impositiva daqueles dias... Interessante!

Por que será que não foi o homo de polaridade masculina, o primeiro gerado, a despertar, a transcender a sua condição animal sem consciência de si mesmo? Além da história que apresento e de todos os seus desdobramentos, há um mistério profundo ainda por ser decifrado que responde à indagação, mas cujos elementos que poderão alicerçar essa possível elucidação, ainda não surgiram na compreensão humana, o que me impede de seguir adiante com o tema.

Recordo a quem me lê que, somente posso hoje me expressar através de um terráqueo sobre esses assuntos porque, agora, já se encontra disponível um conjunto de conhecimentos sobre “genoma”, “evolução”, “postulados quânticos”, dentre outros, que somente foram reproduzidos pelo avanço do conhecimento científico da humanidade há “pouco tempo”. Assim me expresso para explicar o porquê de “ficar para o futuro” a questão enigma que abordei. Mas esse “futuro” não é tão tardio assim e existem incontáveis painéis elucidativos que preciso produzir, enquanto me encontro espiritualmente desembaraçada de maiores problemas na minha retaguarda evolutiva.

Dia haverá para esta humanidade em que será percebido que nas três componentes básicas que estruturam um ser humano, a saber, o seu corpo, a sua programação mental e a sua condição espiritual, em todas elas, os chamados senhores da criação ou “senhores da vida”, foram obrigados a expressar as suas forças mentais, e nelas ficaram registradas as suas características. E **nossos espíritos carregam até hoje as “marcas” desse processo** e somente agora esse lado oculto da “realidade espiritual” também está sendo conhecido por aqui. Até então, somente os níveis espirituais bem mais elevados tinham consciência dos fatos anteriores aos tempos dessa criação universal.

Utilizando-me, agora, das nomenclaturas da trimurti hindu, Brahma/Caos, com sua energia rajas, personifica o que foi produzido como sendo a base da componente material da criação. Vishnu/Eros é a personificação do poder mental que programou e a dotou de algoritmos mentais que suportassem as emanções do que viesse a surgir na criação, por meio da força satva. Shiva/Tártaro, corrigiu o que lhe foi possível de tudo o que os dois haviam produzido, destruiu o inútil e o que impedia algum progresso na criação caótica, e fez imperar a sua força tamas

impondo, assim, a entropia e a chamada energia escura, pois que esse tipo de criação indesejada precisava um dia ter um fim.

Diante dos fatos desafortunados, **coube aos dois últimos adequarem as condições de todos os espíritos que iriam mergulhar na criação problemática**, possibilitando, assim, a atuação deles sobre os corpos materiais, clonados, demoníacos, biológicos e o que mais vier um dia a ser edificado nesse processo.

As marcas das suas forças mentais registradas nos corpos espirituais que compõem a cada um de nós, são retrabalhadas pelo livre arbítrio — no caso dos poucos seres libertos da dominação — de cada um, via a configuração do genoma das espécies, a cada momento da vida particularizada.

Os humanos da Terra, como já afirmado, formam o melhor produto já edificado no âmbito da criação, e daí o porquê desse jogo de poder, dos processos de manipulação infindáveis, em torno da natureza humana terráquea.

No passado, houve o "momento zero" dessa natureza. Agora, vivemos ainda o "momento um", no qual o psiquismo humano se encontra violentamente atordoado por tantas inverdades, dogmas toscos, crenças descabidas, temores e pavores de todos os tipos. **E a tarefa é justamente a de evoluir para o seu "segundo momento", quando esse mesmo psiquismo se pacificará em torno de um código filosófico espiritualizado e esclarecido.** É nesse porto seguro que o modo de ser terráqueo precisa atracar, ao longo dos próximos dois séculos, ainda que águas tormentosas ambientais e celestiais nos aguardem nessa travessia.

Enfrentaremos desafios em todos os quadrantes da vida humana, mas será o livre arbítrio dos seres livres que determinará o rumo dos acertos e equívocos inevitáveis às jornadas da vida em ambientes e circunstâncias tão complexas e difíceis.

Os seres biológicos são os únicos atualmente livres para evoluir e possivelmente conduzir o processo universal doravante. A Espiritualidade Maior somente pode "influenciar" amorosa e produtivamente a esses agentes do progresso universal. As demais classes de seres não podem evoluir por força do genoma doentio que ainda portam, o que também as impede de usufruir da ajuda espiritual via mediunidade.

Recordando-me do aprisionamento dos meus irmãos e irmãs demo, vejo-me na singular situação de poder ser o que desejo ser, tanto no conjunto das minhas experiências no viés humano, quanto no demoníaco. Contam-se nos dedos de uma mão humana os espíritos que se encontram nessa situação! E desculpem o aparente pleonasmo mas é que existem outras com quantidade de dedos bem diferente.

Desde aproximadamente a presença de Jesus neste mundo, até que o processo se consumou no ano de 2012, todas essas estirpes — as que ainda estavam livres — foram sendo atraídas de volta para suas moradas e agora todas elas se encontram aprisionadas após longos bilhões de anos atuando livremente. Bilhões de anos? — poderá alguém se perguntar. Sim, bilhões de anos no caso de muitas delas — as principais e geradas na “primeira hora” — outras, milhões de anos, e algumas, como a que pertenci enquanto filha de Zeus, há alguns milhares de anos. Assim é a vida no seu painel demo!

Às vezes me pergunto se o homem Jesus sabia de todo esse contexto. Penso que sim! Mas pelo que ele não fez depois, tenho cá minhas dúvidas. Seu equivocado fervor aos caprichos de Javé — assim poderá um dia ser visto pelos humanos — pode ter lhe ferido a sensibilidade a ponto de perceber na sua condição humana, muito tardiamente, que aquele ser jamais poderia ser confiável. Pelo menos enquanto ele não se superar na sua atual fase de decadência que tem perdurado ao longo da sua atribulada existência.

Torno a me referir ao tema para ressaltar que eu sou um dos poucos ex-demônios soltos, ao mesmo tempo em que todos os que um dia foram conhecidos pelas tradições do passado se encontram presos.

Transito por muitos desses lugares me deixando servir como uma esperança de boas notícias para eles em relação ao que os humanos possam estar fazendo.

Na Terra sei que ninguém me conhece — por enquanto. Por aqui, pelo no que agora labuto e pelo o que fui, sou bastante conhecida e disso me sirvo como posso, para ser útil aos que se encontram na retaguarda dos problemas acumulados do passado.

Mais para a frente voltarei a este mundo, novamente como mulher, mas não me procurem reconhecer. Como olimpiana, já fui exposta, de todas as formas possíveis, à aventura que marca o psiquismo comum a essa natureza, mas como humana, quero ser discreta para poder agir e

observar sem ser notada, enquanto me esforçarei para crescer em postura amorosa e em sabedoria.

Assim, posso aprender e sorrir o meu eterno primeiro sorriso, Monalisa de mim mesma, resolvendo os enigmas que fiz meus, perdida nas brumas da História.

Aos humanos da Terra, com respeito e carinho.

Pandora

POSFÁCIO

Estava vivendo o dia 18 de agosto do ano de 2014, quando me encontrava no aeroporto de Salvador, vindo de um seminário ocorrido na cidade de Feira de Santana, onde me defrontei com um almanaque de filosofia encadernado com edições lançadas anteriormente pela Editora Escala.

O preço era muita atraente e resolvi comprá-lo para começar a ler enquanto aguardava o voo para Vitória da Conquista, para de lá seguir no próximo dia para Guanambi, no interior da Bahia.

Quando me encontrava lendo um excelente artigo, escrito por Gustavo Dainezi, escutei uma observação feita por alguém que, somente alguns instantes depois, percebi ser Pandora.

Transcrevo, a seguir, o trecho do almanaque de filosofia que estava lendo, cujo título era “Conhece-te a ti mesmo”, para melhor ilustrar o evento ocorrido.

(...)

Conhece-te a ti mesmo, um jeito de filosofar: a máxima do conhecimento de si mesmo era uma das inscrições que adornavam o templo de Apolo, em Delphos, na Grécia antiga. Foi ali que Querofonte, um dos discípulos de um já popular Sócrates, formulou a questão que daria início a um jeito de filosofar. Perguntou à sacerdotisa quem era, afinal, o homem mais sábio. A resposta do famoso oráculo de Delphos foi precisa: Sócrates. Não tardou, a notícia chegou até ele.

Custou a Sócrates assimilar esta resposta. Por isso, passou a procurar um homem mais sábio que ele. (...)

Figuras famosas frequentavam a Ágora, havia heróis políticos e militares, grandes homens cheios de fama e glória, aos quais se atribuía grande responsabilidade pela pujança, pelo vigor e pela riqueza daquela nação.

Sócrates toma seus interlocutores pela fama que têm. Assim, quando conversa com um famoso general, busca saber dele o que é a coragem; quando dialoga com um sacerdote, busca saber dele o que é a piedade; ao político, pergunta o que é a justiça, e assim por diante.

O que Sócrates descobre — e este ponto é muito importante — é que estes doutos senhores sabem muito bem o que fazem, mas não sabem o que guia a sua ação. Como assim? Apesar de saber muito bem a

técnica da guerra, o general não consegue estabelecer com segurança o que é coragem. Conhece as técnicas de guerrear, mas não sabe por que guerreia.

Sócrates refutava os sábios da cidade até que desistissem de definir aquilo que os movia. Levava-os a um estado de exaustão em que eram obrigados a reconhecer que vivem sem saber, mas achando que sabiam. O homem é ignorante, então, duas vezes. Vive sem saber das coisas e não sabe que não sabe.

Nessa parte da leitura, foi quando escutei aguem falando próximo a mim: *“os demônios são ignorantes três vezes. Vivem sem saber das coisas, não sabem que não sabem e nada os motiva a romper essa pobreza de psiquismo. Nós jamais tivemos um Sócrates. **Somente após o surgimento da racionalidade terráquea foi que alguns, dentre nós, começaram a movimentar as suas consciências nessa direção. Aí percebemos quanto é doloroso existir e, paradoxalmente, o fizemos mesmo antes do tempo de Sócrates.**”*

Sorri com o comentário de Pandora, enquanto dela escutei: “mais tarde conversaremos”.

De fato, depois do voo, já no hotel em Vitória da Conquista, após finalizar os trabalhos de escrita noturnos, entre nós estabeleceu-se, então, uma rápida e inusitada “conversa”.

— Você se refere aos demônios sábios da antiguidade mitológica? – perguntei.

— Sim, e um pouco antes do tempo que você imagina. Alguns dentre nós se autonearam de algum modo, com o objetivo de se isolar das hierarquias demonizadas, para poder pensar por si mesmos. Logo perceberam que éramos todos trabalhadores sem salário de uma empreitada estabelecida sobre os nossos ombros. Haja fardo! É escravidão!

— De fato, mas há o aspecto do “favor divino” que procurei abordar em outro livro e, pelo visto, você já conheceu...

— Bem você o fez, mas não penso que explique tudo. Para nós, demônios espiritualizados, faltou algo na sua abordagem que, conforme penso, por você mesmo preferiu não fazê-lo.

— Realmente, existem ainda mais alguns aspectos que dizem respeito à questão que eu bem podia ter, então, ressaltado, mas preferi

não seguir adiante para evitar contendas com Javé, que sempre me maltratavam o corpo e o psiquismo.

— Pude ver como tudo aquilo se passou pois já me encontrava próximo a você. Por falar naquele episódio que houve entre vocês, quanto ao “Favor Divino”, você irá mesmo publicar este livro que agora produzimos?

— Em sua homenagem... penso que sim, não me sinto com estatura para não fazê-lo. Só não sei quando, se logo que o terminar de corrigir ou se mais tarde.

— Que seja, você refutou Zeus em duas oportunidades e não me refuta, e isso já me satisfaz sobremaneira. Por que você refutou Zeus? Por que não levou adiante a sua mensagem quando ele quis se revelar aos humanos por seu intermédio?

— Não saberia dizê-lo. Talvez pelo momento em que a tentativa da abordagem se deu. Não gosto de ser usado para esse tipo de coisa, nessas circunstâncias em que vivo e você deve saber disso pois parece que tem me acompanhado há algum tempo ou muito tempo, sei lá.

— Se não fosse por Zeus nós não estaríamos aqui, não teríamos chegado a este momento, Jesus não teria vindo, os demônios não teriam atingido a massa crítica que permitiu a alguns de nós cumprir com a nossa função intermediária nessa história. Zeus foi quem colocou ordem no processo caótico que vinha se consumindo e aniquilando também os **possíveis agentes de uma revolução sem rebelião**, que é o que estamos agora fazendo.

— Nunca pensei dessa forma e não sei se compreendo o que você está falando sobre Zeus.

— Não há mesmo importância, pelo menos por agora. Muita coisa ainda precisa ser reposta ao seu redor, tanto na perspectiva de cá como na da que você vive.

— Isso deve ser a sua opinião...

— Acredite, falo em nome de muitos do lado de cá, sejam os da minha estirpe como também os nossos próprios mentores espirituais.

— Pandora, não faça parte disso...

— De quê?

— Alguns dentre os espíritos e outras classes de seres tentam me envolver com esse tipo de assunto para que eu passe a pensar que vou viver muito enquanto cidadão terráqueo. Não há como e nem mesmo me interessa. Vivo bem de qualquer modo e em qualquer lugar. Para mim, tanto faz estar por aqui ou desencarnado, seja onde for. Será sempre o espírito que me anima quem existirá pois, eu mesmo, com esta cota quântica construída nesta vida, pretendo me aposentar de vez...

— Você brinca com algo muito sério. Sei que para você tudo está bem mas há tantos que precisam dos concursos singulares e o seu é sempre marcado pelos mesmos fatores e parâmetros.

— Não estou brincando e lamento que você não perceba como estou falando sério. O modo ditatorial como o criador agiu e age vitimou os demônios e os egos dos evolutivos, e nem mesmo Jesus parece ter escapado desse problema. Não quero mais vivenciar isso. Viver dessa ou daquela maneira, o posso muito bem fazer. O que estou dizendo é que o “sentir-se especial”, é um dos piores venenos e tudo o que vem por meio dos três da trimurti, sempre aqui chega com esse tempero: “eu sou isso”, “eu sou aquilo”, “sou assim com Deus”, basta! Isso tudo é muito demoníaco, desculpe, ó Pandora...

— Tem razão, isso sei, e contra isso luto, mas não é bem esse o caso do seu espírito frente os nossos olhos. Contemplamos-lhe como alguém cujo ego encarnado sempre se apoia na sua própria filosofia, vida após vida, no seu próprio modo de viver e de enxergar a realidade. É característica do espírito que lhe anima. E isso é raro. Você é livre, um livre pensador, e são poucos os que de fato usam da liberdade mental para evoluir e semear o bem.

— É me desagradável fazer esses registros pois sou eu quem transcreve e pareço estar comentando sobre mim mesmo, pelo que rogo, paremos com isso, pois não levarei essa conversa adiante. Não tem sentido! Agradeço a sua gentileza mas...

— Não, você não pode me despedir agora e nem muito menos assim. — disse uma Pandora sorridente. — Se demônio fui, hoje assumo-me como uma bela dama terráquea-espiritual, e assim falo para que me veja elogiando a mim mesma, mas é pura tagarelice para lhe manter acordado, pois sei já ser tarde para a sua condição humana. Há, de fato, uma outra bela dama que daqui lhe olha com admiração, mas não posso lhe transmitir o que dela escuto pois você não registraria as razões elogiosas para tanto. Refiro-me à minha antiga amiga demonizada

Héstia, a mais bela dentre todas nós e ainda assim ela permanece. Estimamos, eu, ela e Medeia, que o fluxo da renovação da antiga mitologia grega possa encontrar em você, ainda no tempo dessa vida, um amparo para que possamos reparar equívocos do passado, pelo menos no campo da informação útil. Zeus clama aos céus por isso!

— Não sei o que dizer... acho que não vai dar certo pois é muita coisa e já não encontro forças no corpo que utilizo para mais empreitadas. A minha condição humana já sucumbe em velocidade ascendente para que eu me liberte disso... não há motivação de minha parte para que eu force um processo contrário que possa isso retardar. Deixo que aconteça o que tiver que acontecer e por isso penso que não dá mais para muita coisa.

— Não fale mais nada, apenas me escute... sei que o que você faz somente o que faz pensando nas gerações futuras, pois percebeu que, se hoje não for você a abordar esses assuntos do modo como o faz, ninguém, até agora, tem se apresentado para fazê-lo com as mesmas cores. Muito lhe agradecemos...

— Veja bem, vamos parando por aqui... Não quero ser desagradável, mas são muitas as vontades dos psiquismos que aqui se congregam junto contigo, ó Pandora. Mas a minha vontade...

— Sei, sei, como você já o disse em uma das suas crônicas, sua vontade é somente a de dormir, mas... irá mesmo publicar este livro, não irá? Do modo como o estamos finalizando?

— Sim, tem a minha palavra... ainda que me arrependa depois.

— Despeço-me, pois, dizendo que acho que algum “deus” me deu o que não devia, pois disso fiz o meu voo mental para me libertar do jugo criminoso daqueles seres. Talvez Hefesto tenha “falhado” intencionalmente em algum aspecto do meu ser demoníaco, ou mesmo a **minha amiga Héstia** — e penso que a nossa relação era a única de amizade que vigia entre aqueles seres — durante o tempo em que lá permaneci antes de “descer” para a convivência com Epimeteu e com os demais humanos, **pode ter me dado um dos seus legados misteriosos**. Não sei ao certo! Apesar de transitar livremente pelos quadrantes de toda essa história, não conheço ninguém que possa esclarecê-la. Acho que o que sei é o que de melhor existe sobre o assunto ou, pelo menos, é a única opção de verdade que até hoje vislumbrei.

— É, e assim caminhou esta humanidade, criada doente e obrigada a ser sadia. Entre acasos e acidentes a espécie homo sapiens foi se formando. – disse, de minha parte, tentando encerrar o assunto.

— É um clichê interessante. –ponderou Pandora.

— Clichê?

— Sim. Entre os demônios existem muitos clichês. Um dos que mais gosto é o de que, para os humanos, um mais um não são dois, mas sim, “nós”! Existe uma força emergente no “nós” humano que ainda não foi devidamente percebida como sendo o algoritmo mais precioso entre os muitos que existem nesta criação. **Esse é o velho ideal de Eros. Os humanos conseguiram! Os demônios apenas contribuíram.** Entre os demônios nunca houve um “nós” com a força que os humanos conseguem emprestar a esse tipo de ligação.

Fiquei em silêncio enquanto refletia sobre o eco das palavras de Pandora na minha sensibilidade.

A expressão “clichê” me lembrava uma música, cuja letra e melodia começaram a povoar o meu psiquismo na voz de Renato Russo, última versão que escutara dessa música há algum tempo.

Olhei para a sua bela forma espiritual meio que “levitando” próxima a mim.

— Posso lhe dizer ainda algo, antes que você me despeça pois sei que está deveras cansado?

— Claro!

— Sabe qual foi o primeiro “nós” que existiu entre um espírito fortemente demonizado e um humano já livre dessas questões?

— ...?

— Este, que acabamos de formar, para resgatar essas notícias do passado. É somente a primeira pedra jogada no lago do esquecimento. Muitas ondas irão agora se propagar a partir do que fizemos.

— Eu não sou bom nadador, Pandora, e nem levo jeito para surfista.

— Você não faz ideia do quanto é importante para todos nós, “desse lado de cá”, não é mesmo?

— Sinceramente, não vejo como! A farsa que nos envolve não deixa clima para que eu me engane com colocações desse naipe vindas

da espiritualidade, dos tais anjos ou seja lá de quem for. Não me leve a mal!

— De forma alguma, eu compreendo e sei que muitos daqui entendem o que você está passando, mas, realmente, você não se permite perceber o quanto o seu concurso é importante.

— Como já disse, a essa altura dos fatos, pouco se me dá se isso é procedente ou não. Repouso na paz de consciência que eu mesmo consigo produzir. Quanto ao resto, não me diz respeito e, desculpe a frieza das palavras, pouco se me dá se as musas me envolvem com verdades ou generosas mentiras – disse, enquanto sorria na direção de Pandora.

Ela novamente sorriu e começou a se elevar, numa certa direção, enquanto dizia:

— Vá dormir que é melhor. Bons sonhos e obrigada pelo apoio. Sem o seu concurso eu iria permanecer na “noite do meu passado”. Agora, renasço para o futuro.

Lá se foi Pandora, para onde, não sei. Quanto a mim, dirigi-me ao sono reparador, sem expectativas e sem esperanças, apenas sonhando com as utopias que alimentam um psiquismo humano bastante cansado, cansado além da conta, tão cansado que o roubo das horas de sono ao corpo transformadas em produção literária já não me pareciam justificadas.

Relembrei-me, então, do tema de um antigo musical que retratava os momentos em que as coisas davam erradas nos espetáculos circenses. Era, então, chegada a hora de chamar os palhaços para entreter a plateia, no mais puro clichê!

“É, as divindades faliram e os deuses saíram do picadeiro, mas o cenário continuava de pé e lá estava eu, o palhaço de sempre.” - pensei comigo mesmo.

Que Pandora pudesse me desculpar, mas fui dormir solfejando o início da composição de *Stephen Sondheim*, “Send in the clowns”:

*Isn't rich, are we a pair? (Não é precioso, nós
somos um par?)*

*Me here at last on the ground, (Eu aqui,
finalmente no chão)*

You in mid-air. (você no meio do ar)

Send in the clowns. (Que entrem os palhaços).

Jan Val Ellam

SOBRE O AUTOR



“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Para mais informações:

www.ieea.com.br

contato@conectareditora.com.br



PROJETO ORBUM



Filie-se espiritualmente a esta idéia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

ROTEIRO DE LIVROS

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante. Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia “**Queda e Ascensão Espiritual**”:

Reintegração Cósmica

Caminhos Espirituais

Carma e Compromisso

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlán, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre

Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus

Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia

Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I e II

Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final e da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo - Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos três grupos distintos:

Grupo 1 – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino - Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as

criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretense domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Grupo 3 – Temas Complementares.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

* * *

Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

IEEA



Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.
 - Leia livros do autor antes mesmo dos lançamentos oficiais.
 - Assista vídeos de palestras não públicas
 - Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smarthones.

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

CRÉDITOS

O Sorriso de Pandora Copyright © Jan Val Ellam, 2015

Todos os direitos Reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Editor: Gabriela de Paula Pessoa Diagramação: Krysamon Cavalcante Capa: Luciana Lebel
Revisão: Túlio Cavalcanti da Rocha Impressão: Gráfica RN Econômico 1ª edição – 2015

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

Rua Açú, 569/Sala 6 – Tirol – CEP 59020-110 – Natal – RN

Telefone: (84) 3081-0199 – contato@conectareditora.com.br

[Website Conectar Editora](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E46c Ellam, Jan Val, 1959-

O sorriso de Pandora/Jan Val Ellam;

(Org.). Natal: Conectar Editora, 2015.

186 p., 21 cm.

1. Filosofia. 2. Espiritismo. 3. Pandora - Mito. 4. Anjos. III. Título.

CDU 133.93

Elaboração: Irany Gomes Barros – CRB/7-3569

Índices para catálogo sistemático:

1. Javé e a sua história : Revelações :

Espiritualismo 133.9

ISBN 978-85-62411-25-0

Table of Contents

[Página de Título](#)

[Sumário](#)

[Introdução](#)

[1. Ecos de um Passado Esquecido](#)

[2. Os Anais de uma Cultura Perdida](#)

[3. Prometeu e os Olímpianos](#)

[4. A Maldição do Rei dos Deuses](#)

[5. O Vício de Epimeteu](#)

[6. A Opção Inusitada de Pandora](#)

[7. Enfim, um Sorriso](#)

[8. O Enigma da Esperança](#)

[9. Adão e Eva Bíblicos](#)

[10. Livre da Maldição](#)

[11. Indisfarçável Herança](#)

[12. Menosprezo Inconsequente](#)

[13. Cuidado com o “Ide e Pregai”](#)

[14. Fim do Silêncio](#)

[Posfácio](#)

[Sobre o Autor](#)

[Projeto Orbum](#)

[Roteiro de Livros](#)

[IEEA](#)

[Créditos](#)